

LADAINHAS DE NOSSA SENHORA EM PORTUGAL

(Idade Média e séc. XVI)

INTRODUÇÃO

Ladainha, escreve Enrico Cattaneo, «ha il senso generale di preghiera ed ancor più quello di supplica d'intercessione. Stilisticamente appare come una formola concisa mediante la quale l'assemblea cristiana si unisce alla preghiera del ministro sacro partecipandone intimamente le sante intenzioni» (1).

Esta definição anda longe de nos parecer perfeita, não só por referir-se unicamente às litânias cristãs e deprecatórias, mas também por haver fórmulas concisas de oração em que o ministro sagrado e os fiéis comungam intimamente nas mesmas intenções, sem que por isso haja uma autêntica ladainha. É o caso de certas jaculatórias rezadas em comum.

Giuseppe De Luca considera ladainhas «talune preci, distinte per la loro forma caratteristica di brevissime, successive invocazioni (*Sancta Maria; omnes Sancti et Sanctae Dei; ecc.*) o supplicazioni (*Ut nos adjuvare digneris; ecc.*), raccolte e concluse in gruppi omogenei de identiche ricorrenti implorazioni (*ora pro nobis; libera nos, Domine; te rogamus, audi nos; ecc.*)» (2).

(1) ENRICO CATTANEO, *Litanie*, «Enciclopedia Cattolica», 7 (Cidade do Vaticano, 1951) 1417.

(2) GIUSEPPE DE LUCA, *Litanie (Cristianesimo)*, «Enciclopedia Italiana», 21 (Roma, 1934) 275.

Está quase tudo certo. No entanto, tal definição esquece o facto de haver litanias em que faltam as *implorazioni*, ocupando o lugar destas uma saudação à Virgem Maria, por exemplo, *Dominus tecum!* E a mesma dificuldade podemos opor a Francis Mershman, que, num artigo da *Catholic Encyclopedia*, afirma que as litanias são «a well-known and much appreciated forme of responsive petition, used in public liturgical services and in private devotions, for common necessities of the Church, or in calamities» (3).

É com vasta erudição que F. Cabrol nos fala das ladainhas e da sua evolução histórica, acentuando o seu carácter de súplica ou prece de intercessão. Contudo, nestas colunas atochadas de documentos, em vão procuramos uma definição perfeita das ladainhas, que convenha a todas elas e sòmente a elas (4).

Porquê? Porque basta ler os textos citados por Du Cange (5) para nos convenceremos de que, já no séc. V, não se conciliavam as opiniões, acerca do significado real de tal palavra.

Pela nossa parte, julgamo-nos incapazes de apresentar uma fórmula aceitável para todos, enquanto não se chegar a acordo sobre o objecto a definir e os seus limites exactos.

Com efeito, há orações que alguns consideram litanias e outros não. Explica-se tal divergência pela extrema fluidez destas formas de oração — umas completamente evoluídas e outras em estado mais ou menos embrionário, se tomarmos como termo de comparação algumas ladainhas bem definidas dos nossos dias.

Sem querermos realizar o impossível e limitando-nos às litanias plenamente evoluídas, podemos dizer que elas são, na sua linha essencial, uma série de invocações (*Santa Maria! Santa Mãe de Deus!*) e orações deprecativas ou laudativas bastante curtas (*Roga por nós! O Senhor é contigo!*) em que a parte mutável pode ser rezada por quem preside à cerimónia religiosa e a parte fixa (em extensão maior ou menor da ladainha) pode ser repetida pelo coro ou pelo povo, à maneira de refrém (*Da fome, da peste e da guerra, livra-nos, Senhor! Da morte eterna, livra-nos, Senhor!*)

(3) FRANCIS MERSHMAN, *Litany*, «Catholic Encyclopedia», 9 (Nova Iorque, 1913) 286.

(4) F. CABROL, *Litanies*, «Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne», 9 (Paris, 1930) 1540-1571.

(5) DU CANGE, *Glossarium*, 5 (Paris, 1938) 121-123.

Uma série de ave-marias não constitui uma ladainha, porque falta a diferença duma para outra. Jaculatórias sucessivas e diversas também não, por faltar o *refrém* comum a todas elas ou, pelo menos, a um ou mais grupos. Já não diríamos o mesmo duma série de jaculatórias em parte diferentes e em parte iguais entre si.

Todas as definições, no entanto, nos parecem precárias, ao tratarem de coisas vivas. O leitor verá esta hesitação em mais dum ponto do nosso estudo, derivada da própria hesitação das coisas inacabadas e como que à procura da forma perfeita. Poderemos nós definir uma realidade ainda mal definida?

Encontraremos, por exemplo, uma série de invocações marianas que abrem por *Ave!* Apesar de ter uma parte fixa e uma parte móvel, não seria fácil a sua reza alternada, pelo sacerdote e pelo povo. E apesar disso, tem muito de ladainha:

Ave, dignal!
 Ave, Virgal!
 Ave, flos!
 Ave, nubes!
 Ave, regina!
 Ave, theoteca!
 Ave, imperatrix!

Perante estes factos, perguntamos a nós mesmo se não seria melhor admitir duas espécies de litanias: individuais e colectivas. Estas *podem* servir para rezar em comum. Aquelas, não. Se quisermos, poderemos considerá-las incompletamente evoluídas. Neste caso, a nossa definição de litanias aplicar-se-ia unicamente às colectivas.

Temos a distinguir entre litanias deprecativas, laudativas e mixtas. Nas ladainhas dos santos predomina esmagadoramente o elemento deprecativo: *S. Pedro, roga por nós! S. Paulo, roga por nós!* Ou então, após o nome de cada santo, *tu illum adjuva!* Pelo Papa ... *Salvador do mundo, ajuda-o! S. Pedro, ajuda-o! S. Paulo, ajuda-o! Pelo rei coroado por Deus, a ele a vida e a vitória! Salvador do mundo, ajuda-o! S. Maurício, ajuda-o! S. Sigismundo, ajuda-o!* Pela rainha, a ela a luz e a graça! *Luz do mundo, ajuda-a! S. Perpétua, ajuda-a!* Pelos juizes e pelos soldados cristãos, a eles a vida e a glória! *S. Jorge, ajuda-os; S. Teodoro, ajuda-os!*

Cristo vence! Que Deus conserve o Papa! *Feliciter! Feliciter! Feliciter!* Por muitos anos (6)!

Nas ladainhas de Nossa Senhora, temos frequentemente louvor e deprecação. Damos um título glorioso à Virgem Maria (*casa de ouro, arca do Testamento, porta do céu*) para depois acrescentarmos uma súplica: *roga por nós!*

Porém, encontrámos um exemplar de ladainha mariana esmagadoramente laudativa, em que, depois da invocação, o povo responde com a frase do anjo à Virgem Maria: *Dominus tecum!* O Senhor é contigo! No fim de tudo, uma curta oração deprecativa e nada mais. Estamos na presença duma ladainha tipicamente laudativa.

Dissemos atrás que nem sempre é fácil dizer, diante de certos casos concretos, se estamos ou não perante uma ladainha autêntica. Esta incerteza vamos encontrá-la em Soror Maria do Baptista, no *Livro da Fundação do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa*. Na verdade, vemo-la chamar *ladainha* e, depois, *hino* à mesma composição poética, cujo refrém comunica ao conjunto uma sabor claramente litaníaco: *Da nobis quod petimus!*

Por este e outros motivos, pedimos ao leitor uma flexibilidade igual à do género literário que temos entre mãos.

Onde desencantámos nós as ladainhas marianas adiante publicadas? Em *Livros de Horas* e vários manuscritos (iluminados ou não) da Torre do Tombo, da Biblioteca Nacional de Lisboa, da Biblioteca Municipal do Porto, da Biblioteca Pública de Évora, das bibliotecas do Palácio da Ajuda, do Palácio de Mafra e do Museu Regional de Aveiro; finalmente, em livros impressos em Portugal, que nomearemos a seu tempo.

Eram ladainhas rezadas em Portugal e no mundo português (por exemplo, na Índia) mas isto não significa que sejam de origem lusíada. Na maioria dos casos, nem sabemos onde elas nasceram. A sua publicação tende a facilitar um possível estudo de maior envergadura sobre as litanias marianas e as suas migrações através do mundo.

Arquivamos somente as ladainhas marianas rezadas ou cantadas no mundo português, até final do séc. XVI. De duas delas, conserva-se ainda a música, que também publicamos.

(6) *PL.*, 138, cols. 889-890.

Estas litânias são muitas e diversas. A todas elas damos um nome concreto, derivado de qualquer nota mais característica que as distingue das outras, do autor a que pertencem ou a quem foram atribuídas, do lugar onde se rezavam ou do manuscrito donde foram tiradas: *Laudes-litânias de Mestre André Dias*; *Ladainha do Pseudo-Boaventura*; *Ladainha do cód. alc. 37*; *Ladainha do Livro de Horas da Rainha D. Leonor*; *Ladainha pequena do Pseudo-Boaventura*; *Ladainha de Sancta Maria Mater*; *Ladainha de transição do devocionário da Ajuda*; *Ladainha do Dominus tecum*; *Avel*; *Hino-ladainha do Mosteiro do Salvador*; *Ladainha de Nossa Senhora do Rosário*; *Ladainha da Sagrada Escritura*; *Ladainha do Ilum. 619, da Biblioteca Municipal do Porto*; etc.

Não descobrimos nenhum exemplar da litania de Nossa Senhora agora em uso e chamada lauretana, a não ser no primeiro quartel de seiscentos e daí em diante. Apesar disso, devia rezar-se entre nós, a partir do século anterior, embora muito menos do que hoje em dia. À frente diremos porquê.

Dissemos nós que, depois do séc. XVI, não tratamos nestas páginas, a não ser por acaso. É tarefa para outros ou para outra ocasião. Contudo, lançámos mão de impressos e manuscritos desta época mais tardia, para mostrar a longa sobrevivência de certos tipos arcaicos de ladainhas.

Precisamos da paciência do leitor para o primeiro capítulo. Talvez lhe pareça inútil. Porém, resolvemos publicar esse bosquejo rápido das litânias em geral, porque só neste enquadramento será fácil situar *geograficamente* (permitam-nos a expressão) as ladainhas de Nossa Senhora, simples ramo duma vasta florescência literária e religiosa. E também devemos compreender a necessidade do segundo capítulo, sobre a génese das litânias marianas. Veremos que elas enraízam num *estilo* e numa atitude interior, influenciando, por seu turno, outros géneros literários.

No final do *Auto em pastoril português*, Gil Vicente põe alguns clérigos a cantar, diante da imagem da Virgem Maria:

Oo gloriosa senhora do mundo,
excelsa princesa do ceo e da terra,
formosa batalha de paz e de guerra,
da sancta Trindade secreto profundo,

sancta esperança, oo madre d'amor,
 ama discreta do filho de Deos,
 filha e madre do senhor dos ceos,
 filha e madre do senhor dos ceos,
 alva do dia com mais resplendor.

[.....]
 oo cedro nos campos, estrela no mar,
 na serra ave feniz, hũa soo amada,
 hũa soo sem macula e soo preservada,
 hũa soo nacida sem conto e sem par.

[.....]
 oo porta dos paços do muy alto Rey,
 camara chea de Spirito Sancto,
 janella radiosa de resplendor tanto
 e tanto zelosa da devina ley.
 Oo mar de sciencia, a tua humildade
 que foy senam porta do ceo estrellado,
 oo fonte dos anjos, oo orto cerrado,
 estrada do mundo pera a devindade.

Senhora do mundo, princesa, segredo da SS. Trindade, mãe do amor, mãe do Senhor, alva do dia, cedro, estrela do mar, sem mácula, câmara do Espírito Santo, janela, porta do céu, fonte, horto cerrado, caminho para Deus — tudo isto vinha também nas ladainhas da Virgem Maria. Eram invocações que andavam, como notas de música, na atmosfera piedosa daqueles tempos impregnados de lirismo religioso.

CAPÍTULO I

Preces Litânicas e Ladainhas

Vinham de muito longe, as ladainhas. Os pagãos rezavam certas preces de forma litaníaca, nas cerimónias de Ísis e de Zeus Sosípolis. Conhecemos, igualmente, a famosa passagem de Lactâncio, no *Livro da morte dos perseguidores*, contando-nos a visão de Licínio, no séc. IV. Apareceu-lhe, de noite, o Anjo do Senhor e ensinou-lhe uma oração em forma de ladainha, para ele e os seus soldados rezarem, antes da batalha:

Summe Deus, te rogamus.
 Sancte Deus, te rogamus.
 Omnem justitiam tibi commendamus,
 salutem nostram tibi commendamus,
 imperium nostrum tibi commendamus.
 Per te vivimus,
 per te victores et felices existimus.
 Summe sancte Deus, preces nostras exaudi.
 Brachia nostra ad te tendimus.
 Exaudi, sancte summe Deus (7).

Da analogia entre as ladainhas cristãs e as pagãs, concluíram alguns liturgistas que o catolicismo herdara do mundo greco-romano o estilo litânico (o que em si nada tem que ver com o dogma). E a propósito das ladainhas que principiam *Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat*, Kantorowicz escreve estas linhas exactas:

The hails to the military qualities of Christ with the refrain *Christus vincit* have been considered reminiscent of tropes. They are, however, the *laudes Christi* proper, the acclamations to Christ and his specified virtues, which henceforth will be referred to as the *laudatory section*. These hails, too, can be traced to the imperial acclamations of later Rome if we may trust the *Historia Augusta*. Here we find acclaims to the imperial virtues, for example:

Alexander Auguste! Di te servent!
 Verecundiae tuae,
 Prudentiae tuae,
 Innocentiae tuae,
 Castitati tuae...
 Alexander Auguste! Di te servent!

or:

Antonine clemens! Di te servent!
 Philosophiae tuae,
 Patientiae tuae,
 Doctrinae tuae,
 Nobilitati tuae,
 Innocentiae tuae;
 Vincis inimicos,
 Hostes exsuperas! Di te tuentur (8)!

(7) *PL.*, 7, col. 264. ERNST H. KANTOROWICZ, *Laudes Regiae. A Study in Liturgical Acclamations and Mediaeval Ruler Worship* (University of California Press, 1958) 20-21.

(8) *Ib.*, 18-19.

E a propósito das *acclamations* cristãs, já em uso pelo menos no séc. V, observa o mesmo autor:

The acclamations are the pith of chant and to this nucleus all the other elements are contributive factors. This acclamatory figure is very old. Within the Church ritual it is known since the fifth century at the latest; for example:

Exaudi Christe! Augustino vita!

or:

Exaudi Christe! Theodorico vita!

Exaudi Christe! Symmacho vita!

However, this combination was not first created by the Church; it is considerably older. The *vita*-acclaim is of indeterminable age, and the *Exaudi*-invocation is likewise pre-Christian. As in so many rites of the Church, Christ has replaced the Roman emperor in the invocation. The imperial form was:

Exaudi Caesar! Delatores ad leonem!

Exaudi Caesar! Speratum ad leonem⁽⁹⁾.

Porém, nem sempre precisamos de recorrer à tradição imperial de Roma, sobretudo em ladainhas doutros tipos. Muitas vezes, as ladainhas podiam inspirar-se em preces similares dos judeus, como a doxologia, a anáfora e os cantos salmódicos. Em coros e com refrém, cantavam-se também os salmos 135 e 117, numa procissão, à maneira das litanias⁽¹⁰⁾.

Considera-se, justamente, o salmo 135 como modelo de oração litaníaca, na *Bíblia*:

Glorificai ao Senhor, porque é bom, porque a sua misericórdia é para sempre.

Glorificai ao Deus dos deuses, porque a sua misericórdia é para sempre.

Glorificai ao Senhor dos senhores, porque a sua misericórdia é para sempre.

O que faz grandes maravilhas só, porque a sua misericórdia é para sempre.

O que fez os céus com inteligência, porque a sua misericórdia é para sempre.

(9) *Ib.*, 16-17.

(10) F. CABROL, *Litanies*, «Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne» 9 (Paris, 1930) 1569. Nesta passagem, vem salmo 35, decerto por lapso tipográfico.

O que firmou a terra sobre as águas, porque a sua misericórdia é para sempre.

O que fez os grandes luminares, porque a sua misericórdia é para sempre.

O sol para presidir ao dia, porque a sua misericórdia é para sempre.

A lua e as estrelas para presidirem à noite, porque a sua misericórdia é para sempre.

O que feriu o Egipto com os seus primogénitos, porque a sua misericórdia é para sempre.

O que tirou a Israel do meio deles, porque a sua misericórdia é para sempre.

Com mão poderosa e braço excelso, porque a sua misericórdia é para sempre.

O que dividiu em duas partes o Mar Vermelho, porque a sua misericórdia é para sempre.

E tirou a Israel por meio dele, porque a sua misericórdia é para sempre.

E precipitou o Faraó e o seu exército no Mar Vermelho, porque a sua misericórdia é para sempre.

O que conduziu o seu povo pelo deserto, porque a sua misericórdia é para sempre.

O que feriu os grandes reis, porque a sua misericórdia é para sempre.

E matou os reis fortes, porque a sua misericórdia é para sempre.

A Sehon, rei dos amorreus, porque a sua misericórdia é para sempre.

E a Og, rei de Basan, porque a sua misericórdia é para sempre.

E deu a terra deles em herança, porque a sua misericórdia é para sempre.

Em herança a Israel, seu servo, porque a sua misericórdia é para sempre.

Porque no nosso abatimento se lembrou de nós, porque a sua misericórdia é para sempre.

E nos redimiou de nossos inimigos, porque a sua misericórdia é para sempre.

O que dá alimento a toda a carne, porque a sua misericórdia é para sempre.

Dai glória ao Deus do céu, porque a sua misericórdia é para sempre.

Dai glória ao Senhor dos senhores, porque a sua glória é para sempre.

Trata-se, pois, dum salmo doxológico, cujos versículos terminam por uma antífona uniforme, resto da antiga liturgia judaica em que o povo ia respondendo às preces de estrutura litaníaca.

Neste caso, *porque a sua misericórdia é para sempre* equivale ao *ora pro nobis* das litanias marianas adiante publicadas, para não falarmos doutras fórmulas: *da nobis quod petimus; Dominus tecum!; libera nos, domina; intercede por me; etc..*

A este salmo 135 podemos ajuntar o cântico litanfaco dos meninos de Babilónia:

Anjos do Senhor, bendizei o Senhor,
 louvai-o e exaltai-o por todos os séculos.
 Céus, bendizei o Senhor,
 louvai-o e exaltai-o por todos os séculos.
 Águas que estais por cima dos céus,
 bendizei todas o Senhor,
 louvai-o e exaltai-o por todos os séculos.
 Forças do Senhor, bendizei todas o Senhor,
 louvai-o e exaltai-o por todos os séculos.
 Sol e lua, bendizei o Senhor,
 louvai-o e exaltai-o por todos os séculos.
 Astros do céu, bendizei o Senhor,
 louvai-o e exaltai-o por todos os séculos.
 Chuvas e orvalhos, bendizei o Senhor,
 louvai-o e exaltai-o por todos os séculos.
 Ventos, bendizei todos o Senhor,
 louvai-o e exaltai-o por todos os séculos.
 Fogos e calores, bendizei o Senhor,
 louvai-o e exaltai-o por todos os séculos (11).

O resto segue tudo pelo mesmo estilo: gelos e neves, noites e dias, luz e trevas, montanhas e colinas, mares e rios, aves do céu, animais selvagens e rebanhos — bendizei o Senhor, louvai-o e exaltai-o por todos os séculos!

Os primeiros cristãos, sobretudo de procedência judaica, conservavam muitos costumes e modos de rezar do Velho Testamento e, através deles, as preces de sabor litânico espalhar-se-iam pelo mundo católico. Nem falta quem veja um testemunho deste fenómeno na recomendação de S. Paulo a Timóteo: «Eu te rogo pois, antes de tudo, que se façam súplicas, orações, petições, acções de graças por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão elevados em dignidade, para que vivamos uma vida socegada e tranquila, em toda a sorte de piedade e de honestidade» (12).

Em que momento exacto o dia se transforma em noite? É difícil responder. O mesmo acontece nos géneros literários — algumas vezes completamente evoluídos, outros ainda a meio caminho, outros cruzados com diferentes formas de expressão, nu-

(11) Dan., III 58-66

(12) I Tim., II, 1-2.

In manu forti et brachio excelso,

Kyrie.

Exsurge Domine adjuva nos, et libera nos propter nomen tuum.

Kyrie Kyrie Kyrie ⁽¹⁵⁾.

Ao atentarmos nestas orações, sentimos, como nunca, a quase impossibilidade de achar uma definição perfeita de ladainha, enquanto não concordarmos na realidade ou conjunto de realidades de características comuns a definir. Quanto a nós, parece-nos que o *Dicamus omnes* constitui uma litania, embora de tipo primitivo.

O estilo litânico nas suas repetições rítmicas e na acumulação das invocações, nascidas dum estado emocional, é fácil de verificar neste fim da *Vida de S. Bernardo*, em português de quatrocentos:

Oliva speciosa, vide fructuosa, palma florida, cedro multiplicada, platanó exaltada, vaso de recolhimento, vaso de honra em a casa de Deus, vaso forte de ouro, ornamento de toda pedra preciosa, afortificado de fe e santidade e de desvairadas karismas asy como pedras preciosas ornado... ⁽¹⁶⁾

Todos estes louvores a S. Bernardo de Claraval bem podiam aplicar-se a Nossa Senhora. E se não constituem uma litania propriamente dita, perpassa neles o seu estilo. Este transcendia as ladainhas e invadia muitas preces cheias de emoção, tornando-se por vezes difícil determinar quando temos diante de nós uma ladainha perfeita ou simplesmente uma ladainha em formação. É o que verificamos no *Conto de Amaro*, quando este e os seus companheiros, no meio do mar, «começarão de chorar muy forte-mête e a chamar pella gloriosa virgẽ Maria, madre de Ihesu Christo: rraynha coroada dos altos ceos, que se chama estrella do mar, meezinha dos peccadores, castello forte e basticado de todo bem, vogada dos mizquinhos filhos de Eva maldicta, oo porto de saude, rremedio dos que andam em periigos, coroa nobre das virgẽes, frol preciosa de booo odor, esperança dos coyados, tu es nobre e fremosa, tu es madre e esposa do Rey dos angos, tu es fonte de bondade, tu es lume dos mizquinhos que andam

(15) F. CABROL, *Litanies*, «Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne», 9 (Paris, 1930) 1563-1564.

(16) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 200, fl. 74.

em nas teebras, tu es precioso gualardam daquelles que te servẽ, tu polla tua sancta virtude nos saca deste tam gram periigo» (17).

Temos, aqui, uma série de invocações à Virgem Maria, com a súplica final: Livra-nos deste tão grande perigo! Ponhamos estas palavras após cada uma das invocações e teremos uma ladainha acabada.

Em latim, encontramos várias preces, com os mesmos versos no fim ou no começo de cada estrofe, à maneira de refrém, uma súplica que se repete ou um grito de aflicção levantado para Deus. Vemos isso numa prece penitencial de Gottschal de Orbais:

*O Deus, miseri
miserere servi;
ex quo enim me jussisti
hunc in mundum nasci,
prae cunctis te amavi
vanitate pasci;
heu, quid evenit mihi!*

*O Deus, miseri
miserere servi;
tu me, Domine, fecisti,
ut servirem tibi;
ego miser te dimisi
et longe abivi;
heu, quid evenit mihi!*

*O Deus, miseri
miserere servi;
tu me quoque redemisti
de jugo servili,
et ego te non agnovi
nec ad te redivi;
heu, quid evenit mihi!*

*O Deus, miseri
miserere servi;
mandata, quae praecepisti,
proh dolor, reliqui,
fateor voce lugubri,
nimium deliqui;
heu, quid evenit mihi!*

(17) Torre do Tombo, cód. alc. CCLXVI, fls. 112v.-113. Cf. também *A Vida de Sancto Amaro*, publicada por Otto Klob, em «Romania», 30 (1901) 509. *A Vida de Sancto Amaro* ou *Conto de Amaro* abrange as pp. 507-518.

*O Deus, miseri
miserere servi;
almam legem, quam dedisti,
denique neglexi
et illa, quae vetuisti,
avide dilexi;
heu, quid evenit mihi* ⁽¹⁸⁾!

E a oração vai-se alongando por mais quinze estrofes, todas elas com a prece inicial: *Ó Deus, compadece-te deste pobre servo!* É uma prece litânica, em que o pecador expõe os seus pecados — e de cada vez suplica a misericórdia de Deus e lamenta a sua sorte, sempre com a mesmas palavras.

Orações deste tipo surgem ainda no inglês arcaico do séc. XIV e XV, em que o refrém fecha, por vezes, cada uma das estrofes com um verso latino sempre igual ⁽¹⁹⁾.

Atrás já vimos uma prece constituída por uma série de louvores à SS. Virgem, com a súplica sòmente no fim, ao modo de quem primeiro busca captar a simpatia duma pessoa para no final lhe pedir qualquer coisa. Apresentamos, agora, outro exemplo:

DEVOTA ORATIO AD BEATAM VIRGINEM MARIAM

Deprecor te, domina mea, mater Dei, pietate plenissima, summi regis filia, mater gloriosissima, mater orphanorum, consolatrix desolatorum, via errantium, salus in te sperantium, virgo ante partum, virgo post partum, virgo in partu, fons misericordie, fons salutis et gratie, fons pietatis et leticie, fons consolationis et indulgentie ut intercedas pro me, famulo tuo», etc. ⁽²⁰⁾.

Em suma, o que nos parece caracterizar o estilo litânico é a repetição, a *insistência*. Repetem-se as mesmas palavras suplicantes ou insiste-se num louvor e noutro e noutro, até cansar.

Algumas vezes, as orações litânicas eram um pouco complicadas; noutros casos, bastante simples; às vezes reduziam-se a

(18) F. J. E. RABY, *The Oxford Book of Medieval Latin Verse* (Oxford, 1959) 122-123, n.º 91.

(19) CARLETON BROWN, *Religious Lyrics of the XIVth Century* (Oxford, 1924) 234-237, n.º 132; IDEM, *Religious Lyrics of the XVth Century* (Oxford, 1939) 105-109, n.º 70, 71, 72, 73.

(20) Bibl. Públ. de Évora, ms. CXXIV / 2-14, fls. 31v.-32.

uma série de invocações, implorando misericórdia. Basta recordar a *Precatio ad Christum*, metida entre as obras de Alcuíno:

Miserere, Domine, miserere, Christe.
 Tu misericordia mea, miserere mihi.
 Miserere, Domine, miserere, Christe, ut credam in te.
 Miserere, Domine, miserere, Christe, ut cognoscam te.
 Miserere, Domine, miserere, Christe, ut diligam te.
 Miserere, Domine, miserere, Christe, ut sperem in te.
 Miserere, Domine, miserere, Christe, ut anima mea vivat in te.
 Miserere, Domine, miserere, Christe, ut caro mea exsultet in te.
 Miserere, Domine, miserere, Christe, ut vita mea proficiat in te.
 Miserere, Domine, Deus Pater, gloria mea, vita mea.
 Miserere, Christe Salvator, salus mea, fortitudo mea.
 Miserere, Spiritus Paracletus, consolatio mea, illuminatio mea.
 Miserere, Domine, Deus Trinitas et Unitas.
 Te laudo, te adoro, te confiteor.
 Pax mea, spes mea, laus mea, lux mea.
 Pulchritudo mea, beatitudo mea.
 Tibi laus, tibi gloria, tibi gratiarum actio semper ubique in saecula
 sempiterna ⁽²¹⁾.

Do mesmo tipo, temos a oração tantas vezes recomendada por S. Inácio de Loiola, mas já conhecida amplamente na primeira metade do séc. XIV — uma espécie de litania-sequência que Remy de Gourmont introduz gostosamente num capítulo sobre as ladainhas ⁽²²⁾:

Anima Christi, sanctifica me.
 Corpus Christi, salva me.
 Sanguis Christi, inebria me.
 Aqua lateris Christi, lava me.
 Passio Christi, conforta me.
 O bone Jesu, exaudi me.
 Intra tua vulnera absconde me.
 Ne permittas me separari a te.
 Ab hoste maligno defende me.
 In hora mortis meae voca me
 Et jube me venire ad te,
 Ut cum sanctis tuis laudem te
 In saecula saeculorum. Amen ⁽²³⁾.

(21) *PL.*, 101, cols. 649-650.

(22) REMY DE GOURMONT, *Le latin mystique* (Paris, 1930) 166.

(23) Esta oração apresenta variantes de manuscrito para manuscrito. No *Livro de*

E que diremos duma pequena série de louvores da SS. Virgem, a começar por *Ave*? Se não admitimos as litanias puramente individuais (como propusemos atrás) temos de admitir ao menos que se trata duma ladainha embrionária, onde chamamos a Nossa Senhora serva da SS. Trindade, esposa do Espírito Santo, mãe de Jesus Cristo, irmã dos anjos, promessa dos profetas, rainha dos patriarcas, mestra dos evangelistas, mestra dos apóstolos, confortadora dos mártires, fonte e plenitude dos confesores, honra das virgens, consoladora dos vivos e dos mortos:

SALUTATIO AD VIRGINEM MARIAM

Ave, ancilla Trinitatis.

Ave, preelecta Dei patris.

Ave, sponsa Spiritus Sancti.

Ave, mater domini nostri Jhesu Christi.

Ave, soror angelorum.

Ave, promissio prophetarum.

Ave, regina patriarcharum.

Ave, magistra evangelistarum.

Ave, doctrix apostolorum.

Ave, confortatrix martirum.

Ave, fons et plenitudo confessorum.

Ave, decus virginum.

Ave, consolatrix vivorum et mortuorum, mecum sis in omnibus tribulationibus et angustiis, necessitatibus et orationibus, amen ⁽²⁴⁾.

Desta *saudação* dum *Livro de Horas*, existente na Biblioteca Pública de Évora, até à ladainha bem estruturada de hoje em dia, vai a distância indefinível que separa um homem feito dum rapaz crescido, mas que não é ainda um ser adulto. Mas, em ambos temos a mesma pessoa, a nota temperamental também não difere e a linha de rumo vital segue, nos grandes traços, uma direcção única e dominante. E de facto, num *Livro de Horas* da Biblioteca do Palácio de Mafra vemos essa distância transposta audaciosamente ⁽²⁵⁾.

Horas do rei D. Duarte, fl. 361, alguns versos, por exemplo, diferem ligeiramente do texto acima transcrito:

*in hora mortis voca me
et pone me juxta te...*

(24) Bibl. Públ. de Évora, cód. CXXIV/2-14, fl. 215-215v.

(25) Bibl. do Palácio de Mafra, II-71-6-11, fls. 156-158v. Transcreveremos adiante esta ladainha.

As ladainhas pròpriamente ditas (sobretudo dos santos e de Nossa Senhora) variavam de terra para terra e de século para século. Cada país e cada geração gostava de invocar os santos do seu tempo e da sua pátria. Porém, como os *Livros de Horas* e obras devotas emigravam de nação para nação e serviam de modelo para os copistas, muita gente rezava por ladainhas *estrangeiras* (se podemos chamar estrangeira qualquer coisa que seja católica). O *Livro de Horas do rei D. Duarte*, embora traga as armas de Portugal, nada tem de extraordinário quanto à ladainha dos santos, igual a tantas outras que se rezavam em terras longínquas⁽²⁶⁾. Em compensação, as *Horas de Nossa Senhora*, em medievo-português, do ilum. 4 da Bibl. Nac. de Lisboa, têm um carácter mais português, pela língua e pela ladainha. Nesta, com efeito, entre santos de vários povos, descobrimos, *Sam Nuno* e *Sam Giraldo*⁽²⁷⁾, nomes difíceis de encontrar em devocionários de além-fronteiras, sobretudo o primeiro⁽²⁸⁾.

Havia também uma grande diferença no número dos santos invocados. Se as *Litaniae Carolinae*⁽²⁹⁾ ostentam uma lista bem superior à dos nossos dias, as *Litaniae de sanctis patribus*⁽³⁰⁾ revelam uma profusão ainda maior, com mais de 270 nomes de bem-aventurados, entre eles Abel, Enoch, Noé, Macário, Sereno, Pacómio, Pafnúcio, etc.

Quanto à ladainha dos santos, do *Missal de Mateus*⁽³¹⁾, é sem dúvida mais curta do que a dos nossos dias. E já que nos referimos à variedade das ladainhas, poderíamos recordar a de Arles⁽³²⁾, com o seu quê de épico na sua concepção, à maneira das *laudes* e das *acclamationes*⁽³³⁾.

(26) Existente na Torre do Tombo, fls. 302v.-309v.

(27) Bibl. Nac. de Lisboa, ilum. 4, fl. 85v.

(28) Sem falar dos *Livros de Horas*, cf., para ladainhas dos santos, *PL.*, 101, cols. 522-524, 649-650; 138, cols. 885-902; 143, cols. 365-866, etc.

(29) *PL.*, 138, cols. 885-888.

(30) *Ib.*, cols. 889-898. Sobre ladainhas dos santos, cf. também MAURICE COENS, *Les plus anciennes litanies de Stavelot*, «*Analecta Bollandiana*», 75 (Bruxelas, 1957) 5-16; *IDEM*, *Les saints vénérés à Huy d'après un psautier récemment rapatrié et le Martyrologe de la Collégiale*, «*Analecta Bollandiana*», 76 (Bruxelas, 1958) 316-335; *IDEM*, *Les litanies bavaroises du «Libellus Precum» dit de Fleury (Orléans Ms. 184)*, «*Analecta Bollandiana*», 77 (Bruxelas, 1959) 373-391.

(31) Da primeira metade do séc. XII. Actualmente na Bibl. Públ. de Braga.

(32) *PL.*, 138, cols. 889-890.

(33) Muito parecidas às *Litaniae Arelatenses*, são as *Litaniae Veteres Ecclesiae Bellovacensis*. Cf. *PL.*, 143, cols. 865-866 e principalmente ERNST H. KANTOROWICZ, *Laudes Regiae. A Study in Liturgical Acclamations and Mediaeval Ruler Worship* (University of California Press, 1958) (15-17, 167-168, etc).

Além das ladainhas de todos os santos e de Nossa Senhora, havia muitas outras. Plummer transcreveu também e traduziu para inglês as litânicas irlandesas da confissão, do Salvador, de Jesus, dos santos irlandeses, da SS. Trindade, da criação, etc. (34). E em Portugal?

Nascidas provavelmente na Península Ibérica, as preces litânicas pelos mortos estenderam-se depois às terras da Aquitânia, conforme um manuscrito do séc. X.

Ce sont des textes pour les morts ou pour les jours de pénitence, sorte de litanie récitée par le célébrant, à laquelle le peuple répond par une invocation variable: *Christe redemptor, veniam ei concede*, ou bien: *O Jesu bone, tu illi parce*, ou encore: *Deus miserere*.

Ce sont, partout, des litanies avec refrain; elles n'ont pas trouvé place dans les livres romains, mais on les rencontre dans des livres portugais postérieurs à la suppression du rite hispanique (35).

E ainda possuímos um fragmento musical duma ladainha desta espécie, cantada em Braga, nos começos do séc. XII, em letra visigótica influenciada pelos livros franceses (36). Só gostaríamos de saber se foi ou não com tal música que os portugueses dos mares das Índias cantavam as ladainhas de Nossa Senhora.

Mais tarde, até final de quinhentos (para não falarmos de tempos posteriores) várias foram as ladainhas rezadas entre nós, afora as litânicas dos santos, de Nossa Senhora e dos agonizantes.

Pondo de parte uma oração litânica ao Coração de Jesus, aparecida no *Tratado da Criação do Mundo e dos Mystérios da nossa Redempção* (Lisboa, 1552), sob forma de *aspirações*, como diz o autor (37), basta fixar-nos na obra do P.^o Inácio Martins, S. J.,

(34) CH. PLUMMER, *Irish Litanies*, «Henry Bradshaw Society», 62 (Londres, 1925).

(35) SOLANGE CORBIN, *Essai sur la musique portugaise au Moyen Age* (Paris 1952) 323.

(36) *Ib.*, 327 e fotografia II.

(37) JORGE DA SILVA, *Tratado da Criação do Mundo e dos Mystérios da nossa Redempção* (Coimbra, 1677), 165-176. Transcrevemos algumas dessas aspirações:

Oh coração de Jesu, dulcíssimo esposo da minha alma, já estivera no inferno se vos nom foreis.
 Oh coração de Jesu, ferido por meus amores.
 Oh coração de Jesu, arca do grão Noe, recolhei esta minha alma; em vos estará segura do dilúvio das muitas agoas.
 Oh coração de Jesu, cofre da Santíssima Trindade.
 Oh coração de Jesu, fito de almas sanctas, quem a vos atira não errará o alvo de sua salvação.

Litaniae Sacrosantae Eucharistiae, et dulcissimi Nominis Jesu, ac Spiritus Sancti Paracliti ex sacra scriptura collectae. Isto é, três ladainhas coligidas dos textos da Sagrada Escritura: ladainha da SS. Eucaristia, ladainha do Nome de Jesus e ladainha do Espírito Santo. Imprimiram-se em Lisboa, no ano de 1592.

Finalmente, em 1600, saíam em Paris as *Littaniae quibus peccator per invocationem singularum personarum Sanctissimae Trinitatis pro peccatis suis a Deo misericordiam deprecatur* — do franciscano Fr. Diogo Carlos.

A proliferação pujante das ladainhas explica-se, em parte, pelo seu carácter emocional e simples. Correspondiam a uma necessidade íntima das massas, sobretudo quando rezadas ou cantadas em comum, e eram facilmente acessíveis às inteligências mais rudimentares. Em frases curtas, entusiásticas e suplicantes, o povo tinha ali uma sequência veemente de jaculatórias, com o denominador comum da prece final (*tende piedade de nós!*) ou do mesmo louvor: *o Senhor é contigo!*

Além disso, uma tradição secular e a prática constante do clero e dos fiéis tinha-as enraizado a pouco e pouco nos hábitos e no coração de toda a gente.

Nas calamidades públicas, nas funções litúrgicas, em certas festas do ano ou quando alguém morria, a ladainha erguia-se naturalmente, como a prece do povo, simples, veemente e cheia de ritmo. Era fácil rezar assim, com a procissão a desenrolar-se pelos caminhos, como nos *cercos* e *clamores* das terras nortenhãs⁽³⁸⁾ e nos *ladaios* trágicos em que os fiéis se refugiavam nas grandes aflições⁽³⁹⁾.

Em 572, no segundo concílio bracarense, ordenava-se que, no princípio da quaresma, «reunindo-se as freguesias vizinhas durante três dias e percorrendo as igrejas dos santos, cantando salmos, celebrem as ladainhas»⁽⁴⁰⁾. E através dos séculos, na fome, na peste e na guerra, para afugentar os lobos⁽⁴¹⁾, implorar a chuva benéfica, debelar a moléstia das searas ou pedir a bênção de Deus para os campos, o povo punha-se em marcha, com o clero

(38) ALB. VIEIRA BRAGA, *Curiosidades de Guimarães. Cercos e Clamores* (Braga, 1943) 34-35.

(39) VITERBO, *Elucidário*, 2 (Lisboa, 1865) 50, em *Ladatro*.

(40) Cap. 9 das actas do mesmo concílio.

(41) DU CANGE, *Glossarium*, em *Rogationes*.

à frente, e as súplicas sucessivas, uma após outra, erguiam-se para o céu misericordioso.

Assim, na sexta-feira santa de 1199, diz o *Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra* que o sol escureceu, *mais negro do que o pez*, e as estrelas e a lua apareceram no céu. Quando novamente surgiu a luz, ajuntou-se na igreja de Santa Cruz uma enorme multidão de gente aterrorizada a gritar em alta voz, à espera da morte, e a implorar a misericórdia divina. Então, alguns religiosos do mosteiro, embora com dificuldade, conseguiram cantar o *Te Deum* e as ladainhas, para que Deus perdoasse a todos — e Deus teria enviado um sinal maravilhoso⁽⁴²⁾.

Após a batalha de Aljubarrota, o senado da Câmara de Lisboa determinou várias procissões em acção de graças. Uma delas dirigia-se a Santa Maria da Graça, na véspera da festa da Assunção. Havia sermão, sete missas cantadas em honra dos *sete goivos da Virgem Maria* e, tanto neste dia como nos dois antecedentes, cantava-se a *Salve Regina com a Ladainha na Seé e nas outras Igrejas*⁽⁴³⁾.

D. Luís Pires, arcebispo de Braga, na segunda metade de quatrocentos, procurava evitar certos desvios dos *clamores* através dos campos, encaminhando-os para as igrejas, mosteiros e santuários, e proibindo aos padres que, nessas ocasiões, celebrassem missa nos descampados: «E se acõteçer que ajam de fazer alguñas proçissoões, defendemos e mãdamos que nõ vaam aas dictas proçissoões ou clamores aos mõtes nẽ aos outros semelhãtes lugares. Mas vaão aas egrejas e moesteiros e santuarios que som lugares pera orar e ally clamẽ e orem a Deus»⁽⁴⁴⁾.

O povo gostava de rezar as litanias, sobretudo em momentos de aflicção, e a Igreja dava-lhe o exemplo. Na agonia dos moribundos, por exemplo quando D. Afonso, filho de D. João II, estava para entregar a alma a Deus, junto de Santarém «com totalas Ordeãs e Clerezia e com Cruzes e Reliquias, se fez hũa muy solepne e devota procissam, em que todos descalços e mui-

(42) ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA, *Provas da História Genealógica*, 1 (Lisboa, 1739) 378-379.

(43) JOSÉ SOARES DA SILVA, *Collecçam de documentos com que se autorizam as memórias para a vida delrey D. João I*, 4 (Lisboa, 1734) 366.

(44) Bibl. Públ. de Braga, ms. 871, *Constituições de D. Luís Pires*, publicadas em 1477: *Constituiçõ XLIII, que nõ celebrem missa nos campos e nas praças, mas dentro nas egrejas, nem vaão cõ proçissoões nẽ cõ clamores aos mõtes, etc.*

tos nuus, com muy piedosas lagrimas andaram per totalas Igrejas e Moesteiros da Villa, em que continuoada e devotamente com os giolhos em terra e com vozes que rompiam o Céu deziam todos braadando: *Senhor Deos misericordia*. E aa Ladainha que chorando cantavam, e por elle se dezia, com lagrimas e saluços, respondiam todos homês e molheres, velhos e moços e mininos: *Ora pro eo*» (45).

Bastam estes exemplos, pois trata-se duma verdade histórica que ninguém põe em dúvida.

CAPÍTULO II

Génese e variedade das Ladainhas Marianas

Como nasceram as litanias da SS. Virgem? Remy de Gourmont escreveu, neste sentido, páginas bastante sugestivas (46). Na verdade, muitos trechos de S. Bernardo e doutros escritores marianos (47), certas *sequências* e algumas poesias litúrgicas revestem-se dum tal aspecto que nos lembram as ladainhas, tantos são os títulos laudativos da SS. Virgem acumulados em piedosa procissão, muitos deles iguais aos das litanias marianas. Assim acontece nesta *sequência* da festa da Assunção, por Adão de S. Vítor, no séc. XII:

Salve, Mater Salvatoris,
Vas electum, vas honoris,
Vas coelestis gratiae.

Ab aeterno vas provisum,
Vas insigne, vas excisum
Manu sapientiae.

(45) RUY DE PINA, *Croniqua delrey Dom Joham II* (Coimbra, 1950) 136-137 (Cap. 50).

(46) REMY DE GOURMONT, *Le Latin Mystique* (Paris, 1930) 162-182.

(47) Cf. HIPÓLITO MARRACI, *Polyanthea Mariana* (Colónia, 1710). É um enorme dicionário de invocações de Nossa Senhora, tiradas dos Santos Padres e dos autores medievais.

Salve, Verbi sacra parens,
Flos de spinis, spina carens,
Flos, spineti gloria.

Nos spinetum, nos peccati
Spina sumus cruentati,
Sed tu spinae nescia.

Porta clausa, fons hortorum,
Cella custos unguentorum,
Cella pigmentaria.

Cinnamomi calamum,
Myrrham, thus et balsamum,
Superas fragrantia.

Salve, decus virginum,
Mediatrix hominum,
Salutis puerpera.

Myrtus temperantiae,
Rosa patientiae,
Nardus odorifera.

Tu convallis,
Terra non arabilis,
Quae fructum parturiit.

Flos campi, convallium
Singulare lilium,
Christus ex te prodiit.

Tu coelestis paradus
Libanusque non incisus,
Vaporans dulcedinem.

Tu candoris et decoris,
Tu dulcoris et odoris
Habes plenitudinem.

Tu thronus es Salomonis,
Cui nullus par in thronis
Arte vel materia.

Ebur candens castitatis,
Aureum fulvum, charitatis
Praesignant mysteria (48).

(48) *PL.*, 196, cols. 1502-1503.

Mãe do Salvador, vaso de honra, flor sem espinhos, porta fechada, medianeira, rosa de paciência, nardo odorífero, flor campestre, trono de Salomão — tudo isto e muito mais é Nossa Senhora.

Será necessário copiar esta sequência até ao fim? Muito gostaríamos, porque o resto confirma o que já dissemos: Maria é mais brilhante do que a lua, mãe de piedade, triclínio da SS. Trindade, estrela do mar — títulos estes que tornaremos a ver nas ladainhas adiante publicadas. E por toda a parte a mesma corrente de lirismo perfumado, como uma pradaria florida a ondulear ao vento.

Às vezes, as estrofes reduzem-se a um simples conjunto rimado de belas comparações e nomes cheios de simbolismo atribuídos à Virgem Maria, com um verbo, de longe em longe, a ligar a piedosa sucessão de títulos marianos, alguns deles tirados da Sagrada Escritura:

Virga, virgo, nuncuparis,
Templum, vas, sacrarium,
Porta clausa, lux solaris,
Coeli luminarium.

Rubus ardens, madens vellus
Gedeonis area,
Fons signatus, ferax tellus,
Granum sine palea.

Gemma, jubar, lac, talentum,
Spes et laus prophetica,
Cinnamomus, ros, unguentum,
Quo fugantur toxica.

Gutta, nardus, mel, pigmentum,
Radix aromatica,
Palma, palmes, pavimentum,
Piscina probatica.

Botrus, uva, favus, hortus,
Thalamus, triclinium,
Arca, navis, aura, portus,
Luna, lampas, atrium.

Vitrum, urna, claustrum, cella,
Domus, aula, civitas,
Flos, fenestra, lumen, stella,
Sol, aurora, claritas.

Tu columba, tu columna,
 Tu vitta coccinea,
 Tu es altrix, tu alumna,
 Tu Engaddi vinea ⁽⁴⁹⁾.

Acrescentemos, agora, um *ora pro nobis*, no fim de cada verso e ficamos com uma ladainha de Nossa Senhora, à maneira das antigas, isto é, atulhadas de títulos e bem longe da simplicidade actual. E foi o que aconteceu. Insensivelmente, almas piedosas vazaram todo este *material* mariano nos moldes da ladainha vulgar dos santos e assim nasceram as primitivas litánias da Mãe de Deus.

Alguns *Livros de Horas* traziam a adaptação do *Te Deum laudamus* a Nossa Senhora — uma composição de certa beleza atribuída a S. Boaventura: *Te Matrem Dei laudamus...* A dada altura, o cântico desprende-se momentaneamente das raízes antigas. Bastaria suprimir o *Tu* e acrescentar um *ora pro nobis* a cada título de louvor, para termos os versículos duma pequena ladainha mariana:

Tu angelorum domina.
 Tu scala celestis regni et glorie.
 Tu thalamus sancte Trinitatis.
 Tu archa pietatis et gracie.
 Tu vena misericordie.
 Tu mater et sponsa regis eterni.

Tu templum et sacrarium Spiritus Sancti ac tocus beatissime Trinitatis triclinium.

Tu mediatrix Dei et hominum, amatrix mortalium, reparatrix celestium, illumimatrix fidelium, agonizatrix pugnantium, advocatrix pauperum, miseratrix et refugium peccatorum, erogatrix munerum, superatrix et timor demonum superborum.

Tu mundi domina, celi regina, post Deum sola spes nostra.

Tu salus invocantium, portus naufragantium, miserorum solacium, refugium penitentium.

Tu mater omnium beatorum, gaudium plenum post Deum omnium civium supernorum.

Tu protetrix iustorum, congregatrix errantium, promissio patriarcharum, veritas prophetarum, preconium apostolorum, magistra euvangelistarum, fortitudo martirum, exemplar confessorum, honor et festivitas virginum ⁽⁵⁰⁾.

(49) FREI FORTUNATO DE S. BOAVENTURA, *Commentariorum de Alcobacensi Manuscriptorum Bibliotheca Libri Tres* (Coimbra, 1827) 32.

(50) Torre do Tombo, *Livro de Horas do rei D. Duarte*, fls. 109-110. Conser-

Alguns destes títulos laudativos vamos encontrá-los em várias ladainhas. E se agora quiséssemos fazer mais uma, seria bem fácil:

- Senhora dos anjos, roga por nós.
 Escada celeste do reino e da glória, roga por nós.
 Tálamo da Santa Trindade, roga por nós.
 Arca de piedade e de graça, roga por nós.
 Veio de misericórdia, roga por nós.
 Mãe e esposa do eterno rei, roga por nós.
 Templo e sacrário do Espírito Santo e triclínio de toda a beatíssima Trindade, roga por nós.
 Medianeira de Deus e dos homens, roga por nós.
 Amante dos mortais, roga por nós.
 Reparadora dos bem-aventurados, roga por nós.
 Iluminadora dos fiéis, roga por nós.
 Defensora dos que lutam, roga por nós.
 Advogada dos pobres, roga por nós.
 Misericórdia e refúgio dos pecadores, roga por nós.
 Despenseira das graças, roga por nós.
 Vencedora e terror dos demónios soberbos, roga por nós.
 Senhora do mundo, roga por nós.
 Rainha do céu, roga por nós.
 Nossa única esperança depois de Deus, roga por nós.
 Salvação dos que te invocam, roga por nós.
 Porto dos naufragantes, roga por nós.
 Consolação dos desgraçados, roga por nós.
 Refúgio dos penitentes, roga por nós.
 Mãe de todos os bem-aventurados, roga por nós.
 Alegria plena, depois de Deus, de todos os habitantes do céu, roga por nós.
 Protectora dos justos, roga por nós.
 Reunidora dos desviados, roga por nós.
 Promessa dos patriarcas, roga por nós.
 Verdade dos profetas, roga por nós.
 Pregão dos apóstolos, roga por nós.
 Mestreira dos evangelistas, roga por nós.
 Fortaleza dos mártires, roga por nós.
 Exemplar dos confessores, roga por nós.
 Honra e alegria das virgens, roga por nós.

Como se vê, nada tão fácil como fazer uma ladainha, à base da literatura piedosa da Idade Média e isto explica o grande número de litanias marianas que encontramos no nosso cami-

vamos, aqui e nos outros lugares, a ortografia dos documentos transcritos, substituindo unicamente o *u* e o *i* por *v* e *j*, quando têm o seu valor.

nho. Qual delas foi a primeira? É impossível responder, por enquanto, pois embora exista uma, num manuscrito do séc. XII, não sabemos se haveria outras anteriores, dado o relativo atraso neste género de investigações.

Quanto à ladainha lauretana (assim chamamos à que rezamos no nosso tempo) embora não se conheça bem a sua origem, apresenta caracteres relativamente modernos, como veremos. Ao ser aprovada oficialmente em 1587, era já o resultado duma longa evolução e temos de atender à existência anterior das suas irmãs mais velhas. Mesmo o nome de ladainha lauretana ou do Loreto não corresponde, rigorosamente, à verdade histórica, pois naquele santuário rezavam-se também outras, embora esta viesse a triunfar definitivamente.

No final do séc. XIX, o jesuíta Ângelo de Santi publicava uma série de estudos, sob o título geral de *Le Letanie Lauretane* ⁽⁵¹⁾. Refundidas e aumentadas, estas páginas saíram depois em volume ⁽⁵²⁾. Mais tarde, em 1909, A. de Santi voltou ao mesmo assunto ⁽⁵³⁾ e pôde, assim, levar a cabo uma obra fecunda em resultados, em torno das ladainhas de Nossa Senhora, antigas e modernas. Não foi, é certo, o único a explorar, então, estes mares mais ou menos desconhecidos ⁽⁵⁴⁾. Porém, fê-lo com segurança e muitas das suas conclusões continuam a ser válidas, passados tantos anos.

Alguns escritores, diz-nos ele, afirmavam corajosamente nada saber da origem da ladainha lauretana. Outros recuaram o seu nascimento até ao séc. XIII ou ainda mais atrás. A crítica histórica, no entanto, parece demonstrar a sua origem recente: primeiros anos do séc. XVI ou, quando muito, final do séc. XV ⁽⁵⁵⁾. Antes desta época e também durante ela, floresciam ladainhas

(51) ÂNGELO DE SANTI, *Le Letanie Lauretane*, «Civiltà Cattolica», série 16, 8 (Roma, 1896) 542-557; *ib.*, série 16, 9 (Roma, 1897) 161-178, 527-543; *ib.*, série 16, 10 (Roma, 1897) 36-50.

(52) *Le Letanie Lauretane* (Roma, 1897). Tr. francesa: *Les Litanies de la Sainte Vierge* (Paris, 1900); tr. alemã: *Die Lauretanische Litanei* (Paderborn, 1900).

(53) ÂNGELO DE SANTI, *Per la Storia delle Litanie Lauretane*, «Civiltà Cattolica», 4 (Roma, 1909) 302-313.

(54) SAUREN, *Die Lauretanische Litanei* (Kempten, 1895); SICKING, *Zwee litanien der H. Maagd*, «De Katholick» (Leiden, 1900) 329-336; GASS, *Das Alter der lauretanischen Litanei*, «Strassburger Diöcesanblatt», (Estrasburgo, 1901) 264-268; J. H. SCHÜTZ, *Die Geschichte der Rosenkranzes unter Berücksichtigung der Rosenkranz-Gehimmisse und Marien-Litaneien* (Paderborn, 1909); etc.

(55) ÂNGELO DE SANTI, *Le Letanie Lauretane*, «Civiltà Cattolica», série 16, 8 (Roma, 1896) 545 e ss.; *ib.*, série 16, 9 (Roma, 1897) 161 e ss.

marianas doutros tipos, algumas justamente classificadas de pré-lauretanais, por já apresentarem uma acentuada semelhança com a ladainha de hoje em dia.

Esta, como já dissemos, era uma das várias ladainhas em uso no santuário de Nossa Senhora de Loreto. O primeiro documento que, com absoluta certeza, nos informa sobre uma ladainha determinada que se cantava naquela igreja, aos sábados e nas vigílias e festas de Nossa Senhora, acha-se entre as obras musicais de Constanzo Porta: *Litaniae Deiparae Virginis Mariae ex Sacra Scriptura depromptae. Quae in Alma Domo Lauretana omnibus diebus sabbati, Vigiliarum et Festorum eiusdem Beatae Virginis decantari solent. Cum musica octo vocum Constantii Portae eiusdem Almae Domus Musicae Magistri*. Veneza, 1575.

O mesmo texto surge, no ano seguinte, numa obra intitulada *Cause et Rimedio della Peste* ⁽⁵⁶⁾ e no livro de Cirilo Bernardino, arcebispo de Loreto: *Trattato sopra l'istoria della Santa Chiesa et Casa della gloriosa Madonna Maria Vergine di Loreto* ⁽⁵⁷⁾. Trata-se das *Litaniae Deiparae Virginis ex Sacra Scriptura depromptae, quae in alma Domo lauretana omnibus diebus Sabbathi, Vigiliarum et Festorum eiusdem Beatae Virginis decantari solent*. Pois bem, tal ladainha não é a que agora rezamos e G. Candiotti, numa carta para o papa, a 5 de Fevereiro de 1578, chama-lhe *lettanie moderne* ⁽⁵⁸⁾. Portugal levou-a para a Índia ⁽⁵⁹⁾, pelo menos nos começos de seiscentos. Porém, logo depois desta ladainha, no livro de Cirilo, descobrimos a litania lauretana de agora — o que prova o uso simultâneo de várias ladainhas, embora só uma viesse a triunfar dum modo universal.

Para falarmos com franqueza, interessam-nos principalmente as velhas ladainhas da Virgem Maria, hoje totalmente esquecidas, como os fósseis misteriosos das espécies desaparecidas.

O texto mais antigo duma ladainha de Nossa Senhora foi publicado por Mone, nos *Hymni latini medii aevi* (Freiburg, 1854), tirado dum manuscrito do séc. XII: *Letania de domina nostra Dei genitrice virgine Maria. Oratio valde bona. Cottidie pro quacum-*

(56) Macerata, 1576.

(57) Macerata, 1576.

(58) ANGELO DE SANTI, *Le Letanie Lauretane*, «Civiltà Cattolica», série 16, 9 (Roma, 1897) 167.

(59) P.^o TOMÁS ESTÊVÃO, *Doutrina Christam em Lingoa bramana Canarim* (Rachol, 1622) fls. 62-64v.

que tribulatione recitanda est ⁽⁶⁰⁾. Abre pelo habitual *Kyrie eleison* e seguem-se as invocações das três pessoas da SS. Trindade, mas ampliadas: *Pater de celis Deus, qui elegisti Mariam semper virginem, miserere nobis*. Depois, chamamos pela Virgem Maria, amontoando os seus louvores, antes de cada *ora pro nobis*:

Sancta Maria, porta celi, introitus paradisi, sacrarium spiritus sancti, ora pro nobis.

Sancta Maria, stirps patriarcharum, vaticinium prophetarum, solatium apostolorum, rosa martirum, predicatio confessorum, ora pro nobis.

Sancta Maria, spes humilium, refugium pauperum, portus naufragantium, medicina infirmorum, ora pro nobis.

Sancta Maria, imperatrix reginarum, salvatrix animarum, ora pro nobis.

Sancta Maria, lucidissima maris stella, salus mundi, ora pro nobis.

Sancta Maria, claritas celorum, destructio inferorum, restauratio et emundatio celi et terre, ora pro nobis.

À maneira da ladainha dos santos, também aqui surgem súplicas vazadas quase em moldes iguais:

Ut ecclesiam suam sanctam pacificare, custodire, adunare et regere dignetur benedictus ventris tui fructus, ora mater virgo Maria.

Ut nostram congregationem et familiam omnesque amicos, familiares nostros custodire et benedicere dignetur benedictus ventris tui fructus, ora mater virgo Maria.

Ut cunctum populum christianum precioso sanguine suo redemptum conservare et in die iudicii redimere dignetur benedictus ventris tui fructus, ora mater virgo Maria.

Ut cordis compunctionem uberemque fontem lacrimarum nobis impendat benedictus ventris tui fructus, ora mater virgo Maria.

Ut animas omnium parentum et propinquorum nostrorum omniumque nobis commissorum et omnium fidelium defunctorum ab omni angustia penarum et miseriarum liberare dignetur benedictus ventris tui fructus, ora mater virgo Maria.

Ut nos exaudire dignetur benedictus ventris tui fructus, ora mater virgo Maria.

Fili matris virginis Marie, te rogamus audi nos.

Agne Dei, filius matris virginis Marie, qui tollis peccata mundi, parce nobis domine.

Agne Dei, flos virginis Marie, qui tollis peccata mundi, miserere nobis.

Kyrie eleison, Christe eleison, Kyrie eleison.

Pesadas e complexas, as ladainhas deste tipo custavam a

(60) ANGELO DE SANTI, *Die Lauretansche Litanei* (Paderborn, 1900) 58-62.

fixar e levavam muito tempo a rezar. Outras apareceram, ainda semelhantes a estas, mas já menos sobrecarregadas. Porém, o passado custa a largar e surgem, de vez em quando, longas e penosas invocações. Ainda assim, que diferença em tudo o mais!:

Sancta Dei genitrix, intercede pro nobis.
 Sancta virgo virginum, intercede pro nobis.
 Sancta Maria excellentissima, intercede pro nobis.
 Sancta Maria beatissima, intercede pro nobis.
 Sancta Maria omni laude dignissima, intercede pro nobis.
 Sancta Maria clementissima, intercede pro nobis.
 Sancta Maria, benignissima consolacio ad te confugentium, intercede pro nobis ⁽⁶¹⁾.

Do séc. XIII ou começo do séc. XIV, ficou-nos a ladainha dum códice da Biblioteca de S. Marcos de Veneza, relativamente perfeita pela condensação das formas invocatórias e pelo alijamento de redundâncias mais ou menos inúteis:

Sancta Maria, Dei genitrix, adjuva me.
 Sancta Maria, mater Christi sanctissima, ora pro me.
 Sancta Maria, virgo virginum, ora pro me.
 Sancta Maria, Dei genitrix et virgo, ora pro me.
 Sancta Maria, mater innupta, ora pro me.
 Sancta Maria, mater inviolata, ora pro me.
 Sancta Maria, virgo perpetua, ora pro me.
 Sancta Maria, gratia Dei plena, ora pro me ⁽⁶²⁾.

E assim por diante, um *versículo* (permitam-nos o termo) depois do outro e, no fim, uma curta oração. Os quadros da ladainha dos santos, que vimos na litania do séc. XII, desapareceram, ou antes, ficaram reduzidos ao mínimo.

Não falamos, aqui, da ladainha do Pseudo-Boaventura, por dela escrevermos adiante. Apesar da sua pesadez antiga, longa foi a sua vida — talvez devido ao prestígio do nome que a apadrinhava. Este facto e a existência de ladainhas mais ou menos arcaicas, nos manuscritos portugueses do séc. XVI, levam-nos a não tirar conclusões apressadas, acerca do que o povo ou a gente dos claustros gostava ou não gostava de rezar. Havia ladainhas para todos os feitios, cremos nós.

(61) *Ib.*, 63.

(62) *Ib.* 70.

Embora nascidas, primariamente, da devoção particular de alguns fiéis, as ladainhas marianas foram-se espalhando pela Cristandade e o povo rezava-as nas grandes calamidades, sobretudo quando a peste ceifava impiedosamente vilas e cidades. Num incunábulo da Biblioteca Casanatense, lemos uma referência segura e antiga sobre a recitação pública das ladainhas da SS. Virgem, por ocasião das epidemias: *Orationes devote contra imminentes tribulationes et contra pestem. Incipiunt letanie beate Marie virginis* (63).

Veneza acabou por adoptar o uso litúrgico de tais ladainhas, nas procissões a pedir chuva e bom tempo ou contra as doenças devastadoras. Porém, já antes, num códice da segunda metade de quatrocentos, descobrimos notícias de ladainhas marianas destinadas a ser rezadas *tempore pestis sive epydimie*. Nada prova que Clemente VI († 1352) fosse o autor desta ladainha. Mas (e isto é o essencial) rezavam-se pelo menos um pouco mais tarde, no séc. XV:

Kyrie, etc.
 Sancta Maria, ora pro nobis.
 Sancta Dei genitrix, ora pro nobis.
 Sancta mater creatoris, ora pro nobis.
 Sancta mater Christi, ora pro nobis.
 Sancta mater filii Dei, ora pro nobis.
 Sancta mater Jesu Christi, ora pro nobis.
 Sancta mater salvatoris, ora pro nobis.
 Sancta mater misericordie, ora pro nobis.
 Sancta mater clementie, ora pro nobis.

O mais vai seguindo no mesmo tom: mãe de bondade, mãe de justiça, mãe de equidade, mãe de piedade, etc. E no fim:

Per filium tuum, libera nos, domina.
 Per nativitatem domini, libera nos, domina.
 Per baptismum ejus, libera nos, domina.
 Per mortem ejus, libera nos, domina.
 Per resurrectionem ejus, libera nos, domina.
 Per ascensionem ejus, libera nos, domina.
 Per spiritum sanctum, libera nos, domina.
 Per assumptionem ejus, libera nos, domina.
 Per gaudium, in quo regnas cum filio tuo, libera nos, domina.
 Per gaudium, in quo concepisti filium tuum, libera nos, domina.

(63) ANGELO DE SANTI, *Le Letanie Lauretane*, «Civiltà Cattolica», série 16, 9 (Roma, 1897) 536.

Per regem celorum Jesum bonum, libera nos, domina.
 Per septem gaudia tua, libera nos, domina.
 A pressura peccatorum, libera nos, domina.
 A cruciatu inferni, libera nos, domina.
 A morte eterna, libera nos, domina.
 A spiritu immunditie, libera nos, domina.
 Ab inquinamento carnis, libera nos, domina.
 A cogitatu maligno, libera nos, domina.
 A spiritu blasphemie, libera nos, domina.
 Ab ruina mortis eterne, libera nos, domina.
 A malis operibus, libera nos, domina.
 A morbo retundo, libera nos, domina.
 In die judicii, libera nos, domina.
 Peccator te rogo, audi nos.
 Ub nobis parcas, audi nos.
 Ut nobis indulgeas, audi nos.
 Kyrie, eleison. Christe, eleison. Kyrie, eleison. Pater noster.

OREMUS

Sancta Maria, domina nostra dulcissima, rogo te per illud gaudium, quod habuisti, quum angelus tibi apparuit et per illam salutem qua te salutavit. Tu domina exaudire et letificare atque defendere digneris populum tuum istum ab omni malo et angustia et spetialiter a plaga pestis epydimie. Per Christum dominum nostrum qui tecum vivit et regnat ⁽⁶⁴⁾.

Enfim, saem-nos ao encontro as ladainhas pré-lauretanas — ponte de passagem entre as litanias antigas e as do nosso tempo, como certas espécies zoológicas indeterminadas e hesitantes. De-las falaremos a seu tempo, ao compará-las com algumas do mesmo género, rezadas em Portugal.

CAPÍTULO III

Laudes-Litanias de Mestre André Dias

Para o beneditino Mestre André Dias, bispo de Mégara, reservamos um capítulo à parte, embora pudéssemos introduzir os seus versos no capítulo em torno da génese das ladainhas marianas. Procedemos assim, por as suas *laudes* estarem em portu-

(64) ANGELO DE SANTI *Die Lauretanische Litanei* (Paderborn, 1900) 81-83.

guês e serem, nos dois casos adiante citados, um exemplo do uso do refrém à maneira da resposta do povo, na reza das litanias: *tende piedade de nós* ou *rogai por nós* e ainda *salve!* ou *ave!*

De Fr. André Dias, da sua vida e das suas obras, já tratámos longamente noutras lugares ⁽⁶⁵⁾. Nasceu em 1348, entrou para a Ordem de S. Bento, graduou-se de doutor em teologia, na Universidade de Viena de Áustria, percorreu vários países e deve ter morrido depois de 1441.

Levou uma vida complexa e agitada, participou no concílio de Constança, escreveu, discutiu e entrou na história com vários nomes: André Dias, André Hispano, André de Escobar, André de Rendufe e, finalmente, André de Lisboa.

Das suas obras, isolamos o *Livro das Laudes e Cantigas Espirituais*, em gótico de quatrocentos, actualmente na Biblioteca Nacional de Lisboa ⁽⁶⁶⁾.

Adaptadas, traduzidas ou influenciadas pelas *lodi* (laudes) italianas, as suas *cantigas* destinavam-se à confraria do *boo senhor Deus Jhesu*, na igreja de S. Domingos de Lisboa, para ali serem cantadas. Pelo menos, foi esta a intenção do seu autor:

Viinde ora e viinde todos vos outros confrades e servos da confrarya do boo Jhesu, e commygo estes melodyosos cantares, hymnos, prosas e laudes, que aqy em este livro conpiley e escrevy aa honrra do boom Jhesu, [com] altas vozes cantade, baylade, dançade, orade, tangede, em orgoons, em atabaques, com trombas, com anafiis, com guytarras, com alaudes e com arrabiis, ante o seu altar ⁽⁶⁷⁾.

Em estilo litaníaco, lemos uma *lauda e cantica* de Nossa Senhora, com o refrém a martelar no fim de cada louvor à Virgem Maria:

Benedicta sejas tu madre de Deus vyvente,
O *gloriosa domyna*.

Beenta sejas tu madre do senhor regente,
porque tu pariste o preço da humanal gente.
O *gloriosa domyna*.

(65) MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias* (Mosteiro de Singeverga, 1951); IDEM, *Estudos de Literatura Medieval* (Braga, 1956) 327-348. Cf. também Manuel Candal, S. J., na introdução a ANDREAS DE ESCOBAR, O.S.B., *Tractatus Polemico-Theologicus de Graecis Errantibus* (Madrid/Roma, 1952).

(66) Bibl. Nac. de Lisboa, ilum. 61.

(67) Bibl. Nac. de Lisboa, ilum. 61, fl. 3; MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, 17.

Beenta sejas tu estrella matutina,
oo gloriosa dona,
 que portaste a nossa luz divyna.
Oo gloriosa domina.

Beenta sejas tu madre de Jesu Christo,
oo gloriosa dona,
 que portaste o nosso senhor Deus muyto dulçissimo.
O gloriosa domina.

Benedicta sejas tu sobre toda creatura,
o gloriosa dona,
 que portaste a infiinda de Deus altura.
O gloriosa domina.

Benedicta sejas tu rosa do parayso,
o gloriosa dona,
 porque per ty foy vençido
 o demo nosso emmiigo.
O gloriosa domina.

Benedicta sejas tu das molheres a mayor,
o gloriosa dona,
 porque de ty nação o que he
 de todo o mundo regedor e governador.
O gloriosa domina.

Benedicto seja o fruyto do teu ventre sanctissimo,
o gloriosa dona,
 que foy pleno e conprido do Spiritu Sancto gloriosissimo.
O gloriosa domina.

Benedicta sejas tu de todas as beenções,
o gloriosa dona,
 e livranos de todas as maldições, amen.
O gloriosa domina. Amen ⁽⁶⁸⁾.

Como se vê, esta cantiga de Mestre André oscila entre dois centros de gravidade, dois polos rítmicos: *Bendita sejas* e *Ó gloriosa dona* (senhora).

Está cheia de antigos motivos litúrgicos, com ecos de hinos e sequências latinas, além de invocações de ladainhas ou coisa parecida. E a exclamação final (*Ó gloriosa dona!*) lembra-nos uma cantiga de Gil Vicente, que termina o *Auto da Feira*:

(68) Bibl. Nac. de Lisboa, illum. 61, fls. 38v.-39; MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, 114-115.

PRIMEYRO CORO

Blanca estais colorada,
virgem sagrada.

Em Belem, vila do amor,
da rosa naceo a flor,
virgem sagrada.

SEGUNDO CORO

Em Belem, vila do amor,
naceo a rosa do rosal,
virgem sagrada.

PRIMEYRO CORO

Da rosa naceo a flor,
pera nosso salvador,
virgem sagrada.

SEGUNDO CORO

Naceo a rosa do rosal,
Deos e homem natural,
virgem sagrada ⁽⁶⁹⁾.

Destinavam-se estas pequenas estrofes a ser cantadas *em solfa*, por dois coros alternados. Por seu lado, a cantiga de Mestre André Dias podia também servir para o mesmo fim, entoada alternadamente, imitando a salmodia monacal. E se um dos coros só dissesse *O gloriosa domina*, teríamos uma pequena ladainha. Mas é ainda um mistério a maneira exacta como os irmãos da confraria do Bom Jesus rezavam as laudes e cantigas do bispo de Mégara, embora ele as fizesse para serem cantadas.

De tipo deprecativo, encontramos uma *oração*, cujas estrofes acabam sempre por uma súplica, a lembrar o *miserere nobis* de certas litánias: *havei, agora, senhora, de mim mercê!* Sim, que Nossa Senhora se amerceie de nós!

Oo virgem muy sancta,
por o teu muyto grande poder,
ave ora de mym merçee ⁽⁷⁰⁾.

(69) GIL VICENTE, *Obras*, (Lisboa, 1562), fl. 37v.

(70) Aqui, como nos outros lugares, o sublinhado é da nossa responsabilidade.

Oo virgem cortes puella,
madre de Deus e donzella,
que a lũa em sy nom he tanto bella,
ave ora senhora de mym merçee.

Oo muyto clara e lympha fontana,
oo rosa e fructuosa olyva,
que a tua graça nunca esquyva
a quem te chama com fe conprida,
ave ora de mym merçee.

Oo muyto fremoso lilio,
dame senpre boom conselho,
e roga por mym ao teu bendito filho
que me perdoe o meu peccado maledicto,
e porem senhora te rogo
que ajas de mym merçee.

Oo virgem ante do parto
e virgem ã no parto
e virgem depouys do parto,
oo virgem sobre todas as virgeens,
senhora ave ora de mym merçee (71).

Mais uma vez, pedimos ao leitor para esquecer um pouco a relativa rigidez das ladainhas dos nossos dias, completamente evoluídas e sem a flexibilidade perturbadora dos géneros literários que, nalguns casos, ainda não entraram nos moldes definitivos. Só assim compreenderemos a larga amplitude com que temos de acolher formas incompletamente acabadas, a meio caminho entre o ser e o não ser.

O jorro criador das ladainhas alastrava, então, em tipos diversos e livres. Não podemos, por conseguinte, adoptar um critério rígido para a avaliação e classificação das litánias.

Aliás, já Soror Maria do Baptista, nos começos de seiscentos, passava pela mesma dificuldade, como notámos atrás (72).

(71) Bibl. Nac. de Lisboa, ilum. 61, fl. 38-38v; MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, 44.

(72) SOROR MARIA DO BAPTISTA, *Livro da Fundação do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa* (Lisboa 1618) fls. 122-125-v.

CAPÍTULO IV

Ladainha do Pseudo-Boaventura

Em latim, anglo-normando, inglês, francês e galaico-português, corria, no séc. XIII, um *milagre* antigo de Nossa Senhora, em torno dum monge devoto da Virgem Maria, a quem ela curou maravilhosamente. Afonso o Sábio († 1284) fala-nos dele, numa das suas *Cantigas de Santa Maria* (73). Muito amava Nossa Senhora este monge *sisudo e leterado!* Às portas da morte, apareceu-lhe a Virgem Maria, ungiu-lhe as *chagas* e deitou-lhe *na boca et na cara do seu leite*. Logo mudou a carne do rosto e da boca, *como muda penas a andorynna*. E isto porquê? Por ele, depois do officio divino, costumar recolher-se a uma *capela mui pequenina*, rezando ali as *Horas de Nossa Senhora* e a ladainha (*et a ledaninna!*)

Em que ladainha pensaria Afonso o Sábio, ao escrever os versos deste *milagre*? Na de Nossa Senhora, claro, pois referia-se à devoção do monge para com a Mãe de Deus. Mas em que litania mariana? Não sabemos.

Uma das mais antigas litánias marianas rezadas na nossa Idade Média e de que temos conhecimento certo é a do Pseudo-Boaventura, no cabo do *Psalterium majus Beatae Mariae Virginis* (74). Esta obra espúria, com os seus 150 *salms marianos* (chamemos-lhes assim) correu o vasto mundo, até aos tempos modernos, embora depois certas edições substituíssem a ladainha do Pseudo-Boaventura pela dos nossos dias (75). Em letra da primeira metade de quatrocentos, vamos encontrar igualmente o saltério da Virgem Maria e a ladainha pseudo-boaventuriana no *Livro de Horas do rei D. Duarte* (76).

Quais as relações entre este saltério e uma obrinha desaparecida de D. João I, que parentesco tem ele com um *Livro de Horas* em medievo-português, cujo estudo temos entre mãos — tudo isso fica para mais tarde.

(73) AFONSO O SÁBIO, *Cantigas de Santa Maria*, I (Madrid, 1889) cant. 54.

(74) S. BOAVENTURA, *Opera Omnia*, 13 (Veneza, 1756) 232-260.

(75) *Psalterium B. Virginis Mariae* (Lisboa, 1697). Mandado editar segunda vez por Manuel Ribeiro, 283-288.

(76) Torre do Tombo, *Livro de Horas do rei D. Duarte*, fls. 235 e ss.: *Incipit psalterium beate Marie virginis gloriose*.

O que nos interessa, neste momento, é a ladainha final. D. Duarte rezá-la-ia gostosamente, tanto mais que sabia latim e aprendera dos pais a venerar filialmente a SS. Virgem:

LETHANIE DOMINE NOSTRE

Kyrie, eleyson.

Christe, eleyson.

Kyrie, eleyson.

Christe, audi nos.

Pater de celis Deus, Marie virginis gloriosus conditor, miserere nobis.

Fili redemptor mundi Deus, Marie nobilis fecundator, miserere nobis.

Spiritus Sancte Deus, Marie mirabilis obumbrator, miserere nobis.

Sancta Trinitas unus [Deus], qui Mariam glorificas, miserere nobis.

Sancta Maria, que totum mundum illuminas, ora pro nobis.

Sancta Maria, que tuos servientes extollis, ora pro nobis.

Sancta Maria, que pro peccatoribus supplicas, ora pro nobis.

Sancta Maria, illuminatrix cordium, ora pro nobis.

Sancta Maria, consolatrix flencium, ora pro nobis.

Sancta Maria, salvatrix pereuncium, ora pro nobis.

Sancta Maria, fons misericordie, ora pro nobis.

Sancta Maria, splendor sancte ecclesie, ora pro nobis.

Sancta Maria, flumen sapieencie, ora pro nobis.

Sancta Maria, ab angelo salutata, ora pro nobis.

Sancta Maria, Spiritu Sancto obumbrata, ora pro nobis.

Sancta Maria, in celis glorificata, ora pro nobis.

Sancta Maria, rosa veris graciosa, ora pro nobis.

Sancta Maria, virgo dulcis sponsa, ora pro nobis.

Sancta Maria, imperatrix amorosa, ora pro nobis.

Sancta Maria, a Deo Patre sponsa electa, ora pro nobis.

Sancta Maria, Verbi Dei mater preelecta, ora pro nobis.

Sancta Maria, a Spiritu Sancto virgo protecta, ora pro nobis.

Sancta Maria, que Deum in utero concepisti, ora pro nobis.

Sancta Maria, que Deum in tuis visceribus humanasti, ora pro nobis.

Sancta Maria, que Deum et hominem peperisti, ora pro nobis.

Sancta Maria, virgo virginum signifera, ora pro nobis.

Sancta Maria, virga Yesse christifera, ora pro nobis.

Sancta Maria, arbor vite fructifera, ora pro nobis.

Sancta Maria, feminarum pulcherrima, ora pro nobis.

Sancta Maria, humilium humilima, ora pro nobis.

Sancta Maria, sacrarium sanctissimum Dei, ora pro nobis.

Sancta Maria, super omnes excellencius magnificanda, ora pro nobis.

Sancta Maria, super omnes carius amanda, ora pro nobis.

Sancta Maria, super omnes reverencius celebranda, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater conditoris omnium, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater redemptoris hominum, ora pro nobis.

- Sancta Maria, mater pastoris ovium, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater mundo desiderabilis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater inferis terribilis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, virgo omnibus amabilis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, virgo plena gracia, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater plena clemencie, ora pro nobis.
 Sancta Maria, pia fundens solacia, ora pro nobis.
 Sancta Maria, flos et decor virginalis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, fluvius sapiencialis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, splendor et lux orientalis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, virtutum celi regina, ora pro nobis.
 Sancta Maria, domus Dei cypressina, ora pro nobis.
 Sancta Maria, celi fenestra cristallina, ora pro nobis.
 Sancta Maria, perpetue lucis aurora, ora pro nobis.
 Sancta Maria, virgo pulchra et decora, ora pro nobis.
 Sancta Maria, dulcis melodia et sonora, ora pro nobis.
 Sancta Maria, deliciarum Dei dapifera, ora pro nobis.
 Sancta Maria, celestis curie pincerna, ora pro nobis.
 Sancta Maria, paradysi porta previa, ora pro nobis.
 Sancta Maria, placidum deitatis umbraculum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, purissimum celestis graciae vasciculum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, dignum Christi cenaculum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, virginum nova exultatio, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mulierum prima benedictio, ora pro nobis.
 Sancta Maria, miserorum pia consolatio, ora pro nobis.
 Sancta Maria, vera salus et beatitudo, ora pro nobis.
 Sancta Maria, caritatis magnitudo, ora pro nobis.
 Sancta Maria, pietatis latitudo, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater orphanorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mamilla parvulorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, consolatio afflictorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, nobilis regina celorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, cui angeli obediunt et consecrantur, ora pro nobis.
 Sancta Maria, cui sancti et sancte congaudent et congratulantur, ora pro nobis.
 Sancta Maria, quam omnia laudant et venerantur, ora pro nobis.
 Propicia esto, parce nobis, domina.
 Ab omni malo, libera nos, domina.
 Ab omni mala temptatione, libera nos, domina.
 Ab ira Dei et indignatione, libera nos, domina.
 A periculosa desperatione, libera nos, domina.
 A superbia precipitante, libera nos, domina.
 A luxuria deturpante, libera nos, domina.
 Ab avaricia devastante, libera nos, domina.
 A peccato ire et invidie cruciantis, libera nos, domina.
 A peccato gule et castrimargie ⁽⁷⁷⁾ maculantis, libera nos, domina.

(77) *Deve ser gastrimargie.*

Ab incursu hostis malignantis, libera nos, domina.
 Per dulcorem et gaudium Christi incarnationis, libera nos, domina.
 Per dolorem et angustiam ipsius passionis, libera nos, domina.
 Per gaudium et leticiam ejus resurrectionis, libera nos, domina.
 A mortis pavendo discrimine, libera nos, domina.
 A judicii districto examine, libera nos, domina.
 Ab inferni horribili cruciamine, libera nos, domina.
 Peccatores, te rogamus, audi nos.
 Ut sanctam ecclesiam, piissima domina, conservare digneris, te rogamus,
 audi nos.
 Ut justis gloriam, peccatoribus gratiam impetrare digneris, te rogamus,
 audi nos.
 Ut navigantibus portum, peregrinantibus reditum, infirmantibus salutem,
 tribulatis consolationem, captivis liberationem impetrare digneris,
 te rogamus, audi nos.
 Ut famulos et famulas tuas tibi devote servientes consolari digneris, te ro-
 gamus, audi nos.
 Ut cunctum populum filii tui precioso sanguine suo redemptum conservare
 digneris, te rogamus, audi nos.
 Ut cunctis fidelibus defunctis requiem eternam impetrare digneris, te ro-
 gamus, audi nos.
 Ut nos exaudire digneris, te rogamus, audi nos.
 Mater Dei, te rogamus, audi nos.
 Mater carissima domina nostra, miserere nostri et impetra nobis perpe-
 tuam pacem, te rogamus, audi nos.
 Per sanctam annunciationem tuam, domine Ihesu Christe parce michi.
 Per sanctam descentionem et conceptionem tuam, domine Ihesu Christe
 parce michi.
 Per sanctam nativitatem tuam, domine Ihesu Christe parce michi.
 Per sanctum baptismum tuum, domine Ihesu Christe parce michi.
 Per sanctam apparitionem tuam, domine Ihesu Christe parce michi.
 Per sanctum jejunium tuum, domine Ihesu Christe parce michi.
 Per sanctam passionem tuam, domine Ihesu Christe parce michi.
 Per piissimam mortem tuam, domine Ihesu Christe parce michi.
 Per crucem tuam, domine Ihesu Christe parce michi.
 Per sanctam descentionem ad inferos, descendentem et liberantem capti-
 vos, domine Ihesu Christe parce michi.
 Per sanctam resurrectionem tuam, domine Ihesu Christe parce michi.
 Per admirabilem ascensionem tuam, domine Ihesu Christe parce michi.
 Per Spiritum Sanctum paraclitum, domine Ihesu Christe parce michi.
 Per adventum tuum futurum, domine Ihesu Christe parce michi.
 Dulcis domina nostra, exaudi oracionem meam et clamor meus ad te veniat.

OREMUS

Ave sanctissima mater Dei, flos et rosa speciei, aurora et lux diei,
 dulcedo omnium carismatum, vera salus mundi pereuntis et humani gene-
 ris reparatio salutaris, pone, gloriosa domina, super me peccatorem cle-

mentissimum aspectum tuum, dulcem, pium et gloriosum, radiosum et amorosum, sicque inebrier gratia quod laudes digneris recipere ex mea peccatrice lingua. Tu es, enim, vas auri solidum, omni lapide precioso ornatum, in quo rex angelorum placidum invenit habitaculum et umbraculum et reclinatorium amorosum. Tu es, enim, sancte Trinitatis nobile triclinium preciosumque tabernaculum tante majestati amabile et graciosum. Per te, enim, recreantur infirmi, consolantur gemebundi, resuscitantur mortui, letificantur dolorosi; tua virtus et gratia confundit inferna, destruit peccata, restaurat perdita, letificat celestia, salvat erraneos, dulcificat angelos, facit ridere celos. O mater pia et omnium gratiarum regina plenissima, precor, per Dei Filium, conceptum tuum et partum sanctissimum ac gloriosum, ut amor tuus semper sit in meo corde, lux tua in pectore meo, dulcedo in mente, devotio tua in anima, laus et jubilatio tua in lingua mea. Adjuva me in necessitate, sana me in infirmitate, conforta me in adversitate, sis michi solacium in tribulatione, fortitudo in temptatione, dulcedo in afflictione, lucerna in opere et actione, per te servetur consciencia mea, per te dirigatur vita mea. Mors mea illustretur tua presencia gloriosa. Eredientem animam meam defende de manu adversarii, de potestate Acherontis et de flamma putei infernalis. Pro me ante thronum Dei supplica, iram judicis demulce, placa tuis precibus, ut eripiar ab omnibus periculis, tuis meritis conjungi merear angelicis choris, tibi annuente Filio Dei benedicto, in te pro nostra redemptione incarnato. Qui cum Patre et Spiritu Sancto, in unitate et trinitate perfecta, vivit et regnat laudandus et glorificandus Deus, per infinita secula seculorum. Amen.

Benedictum sit nomen domini Ihesu Christi et gloriose virginis Marie, matris ejus, in eternum et ultra. In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen ⁽⁷⁸⁾.

Valerá a pena traduzir todas estas invocações cheias de lirismo e súplicas frementes? Talvez não, atendendo ao público para quem se destinam estas páginas. No entanto vertemos algumas: Santa Maria, que alumias todo o mundo; Santa Maria, que exaltas os teus servos; Santa Maria, que intercedes pelos pecadores; Santa Maria, que iluminas os corações; Santa Maria, consoladora dos que choram; Santa Maria, salvação dos que estão a perder-se; Santa Maria, fonte de misericórdia; Santa Maria, esplendor da santa Igreja; Santa Maria, rio de sabedoria; Santa Maria, saudada pelo anjo; Santa Maria, sobre quem baixou o Espírito Santo; Santa Maria, glorificada no céu; Santa Maria, graciosa rosa da primavera; Santa Maria, virgem e doce esposa; Santa Maria, amorosa imperatriz; Santa Maria, esposa eleita — roga por nós!

E os títulos de louvor seguem-se uns atrás dos outros: virgem das virgens, vara da Jessé, árvore da vida, a mais bela das

(78) *Ib.*, fls. 288v.-294.

mulheres, humilde entre os humildes, sacrário santíssimo de Deus, mãe do Criador, mãe do Redentor, mãe do Pastor, mãe terrível para o inferno, virgem cheia de graça, mãe cheia de clemência, esplendor e luz do oriente, rainha das virtudes celestiais, casa de Deus, janela do céu, aurora da luz perpétua, doce e sonora melodia, porta do paraíso, primeira bênção das mulheres, piedosa consolação dos desgraçados, verdadeira salvação e felicidade, mãe dos órfãos, seio dos pequeninos, consolação dos aflitos, nobre rainha do céu, etc.

Moldada na ladainha dos santos, esta ladainha encerra igualmente uma série de súplicas-jaculatórias, para o Senhor nos livrar de tudo o que nesta vida nos ameaça: De todo o mal, de todas as más tentações, da ira divina e da sua indignação, do desespero perigoso, da soberba, da luxúria, da devastadora avareza, do pecado da ira e da inveja que atormenta, do pecado da gula, dos ataques do inimigo maligno — livra-nos, senhora! Sim, livra-nos — pelas doçuras e alegrias da encarnação de Cristo, pelas dores e angústias da sua paixão, pelo gozo da sua ressurreição!

O resto segue pelo mesmo caminho, num interesse ecuménico por tudo o que é cristão: Que Nossa Senhora defenda a Santa Igreja, peça o perdão para os pecadores, dê o porto aos navegantes, o regresso aos peregrinos, a consolação aos atribulados e a liberdade aos cativos! Que ela se digne consolar os servos e servas consagradas ao seu serviço, que ela proteja o povo remido pelo sangue de Cristo e conceda o descanso eterno a todos os fiéis defuntos!

Depois, voltamo-nos para Jesus. Por todos os seus mistérios, pelo seu nascimento, pelo seu baptismo, pela sua paixão, morte e descida aos infernos, pela sua ressurreição e ascensão — que ele nos perdoe! E também pela descida do Espírito Santo e pela vinda de Cristo no fim dos tempos — *parce michi* (perdoa-me)!

A oração final contém louvores que chegariam para uma pequena ladainha: Salve, mãe de Deus, flor, rosa, aurora, doçura, vaso de ouro, triclínio da SS. Trindade! Em ti se alegram os enfermos, consolam-se os tristes e os mortos voltam à vida. *Quando a minha alma partir, defende-a das mãos do inimigo, do poder de Aqueronte e das chamas do abismo infernal!*

Aqueronte, o rio dos infernos — eis uma reminiscência lite-

rária do mundo antigo. Os condenados atravessavam irremediavelmente as suas águas amargas e não voltavam mais.

Simplificada, mais curta e com uma oração final diferente e pequenina, tornaremos a ver esta ladainha do Pseudo-Boaventura, no devocionário duma senhora portuguesa quinhentista, mais leve e mais fácil de rezar ⁽⁷⁹⁾.

No entanto, vemo-la florescer ainda na exuberância primitiva, ao longo do séc. XVI, e foi uma das que o P.º João Rebelo, S. J., publicou no *Rosário de la Sanctissima Virgen Maria Madre de Dios* ⁽⁸⁰⁾.

CAPÍTULO V

Ladainha do Códice Alcobacense 37

Em letra de duas mãos, dos fins do séc. XIII, este códice de Alcobaca encerra um mundo de coisas: meditações, orações e cartas de S. Anselmo de Cantuária (ou a ele atribuídas), o *De anima*, de Cassiodoro, um tratadinho sobre a acentuação dalguns nomes latinos, segundo o costume de Cister, páginas em torno da cruz e, por fim, uma misteriosa narrativa marítima: *Incipit Trezenzonii de solistionis insule magne* — e deixamos o latim como está no códice.

Nas folhas preliminares, depois duma parte do índice e duma longa prece, mão anónima de quatrocentos acrescentou uma litania mariana — mutilada, por ter desaparecido a folha seguinte, mas interessante a valer, ao menos pela sua raridade.

A eterna repetição de *Sancta mater* acentua a sua origem antiga, embora aqui, como noutras ladainhas, surjam certas invocações que passaram, mais tarde, para a litania do Loreto: *Sancta Maria...*, *Sancta Dei genitrix...*, *Sancta virgo virginum...*, *mater creatoris...*, *mater salvatoris...*, *mater Christi...*, *mater inviolata...*,

(79) Bibl. do Palácio da Ajuda, ms. 49-I-3, fls. 96v. e ss.

(80) JOÃO REBELO, S. J., *Rosario de la Sanctissima Virgen Maria Madre de Dios*, 2 (Évora, 1599) fls. 212v.-215.

mater intemerata... Lembra um pouco a ladainha contra a peste, atrás citada: *mater misericordie*..., *mater glorie*..., *mater sapientie*..., *mater scientie*..., *mater gratie*..., *mater prudentie*..., *mater obedientie*..., *mater pudicitie*..., *mater pacientie*... Contudo, é diferente a ordem das invocações (mesmo quando correspondem) e o seu número é muito maior na ladainha alcobacense, apesar de truncada.

Embora velha, tal ladainha libertou-se das ramificações inúteis, tornou-se leve e podia facilmente ser rezada em coro. Só é pena que o resto tenha desaparecido, ignorando nós, desta maneira, a sua extensão e a maneira como terminava.

Mais uma vez, sentimos aqui a espontaneidade enorme que presidia à formação destas longas litanias, com os elogios da SS. Virgem alinhados uns atrás dos outros, mas sem ordem nem método, a não ser no princípio. Lembra uma procissão de aldeia, tendo à cabeça o pároco, as confrarias e os anjinhos — mas aonde o povo segue, depois, à vontade, cada qual no lugar que lhe apetece. Por vezes, temos a ilusão de que a rima une os títulos em grupos maiores ou menos: *pacientie*, *continentie*, *reverentie*... Ou então (em rimas alternadas): *rectitudinis*, *dignitatis*, *fortitudinis*, *claritatis*... Simples acaso, aliás vulgar em muitas páginas da literatura mística em latim medieval:

Kyrie, eleison.

Christe, eleison.

Kyrie, eleison.

Sancta Maria, ora pro nobis.

Sancta Dei genitrix, ora pro nobis.

Sancta virgo virginum, ora pro nobis.

Sancta mater filii Dei, ora pro nobis.

Sancta mater creatoris, ora pro nobis.

Sancta mater redemptoris, ora pro nobis.

Sancta mater salvatoris, ora pro nobis.

Sancta mater imperatoris, ora pro nobis.

Sancta mater Christi, ora pro nobis.

Sancta mater Ihesu, ora pro nobis.

Sancta mater salutaris, ora pro nobis.

Sancta mater bonitatis, ora pro nobis.

Sancta mater equitatis, ora pro nobis.

Sancta mater benedicta, ora pro nobis.

Sancta mater perpetua, ora pro nobis.

Sancta mater preclara, ora pro nobis.

Sancta mater speciosa, ora pro nobis.

Sancta mater inviolata, ora pro nobis.
Sancta mater incorrupta, ora pro nobis.
Sancta mater intemerata, ora pro nobis.
Sancta mater incontaminata, ora pro nobis.
Sancta mater immaculata, ora pro nobis.
Sancta mater nimis amanda, ora pro nobis.
Sancta mater nimis laudanda, ora pro nobis.
Sancta mater nimis predicanda, ora pro nobis.
Sancta mater nimis beatificanda, ora pro nobis.
Sancta mater nimis adoranda, ora pro nobis.
Sancta mater nimis benedicenda, ora pro nobis.
Sancta mater misericordie, ora pro nobis.
Sancta mater clemencie, ora pro nobis.
Sancta mater justicie, ora pro nobis.
Sancta mater munditie, ora pro nobis.
Sancta mater concordie, ora pro nobis.
Sancta mater glorie, ora pro nobis.
Sancta mater sapientie, ora pro nobis.
Sancta mater scientie, ora pro nobis.
Sancta mater gratie, ora pro nobis.
Sancta mater prudentie, ora pro nobis.
Sancta mater obedientie, ora pro nobis.
Sancta mater pudicie, ora pro nobis.
Sancta mater patientie, ora pro nobis.
Sancta mater continentie, ora pro nobis.
Sancta mater reverentie, ora pro nobis.
Sancta mater discipline, ora pro nobis.
Sancta mater consilii, ora pro nobis.
Sancta mater auxilii, ora pro nobis.
Sancta mater gaudii, ora pro nobis.
Sancta mater refugii, ora pro nobis.
Sancta mater refrigerii, ora pro nobis.
Sancta mater remedii, ora pro nobis.
Sancta mater pietatis, ora pro nobis.
Sancta mater pacis, ora pro nobis.
Sancta mater virginitatis, ora pro nobis.
Sancta mater eternitatis, ora pro nobis.
Sancta mater redemptionis, ora pro nobis.
Sancta mater dulcedinis, ora pro nobis.
Sancta mater benignitatis, ora pro nobis.
Sancta mater luminis, ora pro nobis.
Sancta mater decoris, ora pro nobis.
Sancta mater pulcritudinis, ora pro nobis.
Sancta mater rectitudinis, ora pro nobis.
Sancta mater dignitatis, ora pro nobis.
Sancta mater fortitudinis, ora pro nobis.
Sancta mater claritatis, ora pro nobis.
Sancta mater consolationis, ora pro nobis.

Sancta mater virtutis, ora pro nobis.
 Sancta mater dilectionis, ora pro nobis.
 Sancta mater filiorum Dei, ora pro nobis.
 Sancta mater magnitudinis, ora pro nobis.
 Sancta mater fidei, ora pro nobis.
 Sancta mater spei, ora pro nobis.
 Sancta mater caritatis, ora pro nobis.
 Sancta mater salutis, ora pro nobis.
 Sancta mater sanctitatis, ora pro nobis.
 Sancta mater perfectionis, ora pro nobis.
 Sancta mater jocunditatis, ora pro nobis.
 Sancta mater benignitatis, ora pro nobis.
 Sancta mater sublimitatis, ora pro nobis.
 Sancta mater castitatis, ora pro nobis.
 Sancta mater remissionis, ora pro nobis.
 Sancta mater defenssionis, ora pro nobis.
 Sancta mater splendoris, ora pro nobis.
 Sancta mater speciositatis, ora pro nobis.
 Sancta mater specialitatis, ora pro nobis ⁽⁸¹⁾.

Mãe do criador, mãe do salvador, mãe do redentor, mãe do imperador, mãe de Cristo, mãe de bondade, mãe bendita, mãe imaculada, mãe de misericórdia, mãe da luz, mãe da beleza, mãe de consolação, mãe de fé, esperança e caridade — mãe e sempre mãe! E ouvimos, aqui, um eco largo de toda a Idade Média, em que a Virgem Maria aparece como fonte carinhosa de todas as graças, a mãe n.º 1.

Como terminaria esta ladainha? A julgar pela citada litania da peste, de cujo tipo ela se aproxima, uma vez acabados os títulos da Virgem Maria, seguir-se-ia a série de deprecações, em uso nas ladainhas dos santos (ou antes, vazadas nos mesmos moldes):

Per filium tuum, libera nos domina.
 Per nativitatem domini, libera nos domina.
 Per baptismum ejus, libera nos domina.
 Per mortem ejus, libera nos domina ⁽⁸²⁾.

(81) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 37, na fl. preliminar que antecede a fl. 1.
 (82) ANGELO DE SANTI, *Die Lauretanische Litanei* (Paderborn, 1900) 82-83.

CAPÍTULO VI

Ladainha do Livro de Horas da Rainha D. Leonor

Religiosa como era, D. Leonor, mulher de D. João II, reuniu alguns *Livros de Horas*, além dum breviário franciscano, agora na Colecção Pierpont Morgan, em Nova Iorque, erradamente classificado de *Livro de Horas* ⁽⁸³⁾.

Um dos *Livros de Horas*, iluminado a grisalha, pertence à segunda metade do séc. XV ⁽⁸⁴⁾ e é de tipo flamengo. No fim, vemos um apêndice em letra diversa, talvez mandado acrescentar pela própria rainha.

Nada prova que fosse António de Holanda o autor deste *Livro de Horas*, embora ele trabalhasse, de facto, para a mulher de D. João II, *assi para seu uso e devoção, como para suas capellas* ⁽⁸⁵⁾. Na capa, por dentro, podemos ler estas linhas antigas, com a assinatura de Frei Luís de S. Tiago, por baixo: *Este livro foi da rainha D. Leonor, não se pode dar de fora so pena de escomunhão*.

O leitor moderno omitirá de bom grado o conteúdo destas páginas, em latim. Aliás já nos referimos a elas ⁽⁸⁶⁾. Quanto às iluminuras deste *Livro de Horas*, de texto emoldurado entre filetes a escuro e ouro, não sucederá tanto assim. Gostará de olhar para as maravilhosas figurinhas: Um guerreiro minúsculo empunha uma haste com flâmula. No mês de Janeiro, um homem de idade aquece-se ao fogão, e assim por diante. Macacos mais ou menos cómicos, dragões, animais ferozes, um molosso de mitra na cabeça, cenas da vida mundana, uma dama a tocar harpa, outra a tocar ferrinhos, cavalos e cavaleiros, miniaturas de frades e freiras, uma caçada ao urso — enfim, toda a vida e toda a fantasia da Idade Média. Omitamos, porém, tudo isto e paremos na *Letania de beata Virgine* ⁽⁸⁷⁾, em letra do primeiro quartel de quinhentos.

(83) REINALDO DOS SANTOS, *Les Principaux Manuscrits à Peintures Conservés en Portugal*, «Bulletin de la Société Française de Manuscrits à Peintures» (Paris, 1950) 18; ADRIANO DE GUSMÃO, *Iluminura Medieval*. «Arte Portuguesa. Pintura» (Lisboa, s/d) 106.

(84) Bibl. Nac. de Lisboa, illum. 165.

(85) GABRIEL PEREIRA, *Livros Preciosos* (Coimbra, 1910) 12. As palavras transcritas são de Francisco de Holanda.

(86) MÁRIO MARTINS, *A Rainha Dona Leonor e os Livros*, «Brotéria», 67 (Lisboa, 1958) 249-257.

(87) Bibl. Nac. de Lisboa, illum. 165, fls. 161-162v. No ms. vem *Letani*, sem termos saber se está no singular (*letania*) ou no plural (*letaniae*).

É uma ladainha pré-lauretana ou, como gostaríamos de chamar-lhe, ladainha de transição, igual à do outro *Livro de Horas*, também pertencente à mesma rainha⁽⁸⁸⁾, segundo parece. Este é um volume maneirinho que tem, na primeira folha, estas duas palavras: *da rainha*. E por baixo, novamente a assinatura de Frei Luís de S. Tiago. No convento da Madre de Deus de Xabregas, por *a rainha* entendia-se habitualmente a mulher de D. João II, que lá viveu e morreu, deixando às freiras todos os seus livros. Pequenino e também do séc. XV, as suas iluminuras são, no entanto, de estilo diverso das do *Livro de Horas* antecedente.

Flores, insectos, aves, um cachorro, pavões, um macaco a tocar saltério, a matança dos Santos Inocentes, duas caveiras, Nossa Senhora e o Menino Jesus, etc., deixemos tudo isto, para nos ocuparmos da ladainha, num apêndice, em caracteres dos começos do séc. XVI⁽⁸⁹⁾.

Temos, pois, a mesma litania, em dois apógrafos de igual valor. Se preferimos o segundo, é por o copista ter aqui revelado a sua nacionalidade portuguesa, acrescentado à ladainha estas palavras suplicantes: *Em a fim se diga hũa ave maria pollo escrivão*⁽⁹⁰⁾.

Águas duma só corrente, a marchar juntas e de igual maneira, nenhuma diferença separa as devotas ladainhas, num e noutro *Livro de Horas*. A não ser esta: *Regina predicatorum et levitarum*, no ilum. 165; *Regina predicatorum e Regina levitarum*, no ilum. 166:

Kyri[e], eleyson.
 C[hriste, eleyson].
 Kyri[e], eleyson.
 Christe, audi nos.
 Christe, exaudi nos.
 Pater de celis Deus, miserere nobis.
 Fili redemptor mundi Deus, miserere nobis.
 Spiritus Sancte Deus, miserere nobis.
 Sancta Trinitas unus Deus, miserere nobis.
 Sancta Dei genitrix, ora pro nobis.
 Sancta virgo virginum, ora pro nobis.
 Causa nostre letitie, ora pro nobis.
 Mater Christi, ora pro nobis.

(88) Bibl. Nac. de Lisboa, ilum. 166.

(89) Possivelmente da mesma mão que escreveu a ladainha mariana do ilum. 165.

(90) Bibl. Nac. de Lisboa, ilum. 166, fl. 204v.

Mater inviolata, ora pro nobis.
 Mater castissima, ora pro nobis.
 Mater purissima, ora pro nobis.
 Mater intemerata, ora pro nobis.
 Mater amabilis, ora pro nobis.
 Mater divine gratie, ora pro nobis.
 Mater mirabilis, ora pro nobis.
 Mater redemptoris, ora pro nobis.
 Mater creatoris, ora pro nobis.
 Mater salvatoris, ora pro nobis.
 Mater humilitatis, ora pro nobis.
 Mater obedientie, ora pro nobis.
 Mater sanctitatis, ora pro nobis.
 Mater prudentie, ora pro nobis.
 Mater, cum sanctissimo filio tuo adjuva nos.
 Janua regni celorum, ora pro nobis.
 Rosa vivifica, ora pro nobis.
 Regina celorum, ora pro nobis.
 Regina angelorum, ora pro nobis.
 Regina prophetarum, ora pro nobis.
 Regina apostolorum et evangelistarum, ora pro nobis.
 Regina innocentium, ora pro nobis.
 Regina martirum, ora pro nobis.
 Regina confessorum, ora pro nobis.
 Regina monachorum, ora pro nobis.
 Regina predicatorum, ora pro nobis.
 Regina levitarum, ora pro nobis.
 Regina virginum, ora pro nobis.
 Regina omnium sanctorum, ora pro nobis.
 Speculum justitie, ora pro nobis.
 Sedes sapientie, ora pro nobis.
 Stella matutina, ora pro nobis.
 Spiritus Sancti sacrarium, ora pro nobis.
 Turris davidica, ora pro nobis.
 Turris eburnea, ora pro nobis.
 Turris aurea, ora pro nobis.
 Virgo suavis, ora pro nobis.
 Virgo fidelis, ora pro nobis.
 Virgo clementissima, ora pro nobis.
 Virgo pulcherrima, ora pro nobis.
 Virgo veneranda, ora pro nobis.
 Virgo predicanda, ora pro nobis.
 Vas coronabile, ora pro nobis.
 Vas redemptionis, ora pro nobis.
 Iesu Christe, fili Dei vivi, miserere nobis ⁽⁹¹⁾.

(91) *Ib.*, fls. 203-204v.

Aparentemente, esta ladainha não coincide com nenhuma das litânias pré-lauretanas publicadas por Ângelo de Santi⁽⁹²⁾. No entanto, encerra as mesmas invocações do texto *c* (impresso primeiramente em 1503), afora pequenas e raras variantes. É que existe uma diferença enorme na ordenação dos *versículos* (permitam-nos a palavra) de ambas as ladainhas. Lembram duas irritantes filas de soldados, com os pares quase todos desconstrados.

Será necessário pôr em relevo a semelhança entre esta litania mariana e a de hoje em dia e também as suas diferenças? Mãe de humildade, mãe de obediência, mãe de santidade, mãe de prudência, rainha dos inocentes, rainha dos monges, rainha dos pregadores, rainha dos levitas, torre de ouro, virgem suave, etc. — todas estas invocações faltam na litania lauretana que se espalhou pelo mundo.

CAPÍTULO VII

Ladainha pequena do Pseudo-Boaventura

Aqui está um pequeno códice que lembra certas bacias geológicas, para onde, através dos milénios, as águas carregaram, camada após camada, os fósseis de espécies desaparecidas. Este devocionário fala-nos já do papa Júlio III († 1555) e deve ser dos meados de quinhentos ou um pouco mais tarde⁽⁹³⁾. Porém, parte do seu conteúdo é de cunho anterior, mesmo bastante arcaico, em certos casos.

A mão anónima que o escreveu fez dele o nosso melhor repositório manuscrito de ladainhas de Nossa Senhora, nada menos de três. À primeira, chamar-lhe-emos *ladainha pequena do Pseudo-Boaventura*. Em breve diremos porquê. A segunda terá o nome de *Sancta Maria Mater* (por repetir estas palavras na maioria das suas invocações). A terceira é mais uma ladainha pré-lauretana. E o facto de todas elas pertencerem ao mesmo devocio-

(92) ÂNGELO DE SANTI, *Die Lauretanische Litanei* (Paderborn, 1900) 106-109.

(93) Bibl. do Palácio da Ajuda, ms. 49-I-3. Cf. MÁRIO MARTINS, *O devocionário inédito duma senhora quinhentista*, «Brotéria», 49 (Lisboa, 1949) 78-92.

nário prova a coexistência de vários tipos de ladainha, nascidos em épocas diferentes, fenómeno este que convém não esquecer. O passado existe no presente e este age no futuro.

Vamos à primeira ladainha. Quer nas invocações (embora menos numerosas) quer na ordem por que estão distribuídas, quer em tudo o mais, deriva da litania do Pseudo-Boaventura, com uma ou outra variante. Fica-nos a impressão de que alguém pegou na ladainha velha e começou a cortar, a resumir e a condensar, substituindo enfim a efusiva e lírica oração final por outra mais sóbria e maneirinha. E assim nasceu a *ladainha pequena do Pseudo-Boaventura*:

Kirie, eleison.

Christe, eleison.

Christe, audi nos.

Pater de cellis Deus, Marie virginis gloriosus conditor, miserere nobis.

Fili redemptor mundi Deus, Marie nobilis fecundator, miserere nobis.

Spiritus sancte Deus, Marie mirabilis obumbrator, miserere nobis.

Sancta Trinitas unus Deus, qui Mariam glorificas, miserere nobis.

Sancta Maria, que totum mundum illuminas, ora pro nobis.

Sancta Maria, que pro peccatoribus supplicas, ora pro nobis.

Sancta Maria, illuminatrix cordium, ora pro nobis.

Sancta Maria, consolatrix flentium, ora pro nobis.

Sancta Maria, salvatrix pereuntium, ora pro nobis.

Sancta Maria, fons misericordie, ora pro nobis.

Sancta Maria, splendor sancte ecclesie, ora pro nobis.

Sancta Maria, flumen sapientie, ora pro nobis.

Sancta Maria, ab angelo salutata, ora pro nobis.

Sancta Maria, Spiritu Sancto obumbrata, ora pro nobis.

Sancta Maria, in celis glorificata, ora pro nobis.

Sancta Maria, virga Jesse christifera⁽⁹⁴⁾, ora pro nobis.

Sancta Maria, arbor vite fructifera, ora pro nobis.

Sancta Maria, feminarum pulcherrima, ora pro nobis.

Sancta Maria, humilium humilima⁽⁹⁵⁾, ora pro nobis.

Sancta Maria, cui sancti omnes congratulantur, ora pro nobis.

Sancta Maria, quam omnes laudant et venerantur, ora pro nobis.

Propicia esto servis tuis, domina.

Ab omni malo, libera nos, domina⁽⁹⁶⁾.

Per dulcorem et gaudium tuum in Christi incarnatione, libera nos, domina.

Per dolorem et amaritudinem in ipsius passione, libera nos, domina.

(94) No ms., *christifira*.

(95) No ms., *humilia*.

(96) Daqui para diante, no ms., *o libera e o te* (de *te rogamus*) começam por maiúscula. Para maior uniformidade e também por razões de ordem gramatical, mudámos para minúscula.

Per gaudium ineffabile de ejus resurrectione, ascensione et Spiritus Sancti missione, libera nos, domina.

Peccatores, te rogamus, audi nos.

Ut ⁽⁹⁷⁾ famulos tuos tibi devote famulantes consolari digneris, te rogamus, audi nos.

Mater Dei, te rogamus, audi nos.

Mater Dei carissima et domina nostra, miserere nobis et impetra nobis perpetuam pacem. Amen.

Kyrie, eleison.

Christe, eleison.

Kyrie, eleison.

Pater noster. Et ne nos. Sed libera nos. Ora pro nobis, sancta Dei genitrix. Ut digni efficiamur promissionibus Christi. Domine exaudi orationem. Et clamor.

OREMUS

Auxilium tuum, domine, nobis propiciatus inpende et, intercedente pro nobis beata Dei genitrice semper virgine Maria cum omnibus sanctis, fac nos ab omni malo liberari et in eterna beatitudine cum angelis gloriari. Per. Pater noster. Ave maria ⁽⁹⁸⁾.

Já nos referimos ao facto da coexistência de ladainhas arcaicas, geralmente complexas e pesadas, e litanias modernas, a tender para a simplificação e para a leveza. Esta *ladainha pequena do Pseudo-Boaventura* é um exemplo típico dessa tendência para a simplicidade.

Porém, foram necessários muitos anos para este movimento se impor, porque a tradição tem uma grande força e há sempre quem a prefira às coisas novas, mesmo superiores e mais fáceis.

CAPÍTULO VIII

Ladainha de Sancta Maria Mater

A repetição arcaica de *Sancta Maria*, em cada uma das invocações, mantém-se ainda na ladainha a que chamaremos de *Sancta Maria Mater*, por quase todos os seus *versículos* começarem dessa maneira, na maior parte da litania. Moldada, como tantas ladainhas marianas, na litania dos santos, nem por isso é muito

(97) No ms., *Et*.

(98) Bibl. do Palácio da Ajuda, ms. 49-I-3, fl. 96v.-97v.

pesada, como se o tempo e o uso dos fiéis tivessem suprimido tudo o que nela haveria antigamente de exuberante e excessivo:

Kiri[e], eleison

Christe, eleison.

Kirie, eleison.

Sancta Maria, ora pro nobis⁽⁹⁹⁾.

Sancta Dei genitrix, ora pro nobis.

Sancta virgo virginum, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater filii Dei, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater creatoris, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater redemptoris⁽¹⁰⁰⁾, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater imperatoris, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater Christi, ora pro nobis. ←

Sancta Maria, mater Ihesu, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater bonitatis, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater equitatis, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater benedicta, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater perpetua, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater preclara, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater speciosa⁽¹⁰¹⁾, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater inviolata, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater incorrupta⁽¹⁰²⁾, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater intemerata, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater incontaminata, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater immaculata, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater nimis amanda, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater nimis laudanda, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater nimis predicanda, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater nimis beatificanda, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater nimis benedicenda, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater nimis adoranda, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater misericordie, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater clementie, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater justicie, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater mundicie, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater concordie, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater glorie, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater sapiencie, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater sciencie, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater graciae, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater prudencie, ora pro nobis.

(99) No ms., vem sòmente *ora*. Tanto pode ser *ora pro nobis* como *ora pro me*, porque adiante traz *libera me, domina; dona nobis; miserere nobis; etc.*

(100) No ms., *redentoris*.

(101) No ms., *especiosa*.

(102) No ms., *incorruta*.

Sancta Maria, mater obediencie, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater pudicie, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater continencie, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater reverencie, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater discipline, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater consilii, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater auxilii, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater gaudii, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater refugii, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater refrigerii, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater remedii, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater pietatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater pacis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater virginitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater eternitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater redencionis⁽¹⁰³⁾, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater dulcedinis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater benignitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater luminis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater decoris, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater plenitudinis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater pulcritudinis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater rectitudinis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater divinitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater fortitudinis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater claritatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater consolationis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater virtutis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater dilectionis⁽¹⁰⁴⁾, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater filiorum Dei, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater magnitudinis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater fidei, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater spei, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater charitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater salutis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater sanctitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater perfeccionis⁽¹⁰⁵⁾, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater jocunditatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater sublimitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater salutationis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater hereditatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater liberationis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater prosperitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater suavitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater sanitatis, ora pro nobis.

(103) No ms., *redencionis*.

(104) No ms., *dileitionis*.

(105) No ms., *perfeccionis*.

Sancta Maria, mater humilitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater gravitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater celsitudinis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater protectionis⁽¹⁰⁶⁾, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater serenitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater novitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater celestis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater sobrietatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater beatitudinis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater reconciliationis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater retributionis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater exauditionis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater tuitionis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater perpetuitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater reparationis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater restitutionis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater generositatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater virginum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater justorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater pupulorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater miserorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater destrictorum⁽¹⁰⁷⁾, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater pauperum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, mater virtutum regis, ora pro nobis.
 O domina angelorum, ora pro nobis.
 O regina celorum, ora pro nobis.
 O presidium nostrorum, ora pro nobis.
 O castitatis lilium, ora pro nobis.
 O celsa virtutum, ora pro nobis.
 O christianitatis remedium, ora pro nobis.
 O salutis⁽¹⁰⁸⁾ commercium⁽¹⁰⁹⁾, ora pro nobis.
 O suavitatis initium, ora pro nobis.
 O consolatio merentium, ora pro nobis.
 O salvatrix nostrorum, ora pro nobis.
 O spes desperantium, ora pro nobis.
 O scala celorum, ora pro nobis.
 O totius bonitatis exemplum, ora pro nobis.
 Per filium tuum, libera me, domina.
 Per annuntiationem ejus, libera me, domina.
 Per nativitatem ejus, libera me, domina.
 Per baptismum⁽¹¹⁰⁾ ejus, libera me, domina.
 Per passionem ejus, libera me, domina.

(106) No ms., *pproteitionis*.

(107) No ms., *destrictorum*. É duvidosa a emenda que fazemos.

(108) No ms., *salustis*.

(109) Devia ser *commercium*, mas aqui, como noutros lugares, deixamos passar alguns erros de ortografia. Era quase uma modernização ortográfica do latim.

(110) No ms., *bautismum*. *Bautismo*, *bautizar*, formas arcaicas vulgares.

Per crucem ejus, libera me, domina.
 Per jejunium ejus, libera me, domina.
 Per resurrectionem ⁽¹¹¹⁾ ejus, libera me, domina.
 Per ascensionem ⁽¹¹²⁾ ejus, libera me, domina.
 Per spiritum paraclctum, libera me, domina.
 A pondere peccatorum, libera me, domina.
 A cruciatu inferni, libera me, domina.
 A subitanea ⁽¹¹³⁾ morte, libera me, domina.
 A pestilentie malis, libera me, domina.
 A spiritu inmunditie, libera me, domina.
 Ab inquinamento carnis, libera me, domina.
 A cogitatu maligno ⁽¹¹⁴⁾, libera me, domina.
 A spiritu blasfemie, libera me, domina.
 A malis operibus, libera me, domina.
 Ab ira mortis, libera me, domina.
 A cecitate cordis, libera me, domina.
 Ab omni malo, libera me, domina.
 In hora ⁽¹¹⁵⁾ mortis, libera me, domina.
 In hora ⁽¹¹⁶⁾ mortis, succurre nobis, domina.
 In die judicii, libera me, domina.
 Peccatores, te rogamus ⁽¹¹⁷⁾, audi nos.
 Ut nos audire digneris, te rogamus ⁽¹¹⁸⁾, audi nos.
 Agnus Dei, natus de Maria matre, miserere nobis.
 Agnus Dei, datus per Mariam matrem ⁽¹¹⁹⁾, miserere nobis.
 Agnus Dei, redemptor noster, dona nobis pacem.

Vers.: In omni tribulatione et angustia nostra,

Resp.: Succurre nobis, piissima virgo Maria. Amen.

OREMUS

Deus qui nos conceptionis, nativitatis, apresentationis, annunciacionis, visitationis, purificationis ac asuncionis ⁽¹²⁰⁾ beate Marie senper virginis gaudia recolendo letificas, concede nobis, quesumus, sic ejus laudibus digne insistere et eam venerare et amare in terris quod per ipsam et cum ipsa gaudere mereamur in celis. Per dominum ⁽¹²¹⁾.

Se pusermos de parte o nome de Maria, ficando sòmente

(111) No ms., *resurrectionem*.

(112) No ms., *ascensionem*.

(113) No ms., *subbitanea*.

(114) No ms., *maglino*.

(115) No ms., *ora*.

(116) No ms., *ora*.

(117) No ms., *terrogamus*.

(118) No ms., *terrogamus*.

(119) No ms., *Maria mater*.

(120) Devia ser *assumptionis*.

(121) Bibl. do Palácio da Ajuda, 49-I-3, fls. 121-124v.

Sancta Mater, etc., esta enorme ladainha, até *Mater sublimitatis*, segue mais ou menos a par e passo com a do cód. alc. 37⁽¹²²⁾. Mas daí para a frente, as duas ladainhas diferenciam-se completamente, como duas companheiras que se zangaram, indo cada uma para o seu lado. Até que ponto, não sabemos, por estar mutilada a do códice alcobacense. Uma coisa é certa: as invocações finais (senhora dos anjos, rainha dos céus, nosso amparo, lírio de castidade, etc.) revestem já uma certa modernidade. Como se fosse demasiado o cansaço de repetir o *Sancta Maria Mater* em todos os versículos, tais palavras caíram mansamente (não esquecidas nem odiadas, mas por serem preferíveis as formas densas e curtas, sobretudo numa litania longa, como esta).

CAPÍTULO IX

Ladainha de transição do devocionário da Ajuda. Outro exemplar da mesma litania, de tipo arcaico

A terceira ladainha do devocionário da Ajuda, podíamos classificá-la de *litania de transição* ou *pré-lauretana*, como fizemos à dos *Livros de Horas* da rainha D.^a Leonor.

Ângelo de Santi fala-nos de várias ladainhas deste tipo intermediário. Uma delas, foi copiada, em 1524, pelo franciscano Giovanni de Falerone: *Letanie devotissime in laude de la Vergine Maria Advocata sollicita de' Peccatori*. Desapareceu o uso antigo de repetir *Sancta Maria*, a não ser de vez em quando, quase a dividir a ladainha em estrofes rítmicas. A articulação torna-se mais perfeita e surge algo de novo: a série de invocações que começam por *Regina*, o título de *Causa nostrae laetitiae* e, principalmente, o *Vas spirituale* (embora não falem poesias medievais com este louvor à Virgem Maria). No entanto, ainda ficou muita coisa dos tempos passados, à maneira da ladainha dos san-

(122) Nesta ladainha do cód. 37, há mais quatro invocações ausentes da presente ladainha do devocionário da Ajuda. Em compensação, existem, nesta última litania, umas duas invocações que em vão procuramos no cód. alc. 37. Podíamos igualmente apontar duas invocações iguais, mas em sítios diferentes.

tos e dalgumas de Nossa Senhora: *Peccatores, te rogamus, audi nos. Ut pro nobis intercedas, te rogamus, audi nos...* (123).

Os anos foram passando e as ladainhas foram-se aproximando das que rezamos agora. Ângelo de Santi publicou quatro destas ladainhas pré-lauretanas (124). A primeira vem num missal manuscrito, em letra gótica, dos princípios do séc. XVI, mas é possível que já existisse nos últimos decénios de quatrocentos. A segunda foi impressa em Veneza, no ano de 1513, num *Officium Beatae Virginis*. É mais curta, embora muito semelhante à antecedente. A terceira lê-se no *Officium Beatae Virginis* que Dulcibelli pôs em letra de forma, em Carpi, no ano de 1503. É ainda mais pequena e com algumas invocações ordenadas doutro modo. A quarta ladainha encontrou-a Vogel, num opúsculo editado em Veneza (1561), com o título de *Compendium orationum*. Destinava-se ao tempo da peste ou de qualquer tribulação: *Incipunt litaniae intemeratae Virginis Mariae quae dicenda sunt tempore tribulationis et tempore quo immineat pestis, cum antiphonis, versiculis et orationibus infrascriptis*.

Podemos designá-las, respectivamente, por texto *a b c d*. Há razões para julgar que o texto *c*, embora impresso antes, nasceu depois dos outros. Ora, tendo ele saído da tipografia em 1503, segue-se que os demais textos datam, mais ou menos, do final de quatrocentos.

É precisamente um dos textos mais antigos (o texto *b*) que mais se aproxima da presente ladainha do devocionário da Ajuda, chegando mesmo, praticamente, a coincidir com ela, em quase toda a extensão. Nem falta, até, o *ó* exclamativo, no princípio de certas invocações. Poucas são as diferenças, afora três invocações em lugar diverso, *Lena castitatis* em vez de *Vena castitatis* e pouco mais (125). Quanto a *Lena*, isto é, alcoviteira, no devocionário da Ajuda, choca-nos bastante. Não sabemos como entrou ali tal palavra, se foi erro do copista (por *Gemma* ou *Vena*) ou se estamos perante um propósito expresso do autor da ladainha. Nesta hipótese, o que as más mulheres fazem em favor do vício, servindo de intermediárias, fá-lo-ia Nossa Senhora em favor da cas-

(123) ÂNGELO DE SANTI, *Die Lauretanische Litanei* (Paderborn, 1900) 101 — 103.

(124) *Ib.*, 106-109.

(125) *Ib.*, p. 108, *Gemma castitatis*, no texto *a*. *Lena* também pode significar cobertor, acha ou cavaca para arder na fogueira, etc.

tidade. Será de mau gosto, mas parece-nos exacto. Mas, vamos à ladainha:

INCIPIUNT LETANIE ⁽¹²⁶⁾ DE BEATA ⁽¹²⁷⁾ VIRGINE

Kyrie, eleison.
 Christe, eleison.
 Christe, audi nos.
 Christe, exaudi nos.
 Pater de celis Deus, miserere nobis.
 Fili redemptor mundi Deus, miserere nobis.
 Spiritus sancte Deus, miserere nobis.
 Sancta Trinitas unus Deus, miserere nobis.
 Sancta Maria, ora pro nobis.
 Sancta Dei genitrix, ora pro nobis.
 Sancta mater Christi, ora pro nobis.
 Sancta mater castissima, ora pro nobis.
 Mater piissima, ora pro nobis.
 Mater inviolata, ora pro nobis.
 Mater amabilis, ora pro nobis.
 Mater admirabilis, ora pro nobis.
 Mater intemerata, ora pro nobis.
 Mater misericordie, ora pro nobis.
 Mater divine gratie, ora pro nobis.
 Mater creatoris, ora pro nobis.
 Mater salvatoris, ora pro nobis.
 Magistra humilitatis, ora pro nobis.
 Magistra obediencie, ora pro nobis.
 Magistra prudentie, ora pro nobis.
 Virgo virginum, ora pro nobis.
 Virgo fidelis, ora pro nobis.
 Virgo potens, ora pro nobis.
 Virgo prudens, ora pro nobis.
 Virgo clementissima, ora pro nobis.
 Virgo pulcherrima, ora pro nobis.
 Virgo veneranda, ora pro nobis.
 Virgo predicanda, ora pro nobis.
 Virgo sancta, ora pro nobis.
 Virgo speciosa, ora pro nobis.
 Speculum justitie, ora pro nobis.
 Sedes justitie, ora pro nobis.
 Causa munditie et letitie, ora pro nobis.
 O vas spirituale, ora pro nobis.

(126) No ms., *letania*.

(127) No ms., *beate*.

O vas insigne et devotionis ⁽¹²⁸⁾, ora pro nobis.
 O vas totius sanctitatis, ora pro nobis.
 Rosa mistica, ora pro nobis.
 Turris eburnea, ora pro nobis.
 Domus et arca, ora pro nobis.
 Federis arca, ora pro nobis.
 Janua celica, ora pro nobis.
 Stella matutina, ora pro nobis.
 Lux meridiana, ora pro nobis.
 Pulchrior luna, ora pro nobis.
 Hospitium deitatis, ora pro nobis.
 Cubile divinitatis, ora pro nobis.
 Sacrarium Sancti Spiritus, ora pro nobis.
 Spiritus Sancti domicilium, ora pro nobis.
 Spiritus Sancti solatium, ora pro nobis.
 Calandra sancta, ora pro nobis.
 Thronus Salomonis, ora pro nobis.
 Hostium paradisi, ora pro nobis.
 Lena castitatis, ora pro nobis.
 Flos virginitatis ⁽¹²⁹⁾, ora pro nobis.
 Forma sanctitatis, ora pro nobis.
 Salus infirmorum, ora pro nobis.
 Refugium peccatorum, ora pro nobis.
 Consolatrix afflictorum, ora pro nobis.
 Regina angelorum, ora pro nobis.
 Regina patriarcharum, ora pro nobis.
 Regina prophetarum, ora pro nobis.
 Regina apostolorum, ora pro nobis.
 Regina martirum, ora pro nobis.
 Regina confessorum, ora pro nobis.
 Regina virginum, ora pro nobis.
 Regina sanctorum ⁽¹³⁰⁾, ora pro nobis.
 Agnus Dei qui tollis peccata mundi, parce nobis, domine.
 Agnus Dei qui tollis peccata mundi, exaudi nos, domine.
 Agnus Dei qui tollis peccata mundi, miserere nobis.
Vers.: Ora pro nobis, sancta Dei genitrix,
Resp.: Ut digni eficiamur promissionibus Christi.

OREMUS

Deus qui beatissimam et gloriosam virginem Mariam, in conceptu et in partu virginitate servata, duplici gaudio letificasti, quinque ejus gaudia et filio tuo resurgente et ad celos ascendente multiplicasti, tribue, quesu-

(128) No texto *b*, encontra-se igualmente a copulativa *et*.

(129) No ms., *virginis*.

(130) No texto *b*, *Regina sanctorum omnium*.

mus, ut ad illud ineffabile gaudium, quo tecum assumpta ⁽¹³¹⁾ gaudet in celis, eius precibus et meritis pervenire valeamus. Per eundem ⁽¹³²⁾.

Evidentemente, *Mestra de humildade*, *Mestra de obediência*, *Mestra de clemência*, *Luz do meio-dia*, *Mais bela do que a lua* — todos estes títulos e mais alguns foram ficando pelo caminho e não chegaram a entrar na ladainha mariana agora rezada por nós. Contudo, outras coisas permaneceram, quase por selecção natural, e não é difícil descobrir, nesta litania, boa parte do conteúdo substancial da ladainha lauretana dos nossos dias.

Pela mesma época, rezava-se em Portugal uma ladainha praticamente igual à antecedente, quanto às invocações, mas de estrutura menos simplificada e cunho arcaico. De facto, tais invocações vão precedidas de *Sancta Maria*. Isto confirma-nos na certeza da coexistência, em Portugal, de formas mais ou menos evoluídas dum mesmo tipo de litánias:

Kyrie, eleyson.
 Christe, eleyson.
 Christe, audi nos.
 Christe, exaudi nos.
 Pater de Caelis Deus, miserere nobis.
 Fili Redemptor mundi Deus, miserere nobis.
 Spiritus sancte Deus, miserere nobis.
 Sancta Trinitas unus Deus, miserere nobis.
 Sancta Maria, ora pro nobis.
 Sancta Dei genitrix, ora pro nobis.
 Sancta Virgo Virginum, ora pro nobis.
 Sancta Mater Christi, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Mater castissima, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Mater piissima, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Mater inviolata, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Mater intemerata, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Mater amabilis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Mater admirabilis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Mater misericordiae, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Mater divinae gratiae, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Mater creatoris, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Mater humilitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Mater obedientiae, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Mater prudentiae, ora pro nobis.

(131) No ms., *assunta*

(132) Bibl. do Palácio da Ajuda, ms. 49-I-3, fls. 109-110v.

- Sancta Maria, Virgo fidelis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Virgo potens, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Virgo prudentissima, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Virgo clementissima, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Virgo pulcherrima, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Virgo veneranda, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Virgo praedicanda, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Virgo sanctissima, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Virgo speciosissima, ora pro nobis.
 Sancta Maria, speculum justitiae, ora pro nobis.
 Sancta Maria, sedes sapientiae, ora pro nobis.
 Sancta Maria, causa nostrae laetitiae, ora pro nobis.
 Sancta Maria, vas spirituale, ora pro nobis.
 Sancta Maria, vas honorabile, ora pro nobis.
 Sancta Maria, vas insigne devotionis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, vas totius sanctitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, rosa mystica, ora pro nobis.
 Sancta Maria, turris eburnea, ora pro nobis.
 Sancta Maria, foederis arca, ora pro nobis.
 Sancta Maria, janua Caeli, ora pro nobis.
 Sancta Maria, stela matutina, ora pro nobis.
 Sancta Maria, pulchrior luna, ora pro nobis.
 Sancta Maria, lux meridiana, ora pro nobis.
 Sancta Maria, hospitium divinitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Spiritus Sancti sacarium, ora pro nobis.
 Sancta Maria, thronus Salomonis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, ostium Paradisi, ora pro nobis.
 Sancta Maria, gemma castitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, flos virginitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, forma sanctitatis, ora pro nobis.
 Sancta Maria, salus infirmorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, refugium peccatorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, consolatrix afflictorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Regina Angelorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Regina Caelorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Regina Patriarcharum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Regina Prophetarum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Regina Apostolorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Regina Evangelistarum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Regina Martyrum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Regina monachorum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Regina virginum, ora pro nobis.
 Sancta Maria, Regina sanctorum omnium, ora pro nobis.
 Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, parce nobis Domine.
 Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, parce nobis Domine.
 Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis.
 [Vers.:] Ora pro nobis, sancta Dei Genitrix,
 Resp.: ut digni efficiamur promissionibus Christi.

OREMUS

Concede nos, misericors Deus, fragilitatis nostrae singulare praesidium, ut qui sanctae Dei genetricis et Virginis Mariae memoriam agimus, intercessionis ejus auxilio a nostris iniquitatibus resurgamus. Per Christum Dominum nostrum. Amen ⁽¹³³⁾.

Apesar de se tratar duma ladainha substancialmente igual à que a antecede, notam-se, aqui e além, algumas variantes, quer na ordem das invocações, quer mesmo numa ou noutra das próprias invocações. Por exemplo, em vão procuramos *Regina monachorum* (Rainha dos monges) na primeira destas litánias. E as orações finais duma e doutra diferem totalmente.

CAPÍTULO X

Ladainha do Dominus tecum

Em geral, as ladainhas marianas abrangem uma série de louvores e de súplicas, numa espécie de balanço rítmico entre a glorificação de Nossa Senhora e a oração deprecativa. Como uma criança abandonada e cheia de angústia, o homem repete o refrém *ora pro nobis* ou outro qualquer: *miserere nobis; te rogamus, audi nos; etc.*

No entanto, mergulhamos agora na vasta ondulação de uma ladainha simplesmente laudativa, excepto na oração final.

Vem ela num manual de orações, copiado no mosteiro cisterciense de S. Maria do Bouro, em 1558. É uma obra hesitante, algo de intermédio entre o *Livro de Horas* (contém o *Ofício de Nossa Senhora*, as *Horas da Santa Cruz* e as *Horas do Espírito Santo*) e o devocionário moderno, difuso e menos litúrgico. Pois bem, é nestas páginas que podemos ler uma *Oratio devotissima dicenda die sabbati ad honorem Dei genetricis et virginis Marie*. Quer dizer: *Oração devotíssima, para se dizer aos sábados, em*

(133) JOÃO REBELO, S. J., *Rosario de la Sanctissima Virgen Maria, Madre de Dios*, 2 (Évora, 1599) fls. 215-216v.

honra da Mãe de Deus, a Virgem Maria. O índice mete-a tranquilamente entre as ladainhas de Nossa Senhora: *Letanie domine nostre* ⁽¹³⁴⁾. E tem razão.

Como um rio devoto e manso, toda a litania se desenrola ao longo de vários e belos títulos da Virgem Maria: imperatriz das rainhas, lírio dos vales, rosa sem espinhos, virgem bela, fonte de misericórdia, horto fechado, fonte de águas vivas, mãe de piedade, etc. E a dar unidade a estas invocações, em vez do *ora pro nobis*, escutamos o *Dominus tecum*. A uma dada altura, terminam os versículos curtos e começam os de longa metragem, como diríamos em cinema. E temos a condensação da vida de Jesus, desde a anunciação até ao fim dos tempos, sempre com a Virgem Maria ao lado: *Verdadeira virgem e mãe, que geraste o Filho de Deus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, o qual pela anunciação do anjo foi concebido — o Senhor é contigo!*

Verdadeira virgem e mãe, que geraste o Filho de Deus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, o qual por amor de nós nasceu em ti — o Senhor é contigo!

Verdadeira virgem e mãe, que geraste o Filho de Deus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, o qual por amor de nós foi recebido no templo, dentro das mãos do santíssimo Simeão — o Senhor é contigo!

Verdadeira virgem e mãe, que geraste o Filho de Deus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, o qual morreu por nós — o Senhor é contigo!

O mais vai indo pelo mesmo lento caminho, até ao julgamento dos vivos e dos mortos, no Juízo Final. Porém, o melhor é deixar a ladainha falar por si. Passamos, pois, à sua transcrição. Muito antes de nós, em 1896, Dreves escreveu sobre ela linhas sugestivas e Ângelo de Santi transcreveu-a em grande parte, numa edição do final de quatrocentos ⁽¹³⁵⁾. Era frequente no derradeiro quartel do séc. XV e princípios do séc. XVI e por isso nos apraz publicá-la integralmente:

Missus est Gabriel angelus ad Mariam virginem desponsatam Joseph, nuncians ei verbum: Ave Maria, gratia plena, dominus tecum.

Missus est Gabriel angelus ad Mariam virginem desponsatam Joseph, nuncians ei verbum: Ave Maria, gratia plena, dominus tecum.

(134) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 85, fl. 135v.

(135) ÂNGELO DE SANTI, *Die Lauretanische Litanei* (Paderborn, 1900) 114-116.

Missus est Gabriel angelus [ad Mariam virginem desponsatam Joseph,
 nuncians ei verbum]: Ave Maria, gratia plena, dominus tecum.
 Inperatrix reginarum, Dominus tecum.
 Laus sanctarum animarum, Dominus tecum.
 Vera salvatrix earum, Dominus tecum.
 Excellentissima regina celorum, Dominus tecum.
 Veneranda domina angelorum, Dominus tecum.
 Omnium plena virtutum, Dominus tecum.
 Flos florum, Dominus tecum.
 Liliun convalium, Dominus tecum.
 Mediatrix Dei et hominum, Dominus tecum.
 Indeficiens gaudium, Dominus tecum.
 Rosa sine spina, Dominus tecum.
 Stella matutina, Dominus tecum.
 Virgo Dei inviolata, Dominus tecum.
 Virgo innupta, Dominus tecum.
 Virgo Dei intacta, Dominus tecum.
 Virgo incorrupta, Dominus tecum.
 Virgo Deo grata, Dominus tecum.
 Virgo ante partum, Dominus tecum.
 Virgo in partu, Dominus tecum.
 Virgo post partum, Dominus tecum.
 Splendor inextinguibilis, Dominus tecum.
 Virgo inestimabilis, Dominus tecum.
 Virgo inmarcessibilis vitis, Dominus tecum.
 Uva germinans ⁽¹³⁶⁾, Dominus tecum.
 Virgo incomparabilis, Dominus tecum.
 Virgo cui non est nec erit similis, Dominus tecum.
 Virgo generosa, Dominus tecum.
 Virgo speciosa, Dominus tecum.
 Virgo pulchra, Dominus tecum.
 Fons misericordie cum omni copia, Dominus tecum.
 Virgo eximia, Dominus tecum.
 Virgo pia, Dominus tecum.
 Virgo mater sine ruga, Dominus tecum.
 Virgo dulcis Maria, Dominus tecum.
 Laus prophetica, Dominus tecum.
 Salomonis fabrica, Dominus tecum.
 Mater Dei et virgo unica Dei filia, Dominus tecum.
 Laus habitationis glorie Dei, Dominus tecum.
 Ortus conclusus, Dominus tecum.
 Fons signatus, Dominus tecum.
 Aque vive puteus, Dominus tecum.
 Paradisus cum pomorum fructibus, Dominus tecum.
 Venter rore celesti rigatus, Dominus tecum.
 Eternitatis domus, Dominus tecum.

(136) No ms., *germinas*.

Veteris et novi testamenti armarium, Dominus tecum.
 Spiritus Sancti sacrarium, Dominus tecum.
 Que angelo nunciante⁽¹³⁷⁾ virgo concepisti, Dominus tecum.
 (*Dic decies: Ave maria. Postea semel: Que angelo nunciante. Et adhuc dic decies: Ave maria.*)
 Vera virgo et mater, Dominus tecum.
 Mater Dei veri et veteris hominis, Dominus tecum.
 Mater Iesu Christi, filii unigeniti Dei, Dominus tecum.
 Mater misericordie, Dominus tecum⁽¹³⁸⁾.
 Mater pietatis, Dominus tecum.
 Mater veritatis, Dominus tecum.
 Mater caritatis, Dominus tecum.
 Decus mulierum, Dominus tecum.
 Mater orphanorum, Dominus tecum.
 Consolatio desolatorum, Dominus tecum.
 Compassio afflictorum, Dominus tecum⁽¹³⁹⁾.
 Salus omnium in te sperantium, Dominus tecum.
 Archa Dei, Dominus tecum.
 Tenplum Domini, Dominus tecum.
 Sacrarium Spiritus Sancti, Dominus tecum.
 Reclinatorium Iesu Christi, Dominus tecum.
 Luminare celi, Dominus tecum.
 Sponsa Dei, Dominus tecum.
 Prophetarum oraculum, Dominus tecum.
 Dei unbraculum, Dominus tecum.
 Pastoris tabernaculum, Dominus tecum.
 Conpletum est in te consilium, Dominus tecum⁽¹⁴⁰⁾.
 Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui angelo nunciante conceptus est, Dominus tecum.
 Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui pro nobis in te natus est, Dominus tecum.
 Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui pro nobis inter ulnas Simeonis sanctissimi in templo receptus est, Dominus tecum.
 Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui pro nobis cesus est, Dominus tecum.
 Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui pro nobis spinis coronatus est, Dominus tecum.
 Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui pro nobis clavis crucifixus est, Dominus tecum.
 Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui pro nobis in cruce pendens virginem matrem virgini

(137) Esta frase falta no texto editado por A. de Santi.

(138) Idem.

(139) No texto editado por A. de Santi, *Via errantium, Dominus tecum*, logo depois de *Compassio afflictorum*, etc.

(140) A. de Santi não publicou o restante desta ladainha, daqui para a frente.

- commendavit, ita dicens: *mulier ecce filius tuus*, deinde ad discipulum: *ecce mater tua*, Dominus tecum.
- Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui pro nobis in cruce pendens exclamavit, dicens: *heli, heli, lama sabathani*, et inclinato capite tradidit spiritum, Dominus tecum.
- Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui pro nobis immolatus est, Dominus tecum.
- Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, cujus latus lancea perforatum est et continuo exivit sanguis et aqua, in redemptionem animarum nostrarum et remissionem peccatorum nostrorum, pro salute mundi ad vitam eternam, Dominus tecum.
- Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, cujus corpus de cruce per Joseph depositum est in sindone munda involutum, Dominus tecum.
- Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, cujus corpus in lintheis cum aromatibus in monumento novo positum est, Dominus tecum.
- Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui pro nobis sepultus est, Dominus tecum.
- Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui Deus et homo tertia die resurrexit a mortuis, Dominus tecum.
- Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui Deus et homo primo beate Marie Magdalene, postea discipulis apparuit, Dominus tecum.
- Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui Deus et homo cum peregrinis cenavit, Dominus tecum.
- Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui Deus et homo, videntibus galileis, ad celos ascendit, Dominus tecum.
- Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui Deus et homo ascendit super omnes celos et preparavit sue castissime matri locum immortalitatis, Dominus tecum.
- Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui Deus et homo ad dexteram Dei sedens spiritum paraclitum discipulis suis misit, Dominus tecum.
- Vera virgo et mater que filium Dei genuisti, verum Deum et verum hominem, qui Deus et homo venturus est judicare vivos et mortuos et seculum per ignem, [Dominus tecum].

OREMUS

Te deprecor, ergo, mitissimam, piissimam, misericordiosissimam, castissimam, speciosissimam Dei genitricem Mariam, senper virginum gemmam, ut in sancto, tremendo ac terribili iudicio, in conspectu unigeniti filii tui, cui pater dedit omne iudicium, me liberes et protegas a penis in-

ferni et participem me facias celestium gaudiorum. Prestante eodem Domino nostro Iesu Christo, qui cum Patre et Spiritu Sancto vivit et regnat in secula seculorum. Amen. Pater noster. Ave maria ((141).

Como nas outras ladainhas, também aqui florescem as comparações bíblicas que a piedade cristã foi aplicando à SS.^{ma} Virgem: *lilium convalium... stella matutina...; hortus conclusus...; fons signatus...; archa Dei...* etc. Ainda assim, poucas, ao pé da ladainha tirada da Sagrada Escritura, que nós levámos para a Índia.

Embora mutilado e dividido em três troços perdidos, ao acaso, num *Livro de Horas* dos começos de quinhentos, existe ainda outro exemplar da ladainha do *Dominus tecum*. Valerá a pena arranjar esses trechos desarticulados às folhas de pergaminho deste códice eborense (142)? Julgamos que não, embora gostássemos de fixar algumas das suas variantes: *Decor domus Domini* (Ornamento da casa do Senhor); *Doloris nostri terminus* (Fim da nossa dor); etc. E o mesmo diremos dos exemplares impressos nalguns *Livros de Horas* franceses, vindos há séculos para Portugal. Com efeito, achamos a ladainha mariana do *Dominus tecum* nas *Hore beate Marie virginis ad usum Parisiensem*, impressas em 1501 (143), na cidade de Paris, e nas *Hore intemerate Virginis Marie secundum usum Romanum, cum pluribus orationibus tam in gallico quam in latino* (144), saídas no mesmo lugar, dois anos mais tarde. Era para se rezar aos sábados: *Oratio dicenda die sabbati ad virginem Mariam* (145).

Estranho destino o desta ladainha agora ignorada e, no entanto, das mais vulgares, segundo nos parece, nos *Livros de Horas*, entre o final de quinhentos e os princípios do séc. XVI! Ficamos com a impressão de que, em todos os géneros literários, desabrocham tentativas que vêm a frustrar-se, por isto ou por aquilo, sumindo-se quase todas ao longo dos anos, como um rio

(141) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 85, fls. 112-114.

(142) Bibl. Públ. de Évora, ms. CXXIV/2-14, fls. 179-179v., 182-182v., 134-135v. Este apógrafo também não coincide com o exemplar publicado por ANGELO DE SANTI, *op. cit.*, 115-116.

(143) Paris, 1501 (Thielman Kerver) fls. 123-127. Bibl. Nac. de Lisboa, Res. 323 V.

(144) Paris, 1503 (Thielman Kerver) fls. 76-78. Bibl. Nac. de Lisboa, Res. 322 V.

(145) *Ib.*, fl. 76.

débil na areia escaldante. De tantas ladainhas marianas, só uma conseguiu invadir todo o mundo católico, até ao dia de hoje.

CAPÍTULO XI

Ave!

Será possível meter entre as litanias marianas uma série de títulos de Nossa Senhora, muitos deles comuns a outras ladainhas e precedidas de *Ave*? Na esteira doutros autores, admitimos essa possibilidade, embora confessemos tratar-se de ladainhas não totalmente evoluídas.

Uma delas, porém, aproxima-se da forma perfeita, começando por *Ave!* e passando, depois, a ladainha deprecativa: *intercede pro me!... miserere mei!* Mas, voltemos à primeira oração litânica.

Eu te saúdo, flor! Eu te saúdo, nuvem! Eu te saúdo, rainha! Eu te saúdo, sacrário! Eu te saúdo, imperatriz! Eu te saúdo, pacífica! Eu te saúdo, mãe de Deus! Eu te saúdo, virgem! Eu te saúdo, imaculada! Eu te saúdo, senhora! Eu te saúdo, serva! Eu te saúdo, luz dos olhos de Deus! Eu te saúdo, graça! Eu te saúdo, horto! Eu te saúdo, fonte! Eu te saúdo, poço! Eu te saúdo, caminho! Eu te saúdo, vereda! Eu te saúdo, aurora! Eu te saúdo, lua!

Tudo isto forma uma litania laudatória de tipo individualista (isto é, para ser rezada somente por uma pessoa), em que o orante pensa pouco em si e muito na glória da Virgem Maria.

Foi seguramente uma pessoa de nacionalidade portuguesa que juntou tais invocações ao velho *Livro de Horas*, fazendo-as preceder dalgumas linhas a vermelho: *...e qualquer cousa que for justa, que se pedir a nossa senhora por estes nomes, ser lhe ha outorgada.*

Precedidos de *Ave!*, quantos nomes bonitos se aplicam à Virgem Maria, em série ininterrupta!: Sol, exército, porta, velo, casa, bendita, gloriosa, piedosa, palácio, sarça, escola, estrela, romã, uva, vinha, torre, navio, bebida, redentora, libertadora, arca, tá-

lamo, cinamomo, bálsamo, amiga, vale, cedro, pomba, rola, tuba, livro, pulcra, esposa, mãe, rosa, lírio, janela, cidade, tabernáculo, coluna, etc. Mas é difícil traduzir certas invocações, como por exemplo: *Ave, sollaris!* Sabemos que a Virgem Maria é comparada ao sol, mas falta-nos a palavra mágica e única, que acorde em nós todas as ressonâncias do latim.

No entanto, estranhamos esta frase: *Ave, homo!* Eu te saúdo, homem! É uma nota que desafina todo o conjunto, sobretudo contraposta a *Ave, femina!* Qual a ideia íntima de quem escreveu tais palavras? Não sabemos, embora possamos construir mil hipóteses mais ou menos frágeis. O melhor é transcrever esta ladainha, que hesitou em desabrochar de todo, para ficar eternamente no limbo das coisas inacabadas:

Ave, dignal	Ave, benedictal
Ave, virgal	Ave, gloriosal
Ave, flos!	Ave, pia!
Ave, nubes!	Ave, aulla!
Ave, reginal	Ave, rubus!
Ave, theotecal	Ave, scolla.
Ave, imperatrix!	Ave, stella!
Ave, pacifica!	Ave, malogranata ⁽¹⁴⁷⁾ .
Ave, Dei genitrix!	Ave, uval
Ave, virgo!	Ave, vineal
Ave, immaculata!	Ave, turris!
Ave, dominal	Ave, navis!
Ave, ancilla!	Ave, potus!
Ave, theoma!	Ave, redentrix!
Ave, gracia!	Ave, liberatrix!
Ave, ortus!	Ave, archa!
Ave, fons!	Ave, tallamus!
Ave, puteus!	Ave, cinamomum!
Ave, via!	Ave, balsamum!
Ave, semita!	Ave, generatio!
Ave, auroral	Ave, homo!
Ave, luna!	Ave, femina!
Ave, sollaris!	Ave, amical
Ave, acies!	Ave, vallis!
Ave, porta!	Ave, cedrus!
Ave, vellus!	Ave, collumbal
Ave, domus!	Ave, turtur!
Ave, templum ⁽¹⁴⁶⁾ !	Ave, tuba!

(146) No ms., *templo*.

(147) No ms., *mille granata*. Talvez erro do copista, por *malogranata* (romã).

Ave, liber!	Ave, civitas!
Ave, pulchra!	Ave, tabernaculum!
Ave, sponsa!	Ave, magna!
Ave, mater!	Ave, collumba!
Ave, alma!	Ave, collunna!
Ave, formosa!	Ave, mulier!
Ave, benedicta!	Ave, Maria!
Ave, rosa!	Deo graças.
Ave, lilium!	Jhesus Christus ⁽¹⁴⁸⁾ .
Ave, janua!	

Em vão procuramos meter a vida em compartimentos bem definidos, com etiquetas bem claras. A vida continua a ser uma coisa ondulante, mistura disto e daquilo, às vezes a caminhar não se sabe para quê nem para onde. E sentimos vontade de ordenar à realidade esquiva: pára, a fim de te darmos um nome! Mas as coisas continuam a mudar, sem nome e por caminhos obscuros. É uma ladainha? Não sabemos dizê-lo. Não condenaríamos quem assim lhe chamasse — e nós também o fizemos, embora com hesitação.

Mais próxima do tipo actual, mas ainda com elementos híbridos e mal definidos, temos a litania seguinte, tirada dum *Livro de Horas* da Biblioteca do Palácio de Mafra.

Belamente iluminado e em gótico de quatrocentos, este *Livro de Horas* encerra uma *Oratio devota* que, a dada altura, se transforma em autêntica ladainha deprecatória. É uma espécie de miscigenação literária digna de registo e lembra um pouco outra ladainha rezada por umas freiras alemãs do séc. XV ⁽¹⁴⁹⁾.

Ave Maria, gratia plena, Dei genitrix, que es super solem pulcherrima ⁽¹⁵⁰⁾.
 Ave, cuius speciem rex celi et terre concupivit.
 Ave, salu[ta]ta ab angelo.
 Ave, obumbrata a Spiritu Sancto.
 Ave, promanans ⁽¹⁵¹⁾ a Deo.
 Ave, que ex tuis visceribus invenisti generare filium Dei.
 Ave, que filium Dei incunabulis restituisti ⁽¹⁵²⁾.
 Ave, que filium Dei declinasti in presepio.
 Ave, que filium Dei presentasti in templo.

(148) Bibl. de Lisboa, illum. 165, fl. 163-163v. Os pontos de exclamação são da nossa responsabilidade.

(149) ANGELO DE SANTI, *Die Lauretanische Litanei* (Paderborn, 1900) 63-64.

(150) No ms., *pulcherrima*.

(151) No ms., *premanens*.

(152) Leitura duvidosa.

- Ave, que filium Dei vidisti carne, secundum carnem.
 Ave, que ipsum audisti predicantem salutem nostram.
 Ave, que ipsum misisti in... (153).
 Ave, que filium Dei vidisti in cruce suspensum, pro redemptione nostra.
 Ave, que filium Dei vidisti mortuum et sepultum pro nobis.
 Ave, que ipsum vidisti resurgentem a mortuis.
 Ave, que ipsum vidisti in celo ascendentem ad patrem, cum carne illa
 quam ex te, immaculata virgine, assumere dignatus est (154).
 Ave, domina angelorum atque archangelorum.
 Ave, regina celorum.
 Ave, laus omnium sanctorum.
 Ave, exultatio justorum.
 Ave, recuperatio perditorum.
 Ave, spes miserorum.
 Ave, spes nostra.
 Ave, salus mundi.
 Ave, piissima omnium creaturarum.
 Ave, omnium bonorum nostrorum virtus.
 Ave, per misericordiam Dei nostri Ihesu Christi salvatrix.
 Ave, virgo gloriosa, laude omni dignissima et a cunctis veneranda.
 Christe, audi me.
 Salvator mundi, salva me.
 Sancta Dei genitrix, intercede pro me.
 Sancta Maria, virgo virginum, intercede pro me.
 Sancta Maria, excellentissima regina, intercede pro me.
 Sancta [Maria], plena pietate et omni dulcedine, intercede por me.
 Sancta Maria, mater regis eterni, intercede por me.
 Sancta Maria, flos patriarcharum, intercede pro me.
 Sancta Maria, laus martirum, intercede pro me.
 Sancta Maria, glorificatio colenda venerabilium, intercede pro me.
 Sancta Maria, immaculata virgo virginum, intercede por me.
 Sancta [Maria], decus virginum, intercede pro me.
 Sancta Maria, super omnes feminas benedicta, intercede pro me.
 Sancta Maria, genitrix Christi, per misericordiam filii tui, salvatoris nostri,
 intercede pro me.
- Mater, extende manum tuam et tange cor meum, fiat voluntas tua ut illumines et liberes me peccatorem.
 Sancta Maria, Dei gloriosa [mater], qui in utero tuo incarnari voluit, miserere mei, famule tue, et ora pro peccatis meis.
 Sancta Maria, perpetua virgo virginum, pro dilectione filii tui qua te dilexit, ut exaltaret te super choros angelorum, exaudi et ora pro peccatis meis.
 Sancta Maria, adjuva me et intercede pro me peccatore, ut custodiat me Deus ab omni malo preterito, presenti et futuro.

(153) No lugar das reticências, uma palavra que não conseguimos ler.

(154) No ms., es.

Sancta Maria, spes miserorum, miserere mei.
 Sancta Maria, decoratrix omnium virtutum, miserere mei.
 Sancta [Maria], dulcis consolatio tribulantium, miserere mei.
 Sancta Maria, omni pietate plenissima, miserere mei.
 Sancta Maria, stella maris lucida, miserere mei.
 Sancta Maria, porta celi mei, miserere mei.
 Sancta Maria, conscia secretorum Dei, miserere mei (155).

Ninguém pode negar o carácter litaníaco desta oração cheia de lirismo e emotividade: Maria, cheia de graça, muito mais bela do que o sol — *ave!* O rei do céu e da terra desejou a tua beleza! Saudada pelo anjo, o Espírito Santo desceu sobre ti, que vieste de Deus! Deus te salve, a ti que geraste o Filho de Deus, o reclinaste num presépio, o apresentaste no templo, o viste feito carne, pregando a nossa salvação! Ave! senhora dos anjos e dos arcanjos! Ave! rainha do céus! Ave! louvor de todos os santos! Ave! alegria dos justos! Ave! recuperação dos perdidos! Ave! esperança dos infelizes! Ave! nossa esperança! Ave! salvação do mundo! Ave! a mais piedosa de todas as criaturas! Ave! virtude de todos os nossos bens! Ave, salvadora pela misericórdia de Jesus Cristo, nosso Deus!

Cristo, escuta-me! Salvador do mundo, salva-me! Santa Mãe de Deus, intercede por mim! Santa Maria, virgem das virgens, rainha excelentíssima, cheia de toda a piedade e doçura, mãe do eterno rei, flor dos patriarcas, louvor dos mártires — intercede por mim! Mãe, estende a tua mão e toca o meu coração, faça-se a tua vontade, para que me ilumines e me livres a mim, pecador!

Santa Maria, esperança dos infelizes, tem piedade de mim!
 Santa Maria, adorno de todas as virtudes, tem piedade de mim!
 Santa Maria, doce consolação dos tribulados, tem piedade de mim!
 Santa Maria, cheíssima de toda a piedade, tem piedade de mim!
 Santa Maria, lúcida estrela do mar, tem piedade de mim!
 Santa Maria, porta do meu céu, tem piedade de mim!
 Santa Maria, conhecedora dos segredos de Deus, tem piedade de mim!

O resto afasta-se da ladainha pura, embora não completamente. De facto, surge de novo uma série de louvores, enquadrados sempre da mesma maneira e que, não constituindo uma ladainha propriamente dita, dela se aproxima longinquamente:

(155) Biblioteca do Palácio de Mafra, ms. II-71-6-11, fls. 156-158v.

Te laudo, te adoro, virginitatem tuam magnifico; sancta Maria laudo et adoro gloriam tuam ⁽¹⁵⁶⁾.

Laudo et adoro speciem tuam et sapienciam tuam.

Laudo et adoro castitatem tuam.

[... ..]

Laudo et adoro viscera tua beata, que portaverunt Deum et hominem.

Laudo et adoro beata ubera tua, que ⁽¹⁵⁷⁾ lactaverunt salvatorem mundi.

Laudo et adoro beatum ventrem tuum qui portavit ⁽¹⁵⁸⁾ dominum Deum nostrum Jhesum Christum ⁽¹⁵⁹⁾.

Depois desta última frase, encontramos-nos, enfim, na prosa obscura e comum de todas as orações à Virgem Maria, com períodos largos e o ritmo vulgar das rezas de todos os dias. Mas a densidade emocional continua a ser grande, embora sem o vigor das súplicas litânicas, em que a própria repetição cria uma ideia fixa e dominadora.

CAPÍTULO XII

Hino-Ladainha do Mosteiro do Salvador

Soror Maria do Baptista entrou para o Mosteiro de S. Salvador de Lisboa no ano de 1586. Filha de gente nobre, inteligente e piedosa, esta dominicana, depois de ser mestra de noviças, subiu, mais tarde, a priorisa daquela comunidade. Foi então que ela *reduzio a boa ordem o Cartório do Convento*, como diz Barbosa Machado. Isto teve as suas consequências, pois de tanto trabalho nasceu um livrinho intitulado *Livro da Fundação do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa*.

Ora, escreve a boa freira que as dominicanas do seu mosteiro cantavam «muitas vezes pello discurso do anno hũa Ladainha particular a Nossa Senhora, com sua toada acomodada aos ver-

(156) Frase confusa, no ms.: *Te laudo, te adoro, virginitatem tuam te magnifico sancta Maria laudo et adoro gloriam tuam*. Suprimimos *te* antes de *magnifico*, embora pudéssemos reconstituir a frase doutro modo.

(157) No ms., *quam*.

(158) No ms., *que portaverunt*.

(159) Fls. 158v-159.

sos» (160). Como era a música, o leitor pode ver na fotografia das páginas onde Soror Maria do Baptista transcreve a *toada*. Quanto à ladainha, também a publicamos, notando que a mesma freira, mais adiante, lhe chama hino, pedindo ingenuamente desculpa do latim *assi tosco*, por ser antigo: «Este Hymno vay aqui posto em Latim assi tosco e mal concertado, porque não avia em Portugal outro melhor naquelle tempo; e não se mudou a estylo mais puro, por não se deminuir nada da pureza de espirito e devação com que foy feito» (161). Nós chamamos-lhe hino-ladainha, por participar de ambas as coisas.

Desde quando se rezaria no mosteiro este hino-ladainha? Pelo menos a partir da *peste grande*, que principiou a flagelar Lisboa no ano de 1569.

Com efeito, escreve Maria do Baptista que, depois de tal peste, *ficou sempre em costume nesta casa fazerem todos os annos hũa festa, dia de nossa Senhora da Assumpção*. À meia-noite, havia procissão pela *crasta* do mosteiro, levando as freiras velas acesas e *cantando seus hymnos*. Um deles era a ladainha que temos entre mãos.

No entanto, está longe de afirmar que tal litania só então começou a ser rezada pelas freiras. Limita-se antes a afirmar que essa composição poética se cantava na festa sobredita e também fora dela: *Cantão tambem e muitas outras vezes pello discurso do anno hũa Ladainha particular...* (162). Tudo leva a crer tratar-se dum uso antigo.

Digna laude Angelorum,
Lux et vita peccatorum,
Tu, quae mater es reorum,
Da nobis quod petimus (163).

Creatoris creatura,
Pia, casta, dulcis, pura,
Tu, quae boni es datura,
Da nobis quod petimus.

O Maria, templum Dei,
Mater veri Nazareï,
Tu, quam matrem (164) vocant Dei,
Da nobis quod petimus.

Tu, quae plena es dulcoris,
Vas virtutum, vas honoris,
Quae es clemens cunctis horis,
Da nobis quod petimus.

(160) SOROR MARIA DO BAPTISTA, *Livro da Fundação do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa e de alguns casos dignos de memoria que nelle acontecerão* (Lisboa, 1618) fl. 122.

(161) *Ib.*, fl. 125 v.

(162) *Ib.*, fl. 122.

(163) Sublinhamos a súplica-refrém.

(164) Emendamos *mater* para *matrem*.

Peccatores et beati
Te collaudant deviati,
Ad quam clamant tribulati,
Da nobis quod petimus.

Virgo Sancta lucens una,
Te adorant Sol et Luna,
Ad quam clamo voce una,
Da nobis quod petimus.

Piam aurem nunc inclina,
Esto mihi medicina,
Tu, quae servas ⁽¹⁶⁵⁾ a ruina,
Da nobis quod petimus.

Tu reformans ⁽¹⁶⁶⁾ in amorem
Quem offendi creatorem,
Tu, quae audis peccatorem,
Da nobis quod petimus.

Deprecare vultum Dei,
Pro salute huius rei,
Tu, quae mater sitis ⁽¹⁶⁷⁾ ei,
Da nobis quod petimus.

Per virtutem Sanctae Crucis,
Te clamantes ad te ducis,
Tu, quae sitis ⁽¹⁶⁸⁾ via lucis,
Da nobis quod petimus.

Virtuosa, tota clara,
Aufer cordis nunc amara,
Tu, quae Deo es tam chara,
Da nobis quod petimus.

Propter tuam bonitatem,
Sana mentis pravitatem,
Tu, quae donas sanitatem,
Da nobis quod petimus.

Ad te clamo, nimis pia,
Tu Coelestis Ierarchia,
Tu, Mater virgo Maria,
Da nobis quod petimus.

O Regina honorata,
Dulcis, clemens et beata,
Tu, quae cunctis donas grata,
Da nobis quod petimus.

Defensatrix a ruina,
Liberare me festina,
Tu, quae in Coelis es Regina,
Da nobis quod petimus.

Mater casta et decora,
Roga pro me sine mora,
Tu, quae juvas omni hora,
Da nobis quod petimus.

Faradisi vera clavis,
Tu, quae nunquam indignaris,
Peccatorum misereris,
Da nobis quod petimus.

Virtuosa et puella,
Pia, dulcis plus quam mella,
Tu, quae sitis ⁽¹⁶⁹⁾ maris stella,
Da nobis quod petimus.

Dominatrix Angelorum
Martyrumque et Confessorum,
Tu, quae porta es Caelorum,
Da nobis quod petimus.

O Corona Virginum,
Quae laudaris omnium,
Tu, quae es juvatrix hominum ⁽¹⁷⁰⁾,
Da nobis quod petimus.

Vers.: Exaltata es, sancta Dei Genitrix,

Resp.: Super Choros ⁽¹⁷¹⁾ Angelorum ad Coelestia Regna.

(165) No texto, *serva*.

(166) No texto, *reformens*.

(167) Talvez erro, por *sistis*.

(168) Idem.

(169) Idem.

(170) No texto, *invatrix hominum*.

(171) No texto, *Chorus*.

OREMUS

O Maria, Mater Filii Dei, ad cuius nomen respicient rei.

O Virgo, placa Deum, quia pro nobis Dei Mater facta es. Surge, Mater nostra. Surge, advocata nostra. Surge, surge, amplectare filium pro filiis. Ostende mamillas sacras, expande manus immaculatas pro ancillis tuis, ante faciem Redemptoris, qui vivit in saecula saeculorum.

Resp.: Amen (172).

Vamos traduzir algumas das estrofes latinas, embora sintamos que a sua poesia se evola como um perfume:

Digna do louvor dos anjos,
Luz e vida dos pecadores,
Tu, que és mãe dos culpados,
Dá-nos o que pedimos!

Criatura do Criador,
Piedosa, casta, doce, pura,
Tu, que és dadora do bem,
Dá-nos o que pedimos!

Ó Maria, templo de Deus,
Mãe do verdadeiro Nazareno,
Tu, a quem chamam Mãe de Deus,
Dá-nos o que pedimos!

O resto vai indo sempre no mesmo ritmo, com o refrém da súplica final: *Dá-nos o que pedimos!* A ti, virgem santa, adoram o sol e a lua, a ti clamamos a uma só voz! Inclina para mim os teus ouvidos misericordiosos, sê medicina, tu que preservas da ruína! Implora, junto de Deus, a minha salvação! Pela virtude da santa cruz, tu guias os que chamam por ti! *Dá-nos o que pedimos!*

Virtuosa, toda gloriosa,
Tira, agora, as amarguras do
coração
Tu, que és tão querida de Deus,
Dá-nos o que pedimos!

Ó rainha honrada,
Doce, clemente e bem-aventurada,
Tu, que a todos dás coisas agradáveis,
Dá-nos o que pedimos!

Pela tua bondade,
Cura a maldade da alma,
Tu, que dás a saúde,
Dá-nos o que pedimos!

Tu, que livras da ruína,
Apressa-te a libertar-me,
Tu, que és rainha do céu,
Dá-nos o que pedimos!

A ti clamo, ó muito piedosa,
Tu, jerarquia celeste,
Tu, mãe virgem Maria,
Dá-nos o que pedimos!

Mãe casta e bela,
Roga por mim, sem demora,
Tu, que ajudas a toda a hora,
Dá-nos o que pedimos!

(172) SOROR MARIA DO BAPTISTA, *Livro da Fundação do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa* (Lisboa, 1618) fls. 122v.-125v.

Verdadeira chave do paraíso,
 Tu, que nunca te indignas,
 Compadeces-te dos pecadores,
Dá-nos o que pedimos!

Virtuosa e jovem,
 Piedosa, mais doce do que o mel,
 Tu, que és a estrela do mar,
Dá-nos o que pedimos!

Dominadora dos anjos,
 Dos mártires e dos confessores,
 Tu, que és a porta dos céus,
Dá-nos o que pedimos!

Ó coroa das virgens,
 Que és por todos louvada,
 Tu, que és a ajudadora dos
 homens,
Dá-nos o que pedimos!

Vers.: És levantada, santa Mãe de Deus,

Resp.: Aos reinos celestiais, sobre os coros dos anjos.

OREMOS

Ó Maria, mãe do Filho de Deus, para cujo nome os culpados voltarão o olhar!

Ó Virgem, aplaca Deus, já que, por amor de nós, foste feita Mãe de Deus! Ergue-te, mãe nossa! Ergue-te, nossa advogada! Levanta-te, levanta-te, abraça o Filho em nome dos filhos! Mostra os sagrados seios, ergue as mãos imaculadas em favor das tuas servas, diante do Redentor, que vive pelos séculos dos séculos.

Desde quando se rezavam tais versos neste convento do séc. XIV? Como já vimos, cantavam-se pelo menos a partir da *peste grande*. Mas nos começos de seiscentos, o tempo já tinha estropiado o latim num ou noutro lugar (talvez por defeito das cópias usadas pelas freiras) e Soror Maria do Baptista estava convencida de que o seu autor era duma época de menor cultura humanística.

CAPÍTULO XIII

Ladainha de Nossa Senhora do Rosário

Originariamente, articulava-se esta litania em cinco partes, conforme os mistérios do terço, algumas delas formando outras tantas pequenas ladainhas, terminadas por uma oração⁽¹⁷³⁾. Porém, os exemplares portugueses que nós conhecemos, um deles em letra do século XIX, num manuscrito do convento das Alber-

(173) ANGELO DE SANTI, *Die Lauretanische Litanei* (Paderborn, 1900). 131-134.

tas, em Lisboa, outro mais antigo, da Torre do Tombo ⁽¹⁷⁴⁾, e o terceiro em gótico do séc. XVI, das dominicanas de Aveiro, constituem já um todo único, como qualquer outra ladainha. O apógrafo do séc. XIX intitula-se *Ladainha milagrosa contra tempestades, trovoadas, tormentas, a qual todos os sabbados se canta na Minerva de Roma, e a quem a rezar ou cantar, ou assistir a ella, concedeo o Papa Gregorio XV cem dias de perdão de peccados* ⁽¹⁷⁵⁾. O exemplar da Torre do Tombo, em letra do séc. XVII, chama-lhe *Ladainha de Nossa Senhora do Rosário*.

Por mais antigo, preferimos o apógrafo das dominicanas de Aveiro, em pergaminho e com iniciais simples, a vermelho. Emendaremos o menos possível, mesmo que a ortografia sofra com isso:

Chirie, eleison.
 Christe, eleison.
 Sancta Trinitas unus Deus, miserere nobis.
 Virgo, audi nos.
 Virgo, exaudi nos.
 Santa Maria, ora pro nobis.
 Santa Dei Genitrix ⁽¹⁷⁶⁾, ora pro nobis.
 Sancta virgo virginum, ora pro nobis ⁽¹⁷⁷⁾.
 Mater veritatis, ora pro nobis.
 Mater pietatis, ora pro nobis.
 Mater caritatis, ora pro nobis.
 Virgo potentissima, ora pro nobis.
 Virgo prudentissima, ora pro nobis.
 Virgo clementissima, ora pro nobis.
 Ancilla domini mitis, ora pro nobis.
 Ancilla Christi humilis, ora pro nobis.
 Ancilla Dei fidelis, ora pro nobis.
 Sponsa eterni Patris, ora pro nobis.
 Filia sumi Regis, ora pro nobis.
 Templum Spiritus Sancti, ora pro nobis.
 Domus Dei, ora pro nobis.
 Sanctuarium Christi, ora pro nobis.
 Sacrarium Paracleti, ora pro nobis ^(177 bis).
 Speculum iusticiae, ora pro nobis.
 Sedes sapientie, ora pro nobis.

(174) Torre do Tombo, Biblioteca, ms. 2156: ANTÓNIO FREIRE, O. P., *Modo de rezar a coros o Rosario da Gloriosa Virgem Maria Nossa Senhora*, fls. 85v.-93v. Todos os apógrafos citados apresentam variantes, embora de menor importância, sob o ponto de vista da integridade substancial da ladainha.

(175) Bibl. Nac. de Lisboa, Fundo Geral, caixa X, 2-25, pp. 1-8.

(176) No ms., *Genitris*.

(177) No ms., o. e. daí em diante, *ora*. Desdobramos para *ora pro nobis*.

(177 bis) No ms., estava primitivamente *Santuarium*, em vez de *Sacrarium*.

Fons misericordie ⁽¹⁷⁸⁾, ora pro nobis.
 Salus infirmorum, ora pro nobis.
 Refugium miserorum, ora pro nobis.
 Advocata peccatorum, ora pro nobis.
 Stela rutilantior ⁽¹⁷⁹⁾, ora pro nobis.
 Luna pulchrior ⁽¹⁸⁰⁾, ora pro nobis.
 Sole splendidior, ora pro nobis.
 Scala celi, ora pro nobis.
 Porta paradisi, ora pro nobis.
 Domina mundi, ora pro nobis.
 Cedrus fragrans, ora pro nobis.
 Mirra conservans, ora pro nobis.
 Balsamum distilans, ora pro nobis.
 Flos virginitatis, ora pro nobis.
 Lilium castitatis, ora pro nobis.
 Rosa puritatis, ora pro nobis.
 Palma vincens ⁽¹⁸¹⁾, ora pro nobis.
 Virga florens, ora pro nobis.
 Gema refulgens, ora pro nobis.
 Oliva speciosa ⁽¹⁸²⁾, ora pro nobis.
 Columba formosa ⁽¹⁸³⁾, ora pro nobis.
 Mulier graciosa, ora pro nobis.
 Rubus incombustus ⁽¹⁸⁴⁾, ora pro nobis.
 Hortus conclusus, ora pro nobis.
 Puteus signatus ⁽¹⁸⁵⁾, ora pro nobis.
 Velus Gedeonis, ora pro nobis.
 Favus Sansonis, ora pro nobis.
 Tronus Salomonis ⁽¹⁸⁶⁾, ora pro nobis.
 Vitis frutificans, ora pro nobis.
 Navis abundans ⁽¹⁸⁷⁾, ora pro nobis.
 Arca salvans, ora pro nobis.
 Gloria mundi, ora pro nobis.
 Honor populi, ora pro nobis.
 Nutrix ⁽¹⁸⁸⁾ parvuli, ora pro nobis.
 Regina angelorum, ora pro nobis.
 Regina patriarcharum, ora pro nobis.
 Regina prophetarum, ora pro nobis.

(178) No ms., *miseri*cordie.

(179) No ms., *rutilanti*um.

(180) No ms., *pulchir*ior.

(181) Emendado para *virens*.

(182) No ms., *especiosa*, por sua vez correção de *especios*.

(183) No ms., *fermosa*. Em português arcaico, era frequente escrever *fermosa* e daqui o lapso de quem transcreveu a ladainha.

(184) No ms., *incubustus*.

(185) No ms., *sinhatus*.

(186) No ms., *Salamonis*.

(187) No ms., *abundas*.

(188) No ms., *nutris*.

- Regina apostolorum, ora pro nobis.
 Regina martirum, ora pro nobis.
 Regina confessorum, ora pro nobis.
 Regina predicatorum, ora pro nobis.
 Regina virginum, ora pro nobis.
 Regina sanctorum omnium, ora pro nobis.
 Regina sacratissimi⁽¹⁸⁹⁾ rosarii, ora pro nobis.
 Ab omni⁽¹⁹⁰⁾ malo et peccato, libera nos, domina.
 Per salutiferam⁽¹⁹¹⁾ conceptionem tuam, libera nos, domina⁽¹⁹²⁾.
 Per salutiferam⁽¹⁹³⁾ nativitatem tuam, libera nos, domina.
 Per beatam presentacionem tuam, libera nos, domina.
 Per humilem visitationem tuam, libera nos, domina.
 Per sanctam purificationem et celestem⁽¹⁹⁴⁾ vitam tuam, libera nos, domina.
 Per admirabilem assumptionem et gloriosam coronationem tuam, libera nos, domina.
 Ut veram penitenciam et⁽¹⁹⁵⁾ perseverantiam⁽¹⁹⁶⁾ nobis impetrare digneris, te rogamus, domina.
 Ut ecclesiasticos ordines⁽¹⁹⁷⁾ et catholicos principes conservare digneris, te rogamus, domina⁽¹⁹⁸⁾.
 Ut hanc nostram cunctasque⁽¹⁹⁹⁾ congregationes tibi devotas augere et conservare digneris, te rogamus, domina.
 Ut populo christiano pacem, salutem, abundantiam obtinere⁽²⁰⁰⁾ digneris, te rogamus, domina.
 Ut navigantibus portum, pro fide⁽²⁰¹⁾ pugnantis vitoriam, fidelibus vitam, defunctis⁽²⁰²⁾ requiem eternam impetrare⁽²⁰³⁾ digneris, te rogamus, domina.
 Ave de celis alma, succurre⁽²⁰⁴⁾ nobis, domina.
 Ave de celis pia, fer nobis opem, domina.
 Ave de celis dulcis, intercede pro nobis, domina.
 Pater noster, ave Maria.

Ver.: Sancta Maria, mater Christi, audi rogantes servulos⁽²⁰⁵⁾.
[Resp.: Et impetratam nobis celitus tu defer indulgentiam].

(189) Esta invocação foi acrescentada muito posteriormente e *sacratissimi* corrigido para *santissimi*.

(190) No ms., *omni*.

(191) No ms., *salutifira*.

(192) Aqui e nas súplicas seguintes, falta *libera nos domina*.

(193) No ms., *salutifira*.

(194) No ms., *e selest*.

(195) No ms., *e*.

(196) No ms., *perseverantia*.

(197) No ms., *ordinis*.

(198) No ms., vem somente *te r.* e o mesmo acontece nas súplicas seguintes.

(199) No ms., *nostra conctasque*.

(200) No ms., *optinere*.

(201) No ms., *fidem*, em vez de *pro fide*.

(202) No ms., *difuntis*.

(203) No ms., *impetrarē*.

(204) No ms., *sucure*.

(205) No ms., *servolos*.

Ver.: Orate pro nobis omnes sancti Dei,
[Resp.: Ut digni efficiamur promissionibus Christi].
Vers.: Salvos fac servos tuos et ancilas tuas,
[Resp.: Deus meus, sperantes in te].

[Vers.: Dominus vobiscum].
[Resp.: Et cum spiritu tuo].

OREMUS

Supplicationem servorum tuorum Deus miserator exaudi, ut qui in societate sancti rosarii⁽²⁰⁶⁾ Dei genitricis⁽²⁰⁷⁾ et virginis Marie congregamur, ejus intercessionibus a te de instantibus periculis eruamur.

Tribue, quesumus, Domine, omnes sanctos tuos jugiter⁽²⁰⁸⁾ orare pro nobis et eos⁽²⁰⁹⁾ clementer exaudire digneris⁽²¹⁰⁾.

Ecclesie tue, Domine, preces placatus⁽²¹¹⁾ admite ut, destructis⁽²¹²⁾ adversitatibus et erroribus⁽²¹³⁾ universis, segura tibi serviat libertate et pacem tuam [nostris concede temporibus].

Vers.: Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus et bene dictus fructus [ventris tui, Jesus].

Resp.: Santa Maria, mater Dei, ora pro nobis peccatoribus, amen.

Vers.: Nos cum prole pia,

Resp.: Benedicat Virgo Maria⁽²¹⁴⁾.

No que diz respeito à música, o leitor pode vê-la em fotogravura, na sua toada de cantochão, grave e piedosa.

Não vale a pena traduzir os versículos desta ladainha, tantas vezes cantada pelas dominicanas do Mosteiro de Jesus, de Aveiro. As invocações não diferem muito das que já escutámos noutras litánias: Mãe da verdade, mãe da piedade, mãe da caridade, virgem clementíssima, serva humilde do Senhor, templo do Espírito Santo, casa de Deus, santuário de Cristo, espelho de justiça, fonte de misericórdia, refúgio dos desgraçados, mais brilhante do que uma estrela, mais bela do que a lua, escada do céu, rainha dos pregadores, etc. De todo o mal e pecado, livra-

(206) No ms., *rosarii*.

(207) No ms., *igenitricis*.

(208) No ms., *jugeter*.

(209) No ms., *deos*.

(210) No ms., *digneris*.

(211) No ms., *plactus*.

(212) No ms., *destrutis*.

(213) No ms., *eroribus*.

(214) Museu Regional de Aveiro, ms. de 7 fls. em pergaminho, por numerar, encadernado em carneira, de 205×265 mm., fls. 1-7v. Agradecemos ao P.^o Domingos Maurício, S. J., a informação da existência deste apógrafo.

-nos Senhora! Pela tua conceição salvadora, livra-nos Senhora! Pela tua admirável assunção e gloriosa coroação, livra-nos Senhora!

Ladainha para ser cantada nas confrarias do rosário de Nossa Senhora, espalhou-se muito e durou muito tempo. E temos de agradecer a Deus ter-se salvado a música, ao menos num manuscrito.

CAPÍTULO XIV

Ladainhas do Loreto e da Sagrada Escritura

A ladainha lauretana aprovada oficialmente por Sisto V, em 1587, deve ter entrado em Portugal pelos meados do séc. XVI, embora nos falte documentação segura neste sentido. Muitos portugueses, sacerdotes, peregrinos e viajantes chegavam da Itália, onde percorriam os lugares famosos, entre eles Nossa Senhora do Loreto. S. Francisco Xavier foi um deles, na companhia de D. Pedro de Mascarenhas⁽²¹⁵⁾. Em Lisboa, erguia-se a igreja de Nossa Senhora do Loreto, com um capelão, sete clérigos e três confrarias de mercadores italianos⁽²¹⁶⁾. Neste templo, as práticas religiosas moldavam-se, certamente, nas de Loreto, tratando-se, principalmente, de negociantes italianos.

Aliás, pelos princípios do século seguinte, já tal ladainha entrara no reino do Congo, levada pelos nossos missionários, pois vamos encontrá-la, em latim, na versão congoleza⁽²¹⁷⁾ da *Doutrina Cristã* do P.º Marcos Jorge, S. J., feita entre 1619 e 1620, por ordem do P.º Mateus Cardoso, S. J.⁽²¹⁸⁾ Com as viagens lentas daqueles tempos e sendo tal versão efectuada no norte de An-

(215) *Epistolae S. Francisci Xaverii*, ed. por G. Schurhammer e J. Wicki, I (Roma, 1944) 30.

(216) CRISTÓVÃO RODRIGUES DE OLIVEIRA, *Sumário em que brevemente se contam algũas cousas... que ha na cidade de Lisboa* (Lisboa, 1939) 16.

(217) *Doutrina Christã. Composta pelo P. Marcos Jorge da Companhia de Iesu, Doutor em Theologia. Acrescentada pelo Padre Ignacio Martinz. De novo traduzida na lingoa do Reyno do Congo, por ordem do P. Matheus Cardoso, da Companhia de Iesu* (Lisboa, 1624) fls. 105v.-107.

(218) *Monumenta Missionaria Africana*, ed. por António Brásio, 7 (Lisboa, 1956) 287. J. CUYVELIER e L. JADIN, *L'Ancien Congo* (Bruxelas, 1954) 468.

gola, podemos supor que tal ladainha havia muito se rezava em Portugal.

Teriam os tradutores encontrado esta litania do Loreto na obrinha do P.^o Marcos Jorge, S. J., acrescentada pelo P.^o Inácio Martins, S. J., († 1598)? Fazemos tal pergunta porque nessa época, o jesuíta inglês, P.^o Tomás Estêvão († 1619), que partiu de Lisboa para a Índia em 1579, trasladava o mesmo catecismo em canani. Ora, é a ladainha escriturística que lá encontramos⁽²¹⁹⁾ e não a dos nossos dias. Em vão procurámos um exemplar das edições quinhentistas da *Doutrina Cristã*. Uma coisa é certa: tal ladainha do Loreto faltava na obra original do P.^o Marcos Jorge, S. J., e o P.^o Inácio Martins não a acrescentou, segundo nos parece, pois uma edição de 1655 traz a seguinte portada: *Doctrina Christam [...] Pelo P. Marcos Jorge da Companhia de Jesu, Doctor em Theologia. Acrescentada pelo P. Ignacio Martins da mesma Companhia, Doctor Theologo. De novo emendada e acrescentada hũa Ladainha de Nossa Senhora*⁽²²⁰⁾.

Esta ladainha acrescentada é a do Loreto, tal como a rezamos hoje em dia, afora um ou outro versículo que o tempo foi ajuntando. Mas, repetimos, introduziram-na depois das emendas e aditamentos do P.^o Inácio Martins, S. J.

Apesar disso, suspeitamos que tal ladainha devia ser rezada pelos jesuítas portugueses, talvez no final de quinhentos, para se encontrar já no catecismo congolês impresso em 1624.

Isto não significa ser ela a mais vulgar, naqueles tempos. Com efeito, o P.^o João Rebelo imprimia, em 1599, três ladainhas marianas de vários tipos⁽²²¹⁾. Pois bem, nenhuma delas é a litania de Nossa Senhora vulgarmente usada nos nossos dias. Se ela fosse mais conhecida em Portugal do que as outras, João Rebelo não a teria deixado na sombra.

Quanto às ladainhas tiradas da Sagrada Escritura, gozaram dum efémero triunfo, no final do séc. XVI, apesar de nova: *lettanie moderne*, chama-lhes Giulio Candiotti, em 1578, numa carta para o papa⁽²²²⁾. E são-no, de facto, não só por virem depois da

(219) P.^o TOMÁS ESTÊVÃO, S. J., *Doutrina Christam em lingoa bramana canarim* (Rachol, 1622) fls. 62-64v.

(220) Lisboa, 1655, fls. 76-78.

(221) P.^o JOÃO REBELO, S. J., *Rosario de la Sanctissima Virgen Maria Madre de Dios*, 2 (Évora, 1599) fls. 212v.-218v.

(222) ANGELO DE SANTI, *Le Letanie Lauretane*, «Civiltà Cattolica», série 16, 9, (Roma, 1897) 167.

ladainha do Loreto mas também pela apressada artificiosidade que revelam (ao contrário das outras, produto duma longa evolução). E por que nasceram elas, se já havia tantas e uma delas estava a triunfar? É que Pio V, em 1571, mandou expungir o *Officium Beatae Virginis* de algumas orações e litanias. Como no Loreto já se cantavam as ladainhas da SS. Virgem e os clérigos do santuário desejavam continuar esta comovente devoção, pode ser que se lembrassem então de compor uma litania mariana com versículos tirados da *Bíblia*, para ninguém ter nada que dizer ⁽²²³⁾.

Seja como for, em 1575 já elas estavam musicadas a oito vozes: *Litaniae Deiparae Virginis Mariae ex Sacra Scriptura depromptae. Quae in Alma Domo Lauretana omnibus diebus sabbati, Vigiliarum et Festorum ejusdem Beatae Virginis decantari solent. Cum musica octo vocum Constantii Portae ejusdem Almae Domus Musicae Magistri* (Veneza, 1575). Embora os nossos missionários a levassem para o Oriente, a sua decadência foi-se acentuando, a partir do séc. XVII, até praticamente desaparecerem da generalidade dos livros piedosos.

Deixando em paz a edição do catecismo concani, podíamos preferir um pequeno códice de 1602 ⁽²²⁴⁾, compilação levada a cabo por um jesuíta anónimo e valiosa pelo que nos revela sobre as práticas espirituais e as orações dos membros da Companhia de Jesus. Contudo, por ainda estar dentro do séc. XVI, publicamos a edição feita pelo P.^o João Rebelo, S. J., na obra atrás citada:

Kyrie, eleison.
 Christe, eleison.
 Kyrie, eleison.
 Pater de caelis Deus, miserere nobis.
 Fili Redemptor mundi Deus, miserere nobis.
 Spiritus Sancte Deus, miserere nobis.
 Sancta Trinitas unus Deus, miserere nobis.
 Sancta Maria, ora pro nobis.
 Sancta Dei genitrix, ora pro nobis.
 Sancta Virgo virginum, ora pro nobis.
 Mater viventium, ora pro nobis.
 Mater pulchrae dilectionis, ora pro nobis.
 Mater sanctae spei, ora pro nobis.
 Paradysus voluptatis, ora pro nobis.
 Lignum vitae, ora pro nobis.

(223) *Ib.*, 168.

(224) Bibl. Nac. de Lisboa, Fundo Geral, ms. 6645, fls. 12v.-16.

Domus sapientiae, ora pro nobis.
 Porta caeli, ora pro nobis.
 Desiderium collium aeternorum, ora pro nobis.
 Civitas refugii, ora pro nobis.
 Gloria Hyerusalem, ora pro nobis.
 Sanctuarium Dei, ora pro nobis.
 Tabernaculum foederis, ora pro nobis.
 Altare thymiamatis, ora pro nobis.
 Scala Iacob, ora pro nobis.
 Speculum sine macula, ora pro nobis.
 Liliium inter spinas, ora pro nobis.
 Rubus ardens incombustus, ora pro nobis.
 Vellus Gedeonis, ora pro nobis.
 Thronus Salomonis, ora pro nobis.
 Turris eburnea, ora pro nobis.
 Favus destillans, ora pro nobis.
 Hortus conclusus, ora pro nobis.
 Fons signatus, ora pro nobis.
 Puteus aquarum viventium, ora pro nobis.
 Navis institoris de longe portans panem, ora pro nobis.
 Stella matutina, ora pro nobis.
 Aurora consurgens, ora pro nobis.
 Pulchra ut luna, ora pro nobis.
 Electa ut sol, ora pro nobis.
 Castrorum acies ordinata, ora pro nobis.
 Solium gloriae Dei, ora pro nobis.

A cunctis periculis, libera nos, Virgo gloriosa.
 Per salutarem conceptionem tuam, libera nos, Virgo gloriosa.
 Per sanctam nativitatem tuam, libera nos, Virgo gloriosa.
 Per admirabilem annunciationem tuam, libera nos, Virgo gloriosa.
 Per gloriosam ascensionem tuam, libera nos, Virgo gloriosa.
 Peccatores, te rogamus, audi nos.
 Ut veram poenitentiam nobis impetrare digneris, te rogamus, audi nos.
 Ut societatibus tibi peculiari obsequio devotas conservare et augere digneris, te rogamus, audi nos.
 Ut ecclesiae sanctae cunctoque populo christiano pacem et unitatem impetrare digneris, te rogamus, audi nos.
 Ut omnibus fidelibus defunctis requiem aeternam donare digneris, te rogamus, audi nos.

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, parce nobis, Domine.
 Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, exaudi nos, Domine.
 Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis.

Vers.: Ora pro nobis, sancta Dei genitrix,
Resp.: Ut digni efficiamur promissionibus Christi.

OREMUS

Pietate tua, quaesumus, Domine, nostrorum solve vincula peccatorum et, intercedente beata Maria cum omnibus sanctis tuis, nos famulos tuos, benefactores atque loca nostra in omni sanctitate custodi omnesque consanguinitate atque familiaritate nobis conjunctos a vitiis purga, virtutibus illustra, pacem et salutem nobis tribue, hostes visibiles et invisibiles remove, carnalia desideria repelle, aerem salubrem et fertilitatem indulge, amicis et inimicis nostris charitatem largire atque oppidum nostrum cum omnibus in eo habitantibus ab omni peste infideliumque feritate et potentia illaesum conserva et omnibus fidelibus vivis et defunctis requiem aeternam concede, omnes praelatos et cunctum populum christianum ab omni adversitate custodi et benedictio tua sit super nos semper. Per Christum Dominum nostrum. Amen ⁽²²⁵⁾.

Porta do céu, tabernáculo do Testamento, lírio entre espinhos, trono de Salomão, torre de marfim, poço de águas vivas, estrela matutina, horto cerrado — todas estas e outras invocações vêm na *Bíblia*. E por isso dizemos *ladainha da Sagrada Escritura*.

CAPÍTULO XV

Do canto das ladainhas de Nossa Senhora

Nem sempre é claro tudo o que lemos acerca das ladainhas de Nossa Senhora, por exemplo, na Companhia de Jesus. Que elas se rezavam nos seus colégios (e com maior razão nas congregações marianas) isso não oferece dúvida. Como diz uma edição quinhentista do *Ratio Studiorum* ⁽²²⁶⁾, nas regras comuns dos professores das classes inferiores, *Litaniae Beatissimae Virginis Sabbatho sub vesperum in sua classe recitari jubeat, vel, si moris sit, in templum ad easdem cum ceteris audiendas ducat*. Numa palavra, o professor, aos sábados de tarde, faria recitar, na sua aula, as ladainhas da bem-aventurada Virgem Maria ou, se fosse

(225) P.º JOÃO REBELO, S. J., *Rosario de la Sanctissima Virgen Maria Madre de Dios*, 2 (Évora, 1599) fls. 217-218v.

(226) *Ratio atque institutio studiorum Societatis Iesu* (Nápoles, 1598) 118, nas *Regulae communes professoribus classium inferiorum*, n.º 7.

costume, levaria os alunos à igreja, para assistirem a elas, com os outros.

Numa carta de Praga, a 30 de Abril de 1559, conta o P.^o Paulo Hoffaeus que, no colégio, aos domingos e dias santos da quaresma desse ano, os jesuítas cantaram as *litanias lauretanas*, diz ele, *conforme os nossos de Roma costumam cantar* ⁽²²⁷⁾. Seriam as ladainhas de agora, ou outras diferentes? Não sabemos com certeza.

Quando, a partir de 1563, as congregações marianas se espalharam pela Europa católica, julgamos que as ladainhas cantadas iriam também com elas. Em 1574, os estatutos das congregações foram refundidos e tomaram uma forma mais jurídica. Pois bem: prescreviam explicitamente várias práticas religiosas e o canto das ladainhas de Nossa Senhora, na igreja da Annunziata, em Roma. O mesmo acontecia no colégio de Clermont ⁽²²⁸⁾ e certamente noutras congregações, moldadas pela da Annunziata, *cabeça de todas as mais congregações da Companhia* ⁽²²⁹⁾.

Infelizmente, os *Estatutos da Congregação de N. Senhora da Doutrina dos Officiaes, sita na Casa de S. Roque da Companhia de Jesu, da cidade de Lisboa*, escritos em 1623, dizem-nos somente que, na tarde dos dias de comunhão, os congregados *ouvirão a Ladainha de N. S.^{ra} a que todos responderão em voz intelligivel* ⁽²³⁰⁾. Cantada? Eis o que gostaríamos de saber, pois tal congregação devia seguir as práticas das suas irmãs mais velhas do séc. XVI.

Uma coisa é certa: cantavam-se as ladainhas de Nossa Senhora em Portugal e na Índia portuguesa, pelo menos. No séc. XVII, cantavam-se obrigatoriamente aos sábados, em todas as casas da ordem dominicana, depois da salve-rainha. Porém, antes desta determinação, já muitos conventos dos frades pregadores seguiam tal costume: «Volumus et ordinamus ut in omnibus nostri Ordinis Conventibus, locis, domibus ac Monasteriis, etiam Monialium, ejusdem Deiparae Virginis Litaniae singulis diebus Sabbati, *prout in multis nostri Ordinis Conventibus pie fieri jam*

(227) *Monumenta Historica Societatis Jesu, Litterae Quadrimestres*, 6 (Madrid, 1925) 153.

(228) ÉMILE VILARET, *Les Congrégations Mariales* (Paris, 1947) 343-344.

(229) *Estatutos da Congregação de N. Senhora da Doutrina*, ms. do Arq. da Companhia de Jesus em Portugal, no prólogo.

(230) *Ib.* fl. 6.

consueverat, post Salve Regina decantentur»⁽²³¹⁾. Não fora certamente em meia dúzia de anos que tal devoção se espalhara entre os frades e freiras de S. Domingos. Tudo isto devia levar o seu tempo, atendendo ao tradicionalismo conventual, e para se generalizar (*in multis...*) devia tal devoção ter arrancado de longe.

No Museu Regional de Aveiro, existe ainda uma ladainha com música, a que já nos referimos. Pertencia ao convento de freiras dominicanas daquela cidade. No Mosteiro do Salvador, em Lisboa, cantava-se igualmente outra litania da SS. Virgem — e também a sua música chegou aos nossos dias, como vimos anteriormente.

Cantavam-se as ladainhas em latim e também em português, pelo menos no mundo lusitana do Oriente. Numa carta do vice-rei da Índia, D. Afonso de Noronha, para o jesuíta Gaspar Barzeo, escrita de Dio, a 16 de Novembro de 1552, pede o vice-rei que, aos sábados, rezem por ele uma oração que lhe manda, por ocasião das *ladaynhas de Nossa Senhora*⁽²³²⁾. Também aqui ficamos a ignorar se as cantavam ou não.

Porém, o P.^o Gonçalo da Silveira, S. J., ao escrever de Moçambique para o P.^o António de Quadros, S. J., a 12 de Fevereiro de 1560, conta-nos a sua aventureira viagem da Índia para as costas de África: «Aos sabados tomei eu pera dizer as ladainhas da Madre de Deus, que lá diziamos com os novicios [...]. Hàs ladaynhas da Madre de Deus vierão a gente do navio a tomar muita devaçoão, e o piloto e outros as treladarão, do que eu fico nam pouco consolado aver a Madre de Deus por bem de imprimirmos sua devaçoão especial até polas barcas. E pera lhes crescer a devaçoão da Virgem e suas excellencias serem mais familiares, eu pus as ladainhas da Virgem em lingoagem, com as suas oraçoões competentes pera ha navegaçoão. Mando-as a V. R. pera as ver e tambem porque pedi em casa dos novicios que mas tirassem, e quando cá has vi nam me faziam tanta devaçoão como as de latim, e essas, que se tirarão cá, pello mar faziam tanta hà gente, que nam podia ser mais, segundo parecia»⁽²³³⁾.

(231) *Regula S. Augustini et Constitutiones Fratrum Ordinis Praedicatorum* (Roma, 1690) 25. O sublinhado é nosso.

(232) *Monumenta Historica Societatis Jesu. Documenta Indica*, ed. por J. Wicki, S. J., 2 (Roma, 1950) 404.

(233) *Ib.*, 4 (Roma, 1956) 526.

Tais ladainhas traduzidas por Gonçalo da Silveira em português, embora agora não saibamos onde param, chegaram ao seu destino, juntamente com a carta. Por outro lado, diz-nos António Franco que o futuro mártir do Monotapa ordenou *humas ladainhas mui devotas*, em honra da Virgem Maria, *que os Irmãos Noviços rezávão* ⁽²³⁴⁾. Rezavam-se, simplesmente, ou cantavam-se? António Franco não é claro. Fica-nos, ainda assim, a consolação de saber que se cantava rijamente uma ladainha mariana em português, nas calmarias estagnantes.

Efectivamente, a carta de Gonçalo da Silveira continua deste modo: «Nestas calmarias se começarão ha cantar has ladainhas que antes se deziã rezadas. Ho canto formado faziam o vigairo de Çofala e o capellam do capitão que as alevantavão, e nós com o capitam e povo respondiamos em canto de lavradores [...]. Mas o canto parece que se acordou pera os louvores da Madre de Deus resoarem pelos abissos do mar até às alturas do paraíso, porque logo se sigio o sabado à noyte cantarem a sua ladainha, como ha lá mando. E certo que, asim soava nas orelhas e nas almas ha alleluia virginal, que se eu fora peixe ou dos alcatrazes que naquela parajem andavam, eu gritara ao Criador que as calmarias duraram mais do que durarão, e que se tornassem as agoas do mar doces pera nam nos quexarmos tanto hà Virgem com a mesma ladainha» ⁽²³⁵⁾.

Numa palavra: ladainhas de Nossa Senhora postas *em linguaagem* e cantadas pelos passageiros, embarcadiços e clérigos do navio. Não era só a ladainha que subia ao céu, mas também a nossa língua, nesses mares remotos. Em que música? Nada de oito vozes, como no Loreto, mas o povo a responder em *canto de lavradores*, com a música vulgar da ladainha dos santos. Afora alguns clérigos, o resto era gente rude e não seria capaz de mais — e talvez Nossa Senhora preferisse esta música de *lavradores*.

Desde aquele sábado de calmaria até Moçambique, no barco martelado pelas ondas amargas, o P.^o Gonçalo da Silveira pediu ao capitão que *se dicesse a ladaynha da Virgem* cantada, a pedir vento propício e boa viagem. *Asim se fez*, escreve o grande

(234) P.^o ANTÓNIO FRANCO, S. J., *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Coimbra*, 2 (Coimbra, 1719) 36.

(235) *Monumenta Historica Societatis Jesu. Documenta Indica*, ed. por J. Wicki, S. J., 4 (Roma, 1956) 527-528.

missionário, com todos *a cantar os pregões virginais*. E gostosamente cantavam, por serem *as cousas da Virgem de tanta mello-dia* ⁽²³⁶⁾.

CONCLUSÃO

Como nos caminhos enredados que conduzem ao Santo Graal, quase nos perdemos nesta pequena floresta de ladainhas marianas, umas grandes, outras pequenas, algumas de bom gosto, outras esteticamente falhadas. Todas elas, embora diferentes, apresentam um mesmo fundo doutrinal e, até, um certo lastro de imagens e comparações iguais, a que poderíamos chamar denominador comum.

Levar-nos-ia demasiado longe o estudo do seu conteúdo teológico e a análise estética do seu estilo. Para isso, seria preciso compor novos capítulos, de índole diferente dos que deixámos escritos. Temos, pois, de esperar para outra ocasião.

Resta-nos chamar mais uma vez a atenção para o fenómeno da evolução e sobrevivência de algumas ladainhas de Nossa Senhora. Ao longo dos séculos vagarosos, muitas invocações caíram em desuso, outras ganharam em leveza grácil e piedosa, algumas surgiram de novo, como um transeunte que se mete numa procissão que já vem de longe.

Mesmo as ladainhas que praticamente morreram, nunca desapareceram de todo, porque parte do seu conteúdo passou a outras litánias, formando-se assim uma herança de belas invocações que o instinto cristão seleccionou lúcidamente. E foi esse mesmo instinto que isolou a actual ladainha lauretana do meio das outras, concedendo-lhe um carácter ecuménico e espalhando-a pelo mundo.

Por que triunfou esta ladainha e não qualquer das suas irmãs mais antigas? Em primeiro lugar, porque Sisto V († 1590) a aprovou oficialmente, no ano de 1587. Além disso, a 6 de Setembro de 1601, a Sagrada Congregação do Santo Offício decretou que, das litánias da SS. Virgem, só as cantadas no Loreto se rezassem

(236) *Ib.*, p. 528.

oficialmente ⁽²³⁷⁾. Desta forma, muitas ladainhas marianas tiveram de se limitar, desde então, ao culto particular, o que as tornava cada vez menos conhecidas.

Em segundo lugar, temos os motivos de ordem estética e mesmo histórica. De facto, algumas litanias eram pesadas e de estrutura às vezes um pouco caótica. E uma delas, pelo menos, além de nova parece-nos artificial. Queremos referir-nos à *Ladainha da Sagrada Escritura*. Tudo leva a crer que, à data do referido decreto, ela ainda estava em uso no santuário do Loreto. Apesar disso, foi facilmente superada pela ladainha mariana dos nossos dias. É que esta, também curta e inspirada na Sagrada Escritura, enraizava mais na tradição, tinha uma espontaneidade que faltava à outra e reunia muito do que havia de mais belo no mundo das ladainhas de Nossa Senhora.

Isto, porém, não implica necessariamente a supressão *total* das suas irmãs mais velhas e até doutras mais novas.

Na *Collecção Sacro-Dolorosa* do oratoriano Martinho Pereira, publica-se uma *Ladainha da Senhora das Dores* e, logo a seguir, outra litania da mesma Senhora para alcançar a castidade ⁽²³⁸⁾.

Já vimos que no Convento das Albertas, em Lisboa, em letra do séc. XIX, copiada talvez doutro manuscrito mais antigo, existia o exemplar duma ladainha arcaica, com o título de *Ladainha milagrosa contra tempestades, trovoadas, tormentas, a qual todos os sabbados se canta na Minerva de Roma, e a quem a rezar ou cantar, ou assistir a ella, concedeo o Papa Gregorio XV cem dias de perdão de peccados* ⁽²³⁹⁾.

Ainda nos começos do século passado, rezava-se uma ladainha de estrutura bem diversa da lauretana, tão diversa que um dia não resistiremos ao gosto de a transcrever integralmente ⁽²⁴⁰⁾.

Já vimos também como a ladainha do rosário conseguiu sobreviver longamente entre nós ⁽²⁴¹⁾.

Por agora, limitamo-nos a arquivar, nestas páginas, as litanias rezadas em Portugal, na Idade Média e no séc. XVI — bonitas

(237) GASPARRI, *Codicis Juris Canonici Fontes*, 4 (Cidade do Vaticano, 1951) 1-2.

(238) P.^o MARTINHO PEREIRA, *Collecção Sacro-Dolorosa* (Lisboa, 1791) 288-295.

(239) Bibl. Nac. de Lisboa, Fundo Geral, Caixa X, 2-25.

(240) *Sete ladainhas para todos os dias da semana* (Lisboa, 1806) 57 e ss.

(241) Torre do Tombo, Biblioteca, ms. 2156, fls. 85v.-93v.; Bibl. Nac. de Lisboa, Fundo Geral, caixa X, 2-25, pp. 1-8.

ou feias, complicadas ou simples. Outras haveria, cuja notícia não chegou até nós e que algum dia viremos a descobrir, pois em história nunca podemos dizer que sabemos tudo.

As ladainhas arquivadas nestas páginas ajudam os homens de hoje a conhecer a vasta floração litânica em torno da Virgem Maria. Em grande parte, trata-se dum mundo quase desaparecido. Porém, o seu espírito ficou e, também, alguma coisa da sua estética literária, mesmo em composições que não são propriamente ladainhas marianas.

APÊNDICE

Ladainha do Ilum. 619, da Biblioteca Municipal do Porto

Embora venha num manuscrito medieval, só em apêndice nos referimos à ladainha deste códice iluminado. É que não sentimos suficiente segurança para introduzir tal ladainha entre as que se rezavam em Portugal. Não por estar num manuscrito de além-Pirenéus, mas por fazer parte dum conjunto pouco acessível ao leitor vulgar. Contudo, não queremos negar a possibilidade de tal ladainha ser rezada em Portugal, pois o manuscrito interessou a alguém e para cá veio.

É um manuscrito do séc. XV, quase todo em francês arcaico (geralmente mais arcaico do que a letra do códice) e de conteúdo variado, por exemplo: a *Image du Monde*, versificada em francês pelo poeta Gossuin de Metz, nos meados do séc. XIII, preceitos morais em rima, orações em verso, louvores de Nossa Senhora, orações, uma explicação da missa, versos às dores da Virgem Maria, as *Horas da Cruz*, em prosa francesa, ladainhas em latim, o *Ofício de Nossa Senhora*, na mesma língua, os sete salmos penitenciais, sinais do fim do mundo e uma *escada* espiritual de trinta degraus, etc..

Destas páginas isolamos a ladainha de Nossa Senhora, por muita gente a desconhecer e na esperança vaga de alguns portugueses dos tempos idos terem poisado nestas invocações marianas o seu olhar curioso e devoto:

LA LETANIE

Kyri[e], eleyson.

Christ[e], eleyson .

Christe, audi nos.

Pater de celis Deus, miserere nobis.

Fili redemptor mundi Deus, miserere nobis.

Spiritus Sancte Deus, miserere nobis.

Sancta Trinitas unus Deus, miserere nobis.

Sancta Maria, ora pro nobis.

Sancta Maria, excellentissima regina, ora pro nobis.

Sancta Maria benignissima, ora pro nobis.

Sancta Maria beatissima, ora pro nobis.

Sancta Maria, clementissima domina, ora pro nobis.

Sancta Maria, consolatio ad te confugientium, ora pro nobis.

Sancta Maria plena omni pietate et dulcedine, ora pro nobis.

Sancta Maria, mater eterni regis, ora pro nobis.

Sancta Maria, pulchritudo angelorum, ora pro nobis.

Sancta Maria laude dignissima, ora pro nobis.

Sancta Maria, flos patriarcharum, ora pro nobis.

Sancta Maria, desiderium prophetarum, ora pro nobis.

Sancta Maria, gaudium apostolorum, ora pro nobis.

Sancta Maria, laus martyrum, ora pro nobis.

Sancta Maria, gloria sanctorum, ora pro nobis.

Sancta Maria, virgo virginum, ora pro nobis.

Sancta Maria, Dei genitrix, ora pro nobis.

Sancta Maria, virgo immaculata, ora pro nobis.

Sancta Maria, decus virginum, ora pro nobis.

Sancta Maria, castitatis exemplum, ora pro nobis.

Sancta Maria, super omnes benedicta, ora pro nobis.

Sancta Maria, extende manum tuam et tange cor meum, ut fiat voluntas Dei in me et illumines et libera me, famulum tuum.

Sancta Maria, Dei genitrix, per manum filii tui Jhesu Christi, salvatoris nostri, qui in utero tuo incarnari voluit, miserere michi, famulo tuo.

Sancta Maria, virgo perpetua, pro dilectione filii tui, qui te exaltavit super choros angelorum, ora pro nobis.

Sancta Maria, adjuva me et intercede pro me, ut custodiat me Deus ab omni malo preterito, presenti et futuro.

Sancta Maria, spes miserorum, ora pro nobis.

Sancta Maria, dyadema sanctorum, ora pro nobis.

Sancta Maria, decoratrix omnium, ora pro nobis.

Sancta Maria, dulcedo tribulationis, ora pro nobis.

Sancta Maria, lucida stella maris, ora pro nobis.

Sancta Maria, porta celi potentissima, ora pro nobis.

Sancta Maria, conscia secretorum Dei, ora pro nobis.

Sancta Maria virgo, intercede pro toto mundo.

Kyri[e], eleyson.
Christ[e], eleyson.
Kyri[e], eleyson.
Sancta Maria, ora pro nobis ⁽²⁴²⁾.

Deve ser do séc. XIV/XV e lembra, em boa parte, a litania mariana dum *Officium Beatae Virginis*, em caracteres do séc. XV, dum convento de freiras alemãs ⁽²⁴³⁾. Porém, estudando-as em todos os seus títulos e até ao fim, encontramos-nos perante duas ladinhas diversas (embora com pontos de contacto, entre eles a repetição final do *Kyrie eleison*, para não falarmos duma série de invocações iguais). E só nos falta dizer: Santa Maria, excelentíssima rainha e clementíssima senhora, consolação dos que em ti se refugiam, cheia de piedade e doçura, beleza dos anjos, flor dos patriarcas, alegria dos apóstolos, louvor dos mártires, glória dos santos, virgem imaculada, esperança dos desgraçados, coroa dos santos, doçura na tribulação, luzente estrela do mar — roga por nós e intercede pelo mundo inteiro!

MÁRIO MARTINS, S. J.

(242) Bibl. Mun. do Porto, ms. ilum. 619, fls. 110v.-111.

(243) ANGELO DE SANTI, *Die Lauretansche Litanei* (Paderborn, 1900) 63-64.

Agnus Dei son

Christe Elei son

Sancta Trinitas unus


Deus misericordie nobis

Ladainha de Nossa Senhora do Rosário,

ms. do Museu Regional de Aveiro, fl. 1



Ladainha de Nossa Senhora do Rosário,
 ms. do Museu Regional de Aveiro, fl. 1v


 ora pro nobis
 Sancta virgo virginiū: o
 Mater veritatis ora
 Mater pietatis ora
 Mater caritatis ora
 Virgo potentissima ora
 Virgo prudentissima ora
 Virgo clementissima ora
 Ancilla dñi mitis ora
 Ancilla xp̄i humilis ora

Ladainha de Nossa Senhora do Rosário,
 ms. do Museu Regional de Aveiro, fl. 2

Regina virginum: ora
 Regina sanctorū omnium ora

Regina virginum in seculo

Ab omni malo et pe

ccato libera nos dñe
 Per salutificā cōceptionē tuā
 per salutificā natiuitatē tuā
 per beatam presentacionē
 tuā:

Ladainha de Nossa Senhora do Rosário,
 ms. do Museu Regional de Aveiro, fl. 4v

Liuro III. da Fundação do
 não custuma se poem aqui pera os
 deuotos de nossa Senhora o canto
 tambem; porque entoada bem faz
 muita deuação.



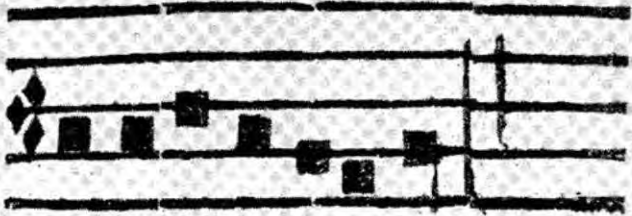
Digna laude Angelorú, lux & vita



peccatorú, Tu quæ mater es reorú,
 Da

SOROR MARIA DO BAPTISTA, Livro de Fundação do Mosteiro do Salvador
 da Cidade de Lisboa (Lisboa, 1618), fl. 122v

Mosteiro do Salvador. 123



Da nobis quod petimus.

O Maria templum Dei
 Mater veri Nazarei
 Tu quam mater vocat Dei,
 Da nobis quod petimus,
 Creatoris creatura
 Pia, casta, dulcis, pura,
 Tu quæ boni es datura
 Da nobis quod petimus.
 Tu quæ plena es dulcoris
 Vas virtutum, vas honoris:
 Quæ es clemens cunctis horis

Q 3 Da